UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

TIAGO EVANDRO PINTO

AGRICULTURA E MEMÓRIA SOCIAL:

O TRABALHO DE SITIANTES DOS BAIRROS RURAIS CÓRREGO BONITO DELGADO E FRADES EM LIMEIRA – SP

LIMEIRA

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS

TIAGO EVANDRO PINTO

AGRICULTURA E MEMÓRIA SOCIAL:

O TRABALHO DE SITIANTES DOS BAIRROS RURAIS CÓRREGO BONITO DELGADO E FRADES EM LIMEIRA – SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas como requisito para obtenção de título de Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Francisca Bezerra Gemma

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior

O arquivo digital corresponde à versão final da dissertação defendida pelo aluno Tiago Evandro Pinto, orientada pela Profa. Dra. Sandra Francisca Bezerra Gemma e coorientada pelo Prof. Dr. Eduardo José Marandola Junior.

LIMEIRA

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

P658a

Pinto, Tiago Evandro, 1988-
Agricultura e memória social : o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira - SP / Tiago Evandro Pinto. – Limeira, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Sandra Francisca Bezerra Gemma.
Coorientador: Eduardo José Marandola Junior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Bairros. 2. Camponeses. 3. Trabalho. 4. Evolução social. I. Gemma, Sandra Francisca Bezerra, 1964-. II. Marandola Junior, Eduardo, 1980-. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Agriculture and social memory : the work of peasants from the rural neighborghoods Córrego Bonito Delgado and Frades in Limeira, State of São Paulo
Palavras-chave em inglês:
Neighborhoods
Peasants
Work
Social evolution
Área de concentração: Modernidade e Políticas Públicas
Titulação: Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Banca examinadora:
Sandra Francisca Bezerra Gemma [Orientador]
Roberto Donato da Silva Júnior
Larissa Mies Bombardi
Data de defesa: 27-02-2019
Programa de Pós-Graduação: Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-7842-5637
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/5454184367815049

FOLHA DE APROVAÇÃO

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Presidente da banca/Orientadora:

Profa. Dra. Sandra Francisca Bezerra Gemma

FCA/UNICAMP

_____

Banca interna:

Prof. Dr. Roberto Donato da Silva Júnior

FCA/UNICAMP

_____

Banca externa:

Profa. Dra. Larissa Mies Bombardi

FFLCH/USP

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Dedico este trabalho à memória de Isabel Ramona Barbosa Delgado que partiu no decorrer da pesquisa, mas que deixou aqui sua marca no tempo, sua marca no mundo.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são para aqueles que se dispuseram a narrar suas histórias, suas memórias, sem as quais este trabalho não seria possível. A simplicidade, a disponibilidade e a confiança depositada em mim foram de extrema importância para que as lembranças fossem genuinamente narradas e colocadas aqui como forma de composição das memórias de suas vidas, de seus trabalhos, de suas dores e suas alegrias. Suas memórias são também minhas.

Agradeço a minha orientadora, professora Sandra Francisca Bezerra Gemma pelo acolhimento do projeto, pelas discussões, orientações e acompanhamento. Gratidão também ao meu coorientador, professor Eduardo José Marandola Junior por também acompanhar o desenrolar da pesquisa, pelas conversas e contribuições. Agradeço a todos os professores do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – ICHSA que tive contato, verdadeiros mestres.

Agradeço aos professores da banca de qualificação Roberto Donato da Silva Júnior e Larissa Mies Bombardi pela disposição e colaboração à pesquisa e pelo retorno na defesa. Gratidão aos colegas da turma de mestrado ICHSA 2017. Muitos que se tornaram verdadeiros amigos e que sempre vou carregar comigo. Gratidão a Eugênio Benedictus Cassaro Filho, a Flavia Traldi de Lima, a Nara Almeida, a Carolina Braz Góes pela força nas transcrições e a Luís Godoy pela companhia durante a escrita de boa parte deste trabalho.

O mundo que me foi dado para viver é o que estou inserido e tento modificá-lo com o vigor do meu verbo encantatório, da minha parca lábia. Vejo o mundo violento como um jogo de armar, desarmar e muito amar.

Wally Salomão

RESUMO

Nesta pesquisa parte-se da experiência do trabalho de sitiantes oriundos dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades no município de Limeira – SP. Bairro rural compreende uma agregação de famílias que reproduzem o modo de vida de sitiante, de camponês, dentro de suas unidades de produção, o sítio camponês. Os bairros rurais apresentam-se como formação socioespacial, como lugar de vida, de referência e são produzidos pela lógica camponesa como modo de vida. Este modo de vida é centralizado pela força de trabalho familiar, grupo que tem no trabalho na terra o engajamento para a reprodução da vida. A agricultura, assim, é a prática pela qual os sitiantes mantêm-se a partir de um saber e de uma técnica. A organização e divisão social do trabalho camponês operam, assim, por um saber-fazer relacionado a uma técnica para a produção de cultivos que possibilitem sua reprodução social. Técnica que passou por grandes transformações, partindo de uma natureza artesanal para a absorção da mecanização e uso de insumos e defensivos químicos no contexto da expansão do modelo de agricultura da "revolução verde". O objetivo nesta pesquisa, então, foi narrar a experiência do trabalho no campo e a percepção das mudanças pelos sitiantes. Procedeu-se à história oral como metodologia, como construção de narrativas sobre a experiência espaço-temporal, considerando a memória social como produto desta experiência de teor epistemológico e político. Deste modo, a partir desta metodologia, construiu-se a história dos bairros, de suas instituições sociais e lugares simbólicos. E verificou-se que a mecanização e o uso de produtos químicos na agricultura promoveram intensificação da produtividade, contudo questões econômicas como a sujeição da renda da terra pelas indústrias de suco de laranja da região e mais atualmente pela produção de cana-de-açúcar não têm permitido uma continuidade destes sitiantes no trabalho na própria terra, além também dos custos de produção e da falta de força de trabalho. Contudo, o espírito coletivo permitiu a formação da Associação dos Produtores Agrícolas de Limeira – APAL, sediada no bairro dos Frades. Assim, o desejo de manterem-se na vida na roça tem sido uma forma de resistência, de vida associada à ligação com a terra e com a família no trabalho.

Palavras-chave: bairros, campesinato, trabalho, modernização.

ABSTRACT

This research is based on the experience of the work of peasants from the rural neighborhoods Córrego Bonito Delgado and Frades in the municipality of Limeira, State of São Paulo. Rural neighborhood comprises an aggregation of families that reproduce the way of life of peasant, within their production units, the peasant site. Rural neighborhood present themselves as socio-spatial formation, as a place of life, of reference and are produced by the peasant logic as a way of life. This way of life is centralized by the family labor force, a group that has in the work on glebe the engagement for the reproduction of life. Agriculture, therefore, is the practice by which the peasants keep themselves from a knowledge and a technique. The organization and social division of peasant labor thus operate by a know-how related to a technique for the production of crops that enable its social reproduction. Technique that underwent great transformations, starting from an artisanal nature for the absorption of the mechanization and use of chemical inputs and defenses in the context of the expansion of the model of agriculture of the "green revolution". The objective of this research, then, wasto narrate the experience of the work in the field and the perception of the changes by the peasants. Oral history was used as methodology, as the construction of narratives about the space-time experience, considering social memory as the product of this experience of epistemological content. Thus, from this methodology, the history of the neighborhoods, their social institutions and symbolic places was constructed. And it has been found that mechanization and the use of chemicals in agriculture have promoted increased productivity, yet economic issues such as the subjection of land rent by the orange juice industries of the region and more currently by the production of sugar cane has not allowed a continuity of these peasants in the work in own land, besides, also of the costs of production and the lack of work force. However, the collective spirit allowed the formation of the Association of Agricultural Producers of Limeira - APAL, based in the rural neighborhooh of Frades. Thus, the desire to keep the life in the countryside has been a form of resistance, a life that is associated with the land and with familiar labor.

Key-words: neighborhoods, peasants, work, social evolution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – ISABEL E PEDRO BARBOSA 35
FIGURA 2 – ENTREVISTADOS E LIGAÇÕES DE PARENTESCO 39
FIGURA 3 – MINO FRADES 48
FIGURA 4 – MAPA DOS BAIRROS RURAIS CÓRREGO BONITO DELGADO E FRADES 50
FIGURA 5 – ELEMENTOS DE UM SÍTIO 51
FIGURA 6 – ESCOLA DOS DELGADOS 53
FIGURA 7 – TURMA E FORMATURA DA ESCOLA DOS DELGADOS 54
FIGURA 8 – DITO LEITÃO, RITA PIRES BARBOSA E FAMÍLIA 56
FIGURA 9 – ANTIGAS PROCISSÕES DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS 57
FIGURA 10 – REFORMA DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS 58
FIGURA 11 – PROCISSÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS 59
FIGURA 12 – MANUEL PINTO E OUTROS CARREIROS 60
FIGURA 13 – VENDA E BALANÇA 62
FIGURA 14 – SANTA CRUZ DE JOÃO DE OLIVEIRA DELGADO 63
FIGURA 15 – FAMÍLIA DE ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO 70
FIGURA 16 – ENSAQUE DE ALGODÃO 74
FIGURA 17 – FOGÃO À LENHA DE ISABEL 76
FIGURA 18 – ENGENHO 83
FIGURA 19 – BENEDITO DELGADO COM ARADO DE TRAÇÃO ANIMAL 84
FIGURA 20 – INSTRUMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL: ARADO, GRADES E CARPIDEIRA 85
FIGURA 21 – FERRO DE COLHER ARROZ 85
FIGURA 22 – PREPARAÇÃO DE MUDAS DE LARANJA 88
FIGURA 23 – TRATOR MASSEY FERGUSON 96
FIGURA 24 – TRATOR MASSEY FERGUSON E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS 96
FIGURA 25 – PULVERIZAÇÃO DO ALGODÃO 97
FIGURA 26 – EMBALAGEM DE LARANJA 100
FIGURA 27 – PLANTAÇÃO DE CANA NO SÍTIO DE ANTÔNIO E MARGARIDA PAES 103
FIGURA 28 – ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS DE LIMEIRA 106

LISTA DE TABELA E QUADRO

TABELA 1 – INFORMAÇÕES SOBRE AS ENTREVISTAS 38
QUADRO 1 – EXEMPLO DE TRANSCRIAÇÃO 40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO 1 - O TEMPO DA MEMÓRIA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA E METODOLÓGICA 19

1.1 As formas de elaboração do passado e as relações entre história e memória 21
1.2 A natureza da memória: entre indivíduo e coletividade 26
1.3 A memória e a história oral: conhecimento e política 28
1.4 A memória coletiva e a comunidade de destino 32
1.5 A dimensão rural do município de Limeira em perspectiva 36
1.6 Pesquisa de campo, entrevistas e formas de tratamento do material 37

CAPÍTULO 2 - OS BAIRROS RURAIS CÓRREGO BONITO DELGADO E FRADES: LUGARES DE VIDA, SUAS FORMAÇÕES, INSTITUIÇÕES SOCIAIS E ESPAÇOS SIMBÓLICOS 41

2.1 Nascer e habitar: narrativas sobre a vida. 42
2.2 Histórias que me contaram: origem das famílias 45
2.3 A formação e dimensão dos bairros rurais 46
2.4 O sítio: unidade de produção social 50
2.5 O lápis em pequenas mãos calejadas: o processo de alfabetização e a origem da escola dos Delgados 52
2.6 Tempo sagrado e a instituição da Igreja São Francisco de Assis 55
2.7 Idas e vindas: entre os sítios e as cidades 60
2.8 A venda, espaço de comércio na área rural 61
2.9 O simbólico da Santa Cruz: lugares de memória 62

CAPÍTULO 3 - O TRABALHO DA MEMÓRIA E A MEMÓRIA DO TRABALHO: A PRÁTICA DA AGRICULTURA E SUAS MUTAÇÕES NOS BAIRROS RURAIS CÓRREGO BONITO DELGADO E FRADES 65

3.1 A roça como destino: a dimensão social do trabalho 68
3.2 Plantar e colher: o saber camponês, trabalho e técnica 77
3.3 O corpo que sabe, o corpo que sofre: trabalho e sublimação 89
3.4 O tempo da modernização: o trabalho diante da agricultura racionalizada nos ciclos do algodão e da laranja 94

3.5 A EXPANSÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR NOS BAIRROS RURAIS E A QUESTÃO DO TRABALHO E DA RENDA DA TERRA 102
3.6 NARRATIVAS DA HISTÓRIA DO PRESENTE: AONDE CHEGAMOS?..... 104
CONSIDERAÇÕES FINAIS 108
REFERÊNCIAS 110
APÊNDICE A – ROTEIRO 115
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... 116
APÊNDICE C – NARRATIVAS PARA ELABORAÇÃO DO MAPA 119
APÊNCICE D – NARRATIVAS SOBRE AS SANTAS CRUZES 120
ANEXO A – CARTAZ DA FESTA EM LOUVOR A SÃO FRANCISCO DE ASSIS..... 124

INTRODUÇÃO

Os temas centrais desta dissertação são o campesinato, o trabalho e a memória. Meu propósito é desvendar estas esferas de um modo de vida engendradas por circunstâncias, por expressões de um mundo. O "mundo" camponês desvelado aqui tem nos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades no município de Limeira, interior de São Paulo seu lugar, suas unidades de produção social, sua territorialidade. Mundo enraizado pela agricultura, pelo trabalho na/da terra.

A agricultura como prática social pode ser pensada na ação diretamente vinculada à manutenção da vida que se realiza a partir de estruturas culturais, políticas e econômicas. Dentro do campesinato como modo de vida, a agricultura é prática organizada social e espacialmente. O campesinato ou os campesinatos constituem-se como um meio de reprodução da vida e são configurados pelos seus códigos sociais, pela apropriação e simbolização da natureza, por saberes e técnicas elaborados diante da necessidade e do enfrentamento cotidiano do trabalho.

Uma das formas de organização e de territorialidade camponesa é o bairro rural compreendido essencialmente por unidades de produção. Bairros rurais, bastante comuns no estado de São Paulo, compreendem congregação de unidades de produção social vizinhas de estreita relação social, marcadamente associada a laços consanguíneos (QUEIROZ, 1973). Os bairros rurais são lugares de vida, de apropriação simbólica e de agregação social. Referências espaciais, constituem-se de instituições gregárias como centros comunitários, núcleos religiosos e escolas. Assim, formam-se pela solidariedade e pela vida em comunidade.

A dimensão espacial é prerrogativa para a reprodução camponesa. Seu espaço ocupado constitui-se como lugar amalgamado a estruturas de unidades de produção social e territorial. O espaço onde sociedades camponesas empenham sua força de trabalho torna-se lugar quando transforma-se em medida humana da terra pela apropriação e pelo trabalho. Este espaço apropriado e produzido compreende também unidades de produção social dotada de elementos que simbolizam este modo de vida (WOORTMANN, 1997), e que compõe o bairro rural como unidade territorial.

O trabalho é a força central que permite a manutenção da agricultura camponesa, da unidade de produção social e do bairro rural como territorialidade camponesa. O trabalho camponês estrutura-se por um engajamento familiar e opera pela coletividade, contudo, é

dotado de uma divisão social (BRANDÃO, 1995; WORTMANN, 1997). Além da apropriação da unidade de produção, a reprodução camponesa ocorre também pela construção e apropriação de um saber-fazer elaborado pela prática cotidiana da agricultura e transpassado pelas gerações.

Assim, desdobrar-se diante de um bairro rural pode ser um empenho para compreender quais são suas particularidades quanto a sua formação, a práticas agrícolas, a saberes, a técnicas de cultivo, ao trabalho e aos afetos. Ainda, é um empenho que pode revelar questões relacionadas aos caminhos da agricultura, considerando que atualmente há um embate entre aqueles que por gerações têm realizado o trabalho da terra e externalidades que os atravessam como modelos de agricultura e forças que promovem a subordinação da renda de suas terras.

Então, quem pode realizar este desdobramento? Como pode?

Trajetórias camponesas podem encontrar outras trajetórias preocupadas com suas questões. Aqui, ambas estão estreitamente arraigadas, pois há uma força pessoal motivadora deste desdobramento. Ela condiz com o fato de que sou oriundo de um bairro rural e que ao defrontar-me com impasses que envolvem a agricultura contemporânea em minha experiência acadêmica, notadamente graduação em geografia, realizo um exercício acadêmico de retorno crítico, agora no mestrado interdisciplinar em ciências humanas e sociais aplicadas.

Nascido no bairro rural dos Frades e com fortes relações com o bairro Córrego Bonito Delgado, ambos no município de Limeira, sou descendente de sitiantes. Esta é a forma como os camponeses destes bairros e também dos bairros vizinhos se reconhecem. Sitiante é aquele que, detentor de sua unidade de produção, o sítio, trabalha e produz em sua própria terra através da força central de trabalho da família (BRANDÃO, 1995). E por esta circunstância, desenvolvi esta pesquisa num claro envolvimento já enraizado com os sitiantes. Estes, como minha comunidade de destino (BOSI, 1994).

Os laços consanguíneos que possuo com grande parte dos sitiantes que participaram desta pesquisa representam a força que dá a este estudo dimensão autobiográfica. Trata-se de uma pesquisa que considera a virada paradigmática proposta por Boaventura de Sousa Santos (2011). Nomeadamente, a quebra do ideal da neutralidade científica para a emergência de uma ciência que congrega agentes e não os separa ou os hierarquiza. Compreender a trajetória destes sitiantes é compreender e construir meu lugar no mundo.

Esta trajetória é questão central nesta pesquisa, sobretudo o trabalho realizado pelos sitiantes. O trabalho é mais que uma disposição mecânica, caracteriza-se como produção que também produz o sujeito. É ação ativa, é vivo (DEJOURS, 2012b). Dentro das sociedades camponesas o trabalho é dotado de valor moral, é aprendido a partir da introdução das novas gerações em seu exercício cotidiano e é organizado de acordo com uma divisão social realizada pelo grupo (BRANDÃO, 1995). Ainda, empreende-se a partir de um saber-fazer, de uma técnica estruturada pela prática, pela necessidade e pela experiência circunstancial com a terra e com o tempo da natureza.

A técnica envolvida na agricultura como ação produtiva conheceu nos últimos anos grandes transformações. De natureza artesanal como o uso de implementos de tração animal, a técnica passou a realizar-se através dos aparatos oriundos da modernização da agricultura. A mecanização, sobretudo, determinou um outro tempo para a agricultura. Vinculada à adesão ao pacote tecnológico da chamada "revolução verde" como sistema produtivo convencional, a agricultura foi atravessada pelo modelo centrado nesta mecanização e no uso de insumos e agroquímicos para controle de doenças e pragas e de sementes modificadas (DELGADO, 2001; SHIVA, 2003).

Os itens agrícolas cultivados pelos sitiantes são produtos que anteriormente possibilitavam determinada subsistência. O milho e o arroz, entre outros, depositados para consumo no próprio sítio também eram trocados como excedentes. A circulação destes bens operava-se na intenção de reverter ao sítio e aos sitiantes produtos não produzidos em suas unidades de produção. Além destes cultivos agrícolas, os sitiantes aqui participantes passaram por dois importantes ciclos econômicos, o algodão e a laranja. Foi no ciclo da laranja que o modelo produtivo da modernização ampliou-se e foi um ciclo que ascendeu pela valorização do produto pelas indústrias de suco da região e que passou a declinar a partir da desvalorização da produção dos sitiantes.

Atualmente, as dificuldades de produção e as transformações da força de trabalho familiar têm promovido um processo de arrendamento pelos sitiantes dos bairros aqui estudados de suas terras para setores produtores de cana-de-açúcar. Ainda que haja forças de resistência, é notória a marcha da monocultura canavieira.

Resta a questão: como? Para tangenciar a formação histórica destes bairros e compreender as transformações ao longo do tempo do modo de vida dos sitiantes lancei mão da história oral como metodologia. A história oral compreende uma forma de tocar a

experiência no tempo através da força da memória (FREITAS, 2006). É narrativa que possibilita tornar o tempo humano (RICOEUR, 1994). Memória que é concebida pela simbolização e elaboração das experiências no tempo e também constituída a partir da relação entre indivíduo e coletividade. Memória que é coletiva (HALBWACHS, 1990). Há, já no início desta pesquisa, um aprofundamento sobre a dimensão epistemológica da memória e sua relação com a história.

Deste modo, os objetivos desta pesquisa incluem: (a) compreender os laços referenciais destes sitiantes com os bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades, construir a história de suas formações, a constituição e o papel de instituições sociais como a igreja e a escola, as relações entre campo e cidade e seus lugares simbólicos. Ainda, (b) apreender os valores, divisões sociais e transformações técnicas do trabalho. A construção do saber-fazer, as correspondências entre agricultura e tempo da natureza e a dimensão "encarnada" do modo de vida e do trabalho dos sitiantes. E (c) compreender as dinâmicas e transformações da força de trabalho empenhadas nos sítios, apreender os efeitos da modernização para o trabalho e do papel do ciclo da laranja e mais recentemente da cana-de-açúcar como forças de subordinação do trabalho camponês e de suas terras à agricultura capitalista.

Assim, no primeiro capítulo denominado de *O tempo da memória nas ciências humanas e sociais: uma perspectiva teórica e metodológica* realizo uma discussão acerca dos caminhos que a memória como dimensão humana correu para ocupar espaço dentro das áreas de conhecimento preocupadas com a elaboração do passado. Perpasso pela face epistemológica da memória, bem como seus usos políticos. Ainda, traço os percursos metodológicos do estudo centrados na história oral como metodologia e explano o tratamento realizado com as memórias constituídas em campo.

No segundo capítulo intitulado *Os bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades: lugares de vida, suas formações, instituições sociais e espaços simbólicos* incorporo a questão da relação entre tempo e espaço e seus desdobramentos na memória. Trago a relação destes sitiantes com seus lugares de vida, as narrativas sobre a origem, formação e dimensão dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades.

Abordo as instituições sociais como a igreja São Francisco de Assis e da escola dos Delgados. Discuto a questão do papel da cidade para estes sitiantes. Descrevo o papel da venda como lugar de comércio e perpasso pelo significado social das capelas presente nos

bairros chamadas de Santa Cruz compreendendo-as como lugares de memória. Constituindo, assim, a dimensão simbólica e comunitária da vida em bairros rurais.

No terceiro capítulo denominado de *O trabalho da memória e a memória do trabalho: a prática da agricultura e suas mutações nos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades* faço uma discussão sobre a esfera social do trabalho, sobre suas fissuras e a autonomia. Coloco a questão do saber camponês, da técnica e da dimensão do trabalho enquanto saber que é corpopriação (DEJOURS, 2012b).

Seguidamente, apresento os efeitos da modernização no campo para estes sujeitos envolvidos na pesquisa nas esferas da passagem da técnica "artesanal" para a mecanização, dos cultivos e dos usos de insumos e agroquímicos, considerando seus efeitos para o trabalho. A questão da apropriação da renda da terra pelas indústrias de suco de laranja e atualmente pelo setor de produção de cana-de-açúcar é traçada de forma mais descritiva, porém, possibilita compreender seus desdobramentos.

O desfecho deste capítulo apresenta a percepção da história do cotidiano, ou seja, como os sitiantes elaboram a vida presente no campo a partir deste exercício de construção da memória e como veem na edificação de uma associação, da Associação dos Produtores Agrícolas de Limeira, meio de resistência e manutenção da vida no campo e do sítio como unidade de produção social.

CAPÍTULO 1

O TEMPO DA MEMÓRIA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: UMA PERSPECTIVA TEÓRICA E METODOLÓGICA

Fonte: T. E. P., 12/02/2018. Benedita Aparecida Barbosa Delgado.

Rumo ao sumo, Paulo Leminski (2013, p. 267)

Disfarça, tem gente olhando.
Uns, olham pro alto,
cometas, luas, galáxias.
Outros, olham de banda,
lunetas, luares, sintaxes.
De frente ou de lado,
sempre tem gente olhando,
olhando ou sendo olhado.

Outros olham para baixo,
procurando algum vestígio
do tempo que a gente acha,
em busca do espaço perdido.
Raros olham para dentro,
já que dentro não tem nada
Apenas um peso imenso,
a alma, esse conto de fada.

As interpretações para o poema *Rumo ao sumo* de Paulo Leminski (2013) podem ser múltiplas e vastas. Interpretá-lo é mais uma criação de sentido que uma verificação mecânica em busca de uma razão unívoca. Para as primeiras palavras deste texto este poema permite a criação de um sentido. Sentido criado a partir do contexto em que este trabalho está inserido, notadamente um campo científico, o campo das ciências humanas e sociais.

O poeta transforma em versos a percepção que tem do mundo e os sentidos que atribui às experiências que lhe atravessam. Por muito tempo as preocupações e aflições humanas foram expressas pelos poetas. E ainda são. Interpretes de mundos, aqueles internos concernentes às circunstâncias espaço-temporais. Mundos que já tem provocado preocupações para além das inquietações dos poetas.

Os versos de Leminski (2013) podem se relacionar com os sentidos construídos por aqueles debruçados sobre as questões do pensamento e da ciência. Num dado momento, o homem-científico debruçou sobre si mesmo. Após explorar o mundo e até mesmo o universo, este homem curvou os olhos para os próprios pés. Até então, este era um movimento raro para além da filosofia ou da teologia. Olhar para si, para dentro de si tornou-se, então, um empreendimento científico.

Contudo, este empreendimento foi cooptado por forças hegemônicas num contexto político-científico-ocidental. Em meados do século XIX o homem-científico passou

a contornar as questões humanas e sociais dominado por um regime de pensamento designadamente eurocêntrico. Regime racional e nomotético oriundo do engajamento destes agentes em criar uma ciência afastada de um determinado obscurantismo. Regime fruto do tempo em que este homem esteve comprometido em desvendar o que lhe era externo. Olhando para o céu em busca de cometas através de lunetas e olhando para a Terra em busca de vestígios.

Assim, a ciência ocidental passou a engendrar um campo científico voltado para as questões humanas e sociais marcado por um paradigma científico imbuído no afastamento do que chamou de metafísico. Contudo, como o próprio poeta disse, olhar para dentro é olhar para alma, este "conto de fada". Olhar para dentro não é poluir-se e sim contornear os sentidos da experiência humana. O peso imenso da alma, como diz o poeta, pode ser a angústia da vida, mas também a medida de tudo o que se vive, memória.

O objetivo deste capítulo, então, é discutir a questão da memória enquanto dimensão da experiência humana que pode ter um traço epistemológico. A memória é o "conto de fada" deste trabalho. Desta maneira, será abordada a trajetória da memória no campo das ciências humanas e sociais, especialmente no campo da história. Ainda, as relações entre a história e a memória.

Deste modo, há um empenho em desmembrar o campo teórico em que a memória está presente, compreendendo sua inserção e valorização no campo científico como construção simbólica da experiência no tempo. Experiência individual-coletiva (HALBWACHS, 1990). Na esfera metodológica, busca-se elucidar bases para o uso da história oral como procedimento de campo que permite a apropriação de narrativas sobre a experiência no tempo.

Ao cabo deste capítulo está a inserção da perspectiva da história oral como metodologia na pesquisa. Assim, coloca-se em relevo o comprometimento com o grupo para o qual se dedicou envolvimento, nomeadamente sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira. Ainda, a organização técnica da pesquisa, entrevistados e tratamento das memórias recolhidas em campo.

1.1 As formas de elaboração do passado e as relações entre história e memória

A memória, intrínseca à experiência humana, possui um valor sensível referente à apreensão dos sentidos das vivências de cada indivíduo ou grupo social e à construção de

conhecimento. Sua natureza subjetiva por vezes posta à prova como préstimo científico suspeito tem sido resignificada, sobretudo pelo percurso iniciado na ciência histórica. Deste modo, os usos da memória têm encontrado maiores espaços dentro das ciências humanas e sociais de acordo com um largo processo de discussão teórico-metodológica.

A relação direta da memória com o tempo a fez emergir como face da natureza humana dentro dos campos de conhecimento preocupados com a compreensão do passado, especialmente do lugar do passado nas sociedades (LE GOFF, 2013). Por conseguinte, a memória passou a ser considerada como um "nível elementar de elaboração histórica" (LE GOFF, 2013, p. 51), após um processo de desconstrução de paradigmas e bases epistemológicas nas quais as ciências humanas e sociais modernas foram concebidas.

As questões humanas apareceram como preocupação científica arraigadas aos modelos operantes no contexto do período moderno, principalmente no momento da institucionalização das ciências no final do século XIX. A perspectiva moderna das ciências ocidentais eurocêntricas atrelava-se, e ainda atrela-se em muitos casos, a ideais vinculados a concepções clássicas de ciência. Por um lado o modelo mecanicista newtoniano e por outro a distinção cartesiana entre natureza e ser humano, entre matéria e espírito (GULBENKIAN, 1996).

Neste sentido, o aspecto metafísico, a imaginação e a subjetividade foram postos à margem devido a suas aparências duvidosa e especulativa para uma ciência moderna. Neste contexto, o pensamento de Comte teve influência direta nos campos do conhecimento. Comte defendia a ciência positiva "que visava a libertação total relativamente à teologia e à metafísica, bem como todos os demais modos de 'explicação' da realidade" (GULBENKIAN, 1996, p. 28).

O positivismo de Comte desencadeou modelos estruturantes para a obtenção de conhecimento baseados na ciência engajada em sua finalidade objetiva, empírica e sistematizada que acabaria transportando a sociedade a um progresso, dentro de uma perspectiva ideologicamente comprometida. A filosofia julgada como conhecimento abstrato acabou sendo a fonte de fragmentação das ciências pactuadas em edificar um conhecimento objetivo, racional e especializado.

> A história intelectual do século XIX é marcada, antes de tudo, por este processo de disciplinarização e profissionalização do conhecimento, que o mesmo é dizer, pela criação de estruturas institucionais permanentes destinadas, simultaneamente, a produzir um novo conhecimento e a produzir os produtos desse conhecimento. A criação de disciplinas múltiplas teve por premissa a crença segundo a qual a investigação sistemática exigia uma concentração especializada nos múltiplos domínios da realidade, um estudo racionalmente retalhado em cachos de conhecimento perfeitamente distintos entre si (GULBENKIAN, 1996, p. 23).

Este caráter fracionado e subdividido das ciências contemporâneas despontou neste contexto de valorização e de crédito aos processos de construção e defesa do conhecimento racionalizado e verticalizado diante de seus objetos. As disciplinas, assim, respeitaram este receituário. Desta maneira, a história como domínio disciplinar acabou estruturando seus princípios e métodos para compreensão do passado como seu objeto científico. Ainda de acordo com Gulbenkian (1996), a história como prática social já ocorria de longa data, a diferença neste contexto das ciências modernas foi a busca objetiva pela efetividade dos fatos históricos, com uma ênfase à prova empírica conquistada através de arquivos como locais seguros para a construção da história e pelo ideal da neutralidade científica.

Para Le Goff (2013), a instrumentalidade teórico-metodológica moderna que acabou influindo a história fez resgatarem-se, por meio dos historiadores, os documentos reunidos por todo o tempo da humanidade como a prova cabal para a construção histórica. A constituição e organização de arquivos e bibliotecas ocorreram como forma de criação laboratorial, reunindo materiais, como os escritos, considerados fontes legítimas e como única forma de documentação.

Segundo o autor, esta perspectiva metodológica revela um caráter ideológico baseado na crença de uma ciência neutra conciliada aos usos políticos da história, usos naquele momento “reacionários”. Houve, deste modo, um arranjo entre aqueles que detinham o poder de construção da história com o pensamento científico enraizado na objetividade, na racionalidade e na noção de tempo linear. O âmago deste pensamento está diretamente atrelado às estruturas de pensamento introjetadas nas ciências pelo Iluminismo do século XVIII. Os iluministas “vislumbraram uma memória técnico-científica do conhecimento acumulado, e o historiador buscou a ação racional” (FREITAS, 2006, p. 56).

Este engessamento metodológico da história acabou desvalorizando a experiência humana no tempo e o peso da testemunha, atribuindo mérito apenas à história de um tempo já considerado morto e documentado materialmente, “em um passado fixo e determinado”

(FERREIRA, 1994, p. 2). Para Le Goff (2013, p. 22) as origens da palavra "história" remetem a um significado associado à ideia de "testemunha", ou seja, "aquele que vê". Neste sentido, o nascimento da história relaciona-se com a mentalidade histórica, isto é, em como as sociedades a partir de um processo narrativo constroem, significam, mantém e alimentam seu passado, dando sentido ao presente.

Há assim que se pensar na construção da história como prática localizada social e ideologicamente. Há também, segundo o autor, que emancipar as noções de fato e documento histórico. O primeiro, em sua perspectiva, necessita expandir seus setores – e assim o fez com a nova história – como a história política, econômica e social e agregar a história das representações, das ideologias, das mentalidades, do imaginário, do simbólico e até uma história psicanalítica. O segundo deve abranger outras formas de documentos e fontes históricas como arquivos orais. Acrescento aqui a própria criação de fontes como a história oral.

> Uma explicação histórica eficaz deve reconhecer a existência do simbólico no interior de toda realidade histórica (incluída a econômica), mas também confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos – por exemplo, confrontar a ideologia política com a práxis e os eventos políticos. E toda história deve ser uma *história social* [grifo original] (LE GOFF, 2013, p. 13).

Assim, a história como campo do conhecimento subsidiado pela lógica objetiva e racional em seu interior teórico-metodológico e pelo interesse na descrição histórica acabou conhecendo outras perspectivas metodológicas diante de movimentos críticos a esta estrutura epistemológica. Para Ferreira (1994, p. 2), "A fundação, na França, da revista *Annales*, em 1929 e da *École Pratique des Hautes Études*, em 1948, iria dar impulso a um profundo movimento de transformação do campo da história".

Segundo a autora, a história até então realizada centrava-se na história política e, em suas palavras, "era elitista" (FERREIRA, 1994, p. 2). Desta forma, as dimensões econômicas e sociais deveriam ser consideradas amplamente. A nova história preocuparia-se com os fenômenos estruturantes da história, mais que fatos datados. "As realidades do trabalho e da produção, e não mais os regimes políticos e os eventos, deveriam ser objeto da atenção dos historiadores" (FERREIRA, 1994, p. 2). Assim, as memórias de um cotidiano vivido num tempo histórico são expressões que revelam a natureza deste próprio tempo.

Estas reflexões a cerca das mudanças no percurso da história reverberaram e ainda possibilitam movimentos de críticas em relação às formas de análise e compreensão do

passado. A proposta desta nova história é marcada por uma releitura do papel das instituições, das organizações e do próprio indivíduo na construção histórica, desmitificando a solidez e a neutralidade dos documentos escritos, dando-lhes novos significados, ou seja, produtos materiais comprometidos com sua constituição histórica referente.

E ainda, nesta releitura, a abertura às marcas e às significações do tempo, por indivíduos e coletividades, estabeleceram meios que permitem tangenciar a experiência e as estruturas que assinalaram um tempo. As significações do tempo ocupam o espaço da memória, mas também possuem referenciais simbólicos como lugares e objetos. Questão que será aprofundada no segundo capítulo.

Desta maneira, a memória foi sendo incorporada à história, memória que também é socialmente construída e que particularmente constrói o passado. Para (FERREIRA, 1994, p. 8) a história realiza uma "análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado" e assim corporifica e identifica a conformação dos tempos. Já a memória é "pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente".

Como descreveu Le Goff (2013) a memória não é a história, mas sim uma dimensão humana na qual a própria história vem dedicando maior cuidado e, deste modo, constituindo-se contextualizada na esfera da experiência. Se a história simboliza as estruturas políticas, sociais, culturais e ideológicas de um tempo, a memória é a criação de seus referenciais no campo do vivido, sobretudo do tempo que ainda é resguardado pela vida.

Longe de uma perspectiva linear do tempo e de sua percepção enraizada na evolução e progresso humanos, no sentido de afastamento gradual do que é considerado não "iluminado", o tempo é para Le Goff (2013) composto em camadas. As experiências no tempo, hoje organizado em calendários, extrapolam a linearidade por meio das dimensões do vivido, da multiplicidade dos tempos, de sua subjetividade e de seus simbolismos. "O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da *memória* [grifo original], que atravessa a história e a alimenta" (LE GOFF, 2013, p. 14).

Halbwachs (1990, p. 81) sobreavisa que a memória não deve ser confundida com a história. Para o autor, como exemplo, a memória "é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém". A história opera

diferentemente, na visão do autor ela realiza uma periodização do tempo. “A história, que se coloca fora dos grupos e acima deles, não vacila em introduzir na corrente dos fatos divisões simples e cujo lugar está fixado de uma vez por todas” (HALBWACHS, 1990, p. 82).

A crítica a respeito da manipulação do tempo pela história realizada pelo autor abre espaço para a elaboração do tempo e suas dimensões pela memória. Portanto, o diálogo estabelecido entre história e memória abriu o caminho para a compreensão dos ritmos distintos da multiplicidade dos tempos. Na mesma medida, este diálogo cravou a profundidade da memória no tempo histórico. A memória como acúmulo das experiências no tempo possui natureza constituída duplamente. Na acepção de Halbwachs (1990), ela é construída e constantemente significada na relação entre indivíduo e coletividade.

1.2 A natureza da memória: entre indivíduo e coletividade

Conceituar a memória é um exercício que pode ser permeado por distintos pressupostos nas mais variadas matrizes do conhecimento científico. Ainda, este exercício foi e continuará sendo atravessado pelo próprio *tempo* do conhecimento, no sentido de que as estruturas que regem o conhecimento científico emanam nos processos de conceituação e contorno das questões que preocupam a prática científica.

Para Duvignaud (1990), os esforços de Halbwachs em demonstrar em sua obra *Os quadros sociais da memória* de 1925 que a memória é função humana de relação intrínseca com as referências sociais de cada indivíduo revela um incontestável durkheimiano. Desta maneira, os pressupostos defendidos por Durkheim no advento da institucionalização e disciplinarização da sociologia, na virada do século XX, acabaram tornando sustentável a tese da dimensão coletiva da memória de Halbwachs.

Dedicado na defesa ontológica da sociologia, Durkheim a substancializou depurando a dimensão social como essência própria das relações entre grupos. “As tendências coletivas têm uma existência que lhes é própria; são forças tão reais quanto as forças cósmicas, embora sejam de outra natureza; também agem de fora sobre o indivíduo, embora por outros meios”. (VARGAS et al. 2015, p. 34).

Esta declaração de Durkheim demonstra sua preocupação em fundar a sociologia a partir da construção de uma teoria, de um paradigma científico. Assim, as externalidades teriam forças determinantes para o indivíduo. Doravante, Halbwachs estabeleceu as bases sociais da memória. Ainda que a ação de lembrar possa ser individual, em pensamento,

sempre terá conexão à centralidade da dimensão social da vida. “A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados” (DUVIGNAUD, 1990, p. 14). E assim, a memória como criação humana, é também criação coletiva.

Mas o que é esta dimensão coletiva da memória? Para Halbwachs (1990) é a partir da natureza social do ser que a memória é estabelecida. Esta visão do autor foi construída a partir de sua própria reflexão da natureza da memória. De acordo com seu pensamento, os grupos sociais elaboram internamente as memórias que os mantém unidos e intimamente vinculados.

Halbwachs (1990) trata da memória socialmente dimensionada. Considera que as mais íntimas ideias e paixões humanas possuem senão uma origem, uma relação com um grupo social. Para o autor, a constituição da memória ocorre na concatenação indivíduo-coletividade, assim, não elimina a potência do indivíduo. A memória individual e a coletiva correm dependentes uma da outra. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” a qual “muda conforme o lugar que eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51).

A partir desta perspectiva, Halbwachs (1990) elabora as formas pelas quais a memória é constituída e organizada socialmente. Assim, considera a coexistência entre a memória pessoal caracterizada por uma dimensão autobiográfica, constante e profunda e a memória social ampla e histórica. Ambas fortemente associadas devido à substância viva da história apoiada na memória construída e reconstruída constantemente. Quando inseridos num contexto social, somos mergulhados nas memórias daqueles que nos antecederam no grupo e desta forma constituímos nossos referenciais no tempo.

Ainda, introjetamos em nós, à nossa maneira, valores, pensamentos e experiências que tampouco vivemos, mas que persistem na memória coletiva como política para a manutenção de uma lógica socialmente estabelecida. Desta maneira, pegamos o bastão do tempo em nossas mãos e prosseguimos com ele ao nosso modo, ainda que coerente socialmente.

Esta dimensão social da memória está presente nesta pesquisa ao passo que os sujeitos envolvidos integraram e são testemunhas de um tempo de estreitos laços sociais. Por um lado pela natureza solidária do trabalho no campo e por outro, pela participação coletiva

nos processos de constituição e manutenção das instituições comunitárias dos bairros rurais. O senso de comunidade dos sitiantes promoveu a concepção de uma espessura social marcada pela memória como política de preservação de suas experiências no tempo.

1.3 A memória e a história oral: conhecimento e política

A memória como via de manutenção social e criadora de referenciais no tempo foi captada por distintos grupos científicos com preocupação em tratá-la na esfera do conhecimento. Como designação do passado, a memória passou a ser valorizada como chave para a compreensão das experiências individuais e sociais no tempo, como marcas nas subjetividades de apreço epistêmico, sobretudo com o advento da história oral.

A história oral caracteriza-se como "um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana" (FREITAS, 2006, p.18). Nesta perspectiva, a história oral constitui um veículo teórico-metodologicamente alicerçado o qual possibilita tocar as estruturas mentais e simbólicas de um tempo e compreender os mecanismos que marcam a história em sua própria cadência.

Contudo, a legitimidade da história oral como metodologia científica ocorreu através de um largo processo de desconstrução e reconstrução paradigmática dentro das ciências humanas e sociais. A narrativa como fonte da experiência no tempo foi vista com pouco interesse pelos historiadores, desconfiados das fontes orais como procedência para a construção de conhecimento (FERREIRA, 1994).

Segundo Ferreira (1994), a supremacia dos fatos e das fontes escritas em detrimento de outras formas de obtenção de material para fundamentação histórica acabou gerando uma marginalização da história oral. Assim como descreveu Le Goff (2013), Ferreira (1994) sinaliza que após a institucionalização da história no século XX, o passado recente, a história do cotidiano e as experiências no tempo na esfera do vivido sofreram desprezo em detrimento de um modelo de história agarrado aos princípios positivistas.

Este modelo, ainda que mantido, não compreende perspectiva única, ao passo que se introduziu na arena das pesquisas históricas e sociais o interesse pela história contemporânea, pelas análises qualitativas e pelo peso das experiências individuais e coletivas como resultado e alimento dos mecanismos que sustentam a história através das narrativas

orais. Para Le Goff (2013) a história oral tem origem em meados do século XX, sobretudo nos Estados Unidos, no Canadá, na França e na Grã-Bretanha.

> O caso da Grã-Bretanha é exemplar. A Universidade de Essex estabelece uma coleta de "histórias de vida", funda-se uma sociedade, a Oral History Society, criam-se numerosos boletins e revistas, como *History Workshops* que é um dos principais resultados e uma brilhante renovação da história social e, antes de mais, da história operária, através de uma tomada de consciência do passado industrial, urbano e operário da maior parte da população (LE GOFF, 2013, p. 433-434).

Assim, o que verificou-se nos movimentos acadêmicos ao carregarem a história oral para seu interior foi uma preocupação em horizontalizar a construção da história. Na medida em que passam a atribuir valor àqueles que absorvem e dão sustentação aos dispositivos que caracterizam um tempo, acabam por desconstruir as hierarquias sociais antes tomadas de principal valor para a construção histórica, permitindo, como indicou Le Goff (2013), compor a história a partir da vida operária, desfocada de uma história factual e burguesa.

A emancipação de outras produções humanas de valor documental e como fonte assegurou esta nova perspectiva. A elaboração de fontes orais como material de potência histórica acabou por possibilitar o reconhecimento do sujeito como arquiteto de sua própria história. Na visão de Ferreira (1994), os relatos pessoais e as biografias, dentro de suas especificidades, possuem medida que propicia um espelhamento das experiências coletivas.

Para a crítica a respeito da seletividade e subjetividade presente na memória as quais poderiam desvirtuar a edificação da história com valor de verdade, Freitas (2006) indica que apesar da visão de que a memória possa ser "falivel e fantasiosa", o que deve ser considerado é a significação do sujeito diante de sua passagem pelo tempo histórico. Ele também como agente da própria história. Imaginação e simbolismos não devem ser escamoteados e sim vistos como prerrogativas da experiência. A subjetividade é a força da memória e não sua fragilidade quando o interesse maior é a relação entre memória e história e não a comprovação oral dos fatos "realmente" ocorridos.

Ainda de acordo com Freitas (2006, p. 58), a memória acabou sendo canalizada por outras matrizes do conhecimento. "Tornou-se matéria da literatura (Proust), da filosofia (Bergson), da psicologia (como disciplina por intermédio de Freud) e da sociologia (Halbwachs)". Esta constatação da autora revela o contexto de disciplinarização das ciências preocupadas em construir conceitos a partir de suas perspectivas teóricas e paradigmáticas.

A disciplinarização é algo que a história oral deve afastar-se se tem como objetivo a construção de narrativas da experiência humana. Há, portanto, cuidados que devem ser tomados a partir do uso da história oral como metodologia. Para Ferreira (1994), a história oral não deve ser considerada uma história alternativa, é, sim, a construção de fontes orais como material de campo o qual o pesquisador debruça-se como possibilidade de criação e de diálogo com outras fontes documentais na tentativa de elaborar relações entre memória e história.

Para Le Goff (2013), não há fronteira disciplinar que delimite os usos da memória. Mesmo que com o processo de disciplinarização das ciências cada campo reverteu a memória sobre seu interesse, sua concepção é de inerente expansão disciplinar. Para o autor "a memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas" (LE GOFF, 2013, p. 432).

Acrescento que as narrativas construídas pela história oral na voz do sujeito envolvido, ainda que tematicamente direcionada, não constitui-se deliberadamente comprometida com pressupostos teóricos e sim com a criação e elaboração do passado como força da memória. Criação e elaboração marcadas pelo jogo da intersubjetividade.

A atenção da história à memória confirma-se pelo espaço atribuído à história oral como metodologia representante de uma preocupação em tangenciar a experiência no tempo e tratá-la epistemologicamente. Assim, as narrativas desta experiência configuram a memória em suas dimensões individuais e coletivas. Aí está o diálogo entre a história oral e a natureza social na memória. A história oral pode revelar os sentidos da experiência no tempo ao mesmo tempo em que anuncia a face social na memória.

A força da história oral está na construção narrativa daqueles que se propõem em elaborar suas experiências. Narrar é recriar pela linguagem as experiências no tempo, é dimensionar o tempo como construção também humana. Como salienta Ricoeur (1994, p. 85), "o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna condição da existência temporal".

A narração, assim, é inerente ao processo de significação humana no tempo. A história como ciência tem na narrativa seu elo com o mundo. Para além da ciência histórica, a narrativa conduz a passagem no tempo. Para o autor, o tempo histórico concretiza-se pelo

efeito da narrativa. A história, deste modo, tem nela sua potência enquanto campo de conhecimento.

A narrativa elaborada através da história oral possui efeito maior do que ser apenas um dado descrito de um tempo. Após este processo descritivo, o produto da história oral pode ganhar movimento e assim transdisciplinar-se. As narrativas tornam-se elos entre a experiência no tempo e as narrativas já construídas sobre os tempos. Tornam-se elos entre a experiência coletiva e o mundo, mundo que é complexo e pluridimensional, mundo que é terra, lugar e trabalho. E neste mesmo movimento, a memória coletiva pode marcar-se como nova narrativa sobre o tempo.

Além da dimensão epistêmica dos usos da memória, ou seja, da apropriação de narrativas como possibilidade de contorno das experiências no tempo e como criação de conhecimento, há também uma esfera política que a envolve. Para Le Goff (2013), o Estado foi o grande forjador na história, considerando sua produção no contexto da institucionalização das ciências modernas. Neste campo, a memória alimentada por classes políticas e científicas hegemônicas sofria um arranjo comprometido com interesses de grupos preocupados com o domínio da história. Para o autor, "os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva" (LE GOFF, 2013, p. 390).

Neste sentido, Freitas (2006) defende que os depoimentos orais operam num esforço de incluir grupos ordinários como dimensão viva da história. Ainda, a criação de fontes orais amplifica vozes antes marginalizadas e esquecidas em nome de uma história factual e macrodimensionada. Põe em discussão contradições e versões distintas. Coloca em evidência aqueles atravessados por um tempo histórico. "A maior potencialidade desse tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico" (FREITAS, 2006, p. 49). Indivíduo inserido num campo social que guarda em si sua significação da experiência coletiva.

Retomando Le Goff (2013), pode-se compreender que a memória é um impetuoso objeto de poder. O exercício da lembrança na dimensão coletiva é uma ação politicamente referenciada. Para o autor, aqueles que usam a memória coletiva como campo de atuação científica devem concebê-la como meio de democratização da memória social. O pesquisador, deste modo, atua como mediador na constituição de novos sujeitos e versões da história. "A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para

servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens" (LE GOFF, 2013, p. 437).

Este olhar sobre a potência política da memória dialoga com a transição paradigmática verificada e defendida por Boaventura de Sousa Santos (2011) no âmbito das ciências modernas. Segundo o autor, conhecemos até agora uma ciência linearizada, pautada na ordem e no progresso, ou seja, um conhecimento-regulacão. Em contrapartida, uma ciência que vença o paradigma moderno deve atentar ao conhecimento-emancipação, aquele que, nas palavras do autor, é marcado por uma "trajetória entre um estado de ignorância que designo como colonialismo e um estado de saber que designo por solidariedade" (SANTOS, 2011, p. 78).

Portanto, a quebra paradigmática provocada pela preocupação com a memória nas ciências humanas e sociais e a inserção da história oral como possibilidade metodológica possui inerentemente uma dimensão política. É nesta dupla perspectiva que o trabalho com a memória coletiva realiza-se. Esta realização, contudo, necessita ser efetivada com cuidados epistemológicos e clareza dos objetivos políticos envolvidos.

1.4 A memória coletiva e a comunidade de destino

O pressuposto da memória como esfera da experiência no tempo que produz e sustenta a história vivida é perceptível a partir da evocação de vozes as quais permitem o diálogo entre história e memória. Agrego a esta concepção o aspecto social que as envolve. Desta maneira, se a história deve ser social como defende Le Goff (2013), a apreensão do passado pela memória é conduzida pela inscrição da experiência social no tempo.

Desta maneira, o pesquisador dotado de seus objetivos político-científicos deve mergulhar em uma realidade coletiva para promover a abertura à construção histórica a partir daqueles que a experimentaram no próprio corpo. Neste sentido, Bosi (1994) reforça a ideia de que é necessário estabelecer com aqueles que irão ser os recordadores um vínculo de natureza afetiva.

A autora defende a formação de uma comunidade de destino para atingir de maneira mais aprofundada os significados das lembranças daqueles que se dispuseram em escancarar suas experiências de vida. Isto "significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados" (BOSI, 1994, p. 38). Assim, é sensato misturar-se entre aqueles portadores de uma experiência coletiva

singular e, deste modo, construir uma relação que garanta a eles amparo, proteção e sobretudo interesse em demonstrar que suas vozes, muitas vezes caladas, guardam o segredo para a compreensão de uma realidade e ainda podem ser instrumento político de resistência ao que é posto externamente de forma vertical.

Neste trabalho a comunidade de destino designada compreende sitiantes oriundos da zona rural do município de Limeira, interior do estado de São Paulo, que vivem nos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades. A escolha desta comunidade de destino é fruto da minha própria experiência como provindo do bairro dos Frades no qual minha rede social inicial foi estabelecida, bem como no bairro Córrego Bonito Delgado. Ambos referências socioespaciais, nos quais vivi e participei de suas instituições socializantes como a igreja São Francisco de Assis e a extinta Escola Estadual de Primeiro Grau Rural do Bairro dos Delgados. Inicialmente, pretendia realizar a pesquisa no bairro dos Frades, contudo, o trabalho de campo revelou que moradores do bairro Córrego Bonito Delgado possuíam estreita relação com aqueles do bairro dos Frades e participaram intensamente da construção de seus espaços de socialização.

Esta escolha possui duas esferas aqui reveladas. De um lado tem uma dimensão autobiográfica, pois as vozes as quais emanaram das narrativas que compreendem esta pesquisa pertencem a pessoas que compõem minha própria memória. De outro, pressupõe uma ação política baseada na expectativa de introduzir no campo acadêmico uma história para este grupo e para os bairros, numa ação que os torna, pelas suas vozes, sujeitos de sua própria visibilidade. Trata-se de uma pesquisa que concatena conhecimento e ação política, ou nas palavras de Santos (2011), conhecimento-emancipacão. Para o autor, “no paradigma emergente, o caráter autobiográfico do conhecimento-emancipação é plenamente assumido: um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separa e antes nos una pessoalmente ao que estudamos” (SANTOS, 2011, p. 81).

Esta virada paradigmática proposta pelo autor nos faz repensar a questão da neutralidade científica e a dicotomia entre sujeito e objeto de pesquisa. Conforme já mencionado, o conhecimento-emancipação caminha para a solidariedade, ou seja, desfigura o outro apenas como objeto e esgarça a intencionalidade política da ciência. Segundo o autor, esta solidariedade inerente ao paradigma emergente configura o exercício do conhecimento em duas frentes. De um lado “a solidariedade é o conhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do

reconhecimento da intersubjetividade". E de outro, "a ênfase na solidariedade converte a comunidade no campo privilegiado do conhecimento emancipatório" (SANTOS, 2011, p. 81).

O autor também abre a discussão a respeito da oposição entre sujeito e objeto de pesquisa, modelo difundido na ciência moderna preocupada em traçar um conhecimento puro. Deste modo, o sujeito epistêmico, como o denominou Santos (2011), foi consagrado em detrimento do sujeito empírico. Mesmo as ciências sociais, naquele contexto de disciplinarização do conhecimento visto anteriormente, foram atravessadas pelo modelo árido das ciências engajadas num pressuposto objetivo e livre de subjetivismos, como foi o caso da antropologia a qual radicalizou naquele momento o paradigma da distância empírica, colocando o sujeito "civilizado" de um lado e o objeto "selvagem" de outro.

Este paradigma pautou-se no que o autor denominou de desumanização do objeto. Quadro que não cabe numa perspectiva científica baseada no conhecimento-emancipação. Deste modo, "o saber enquanto solidariedade visa substituir o objeto-para-o-sujeito pela reciprocidade entre sujeitos" (SANTOS, 2011, p. 83). Estes argumentos permitem a localização desta pesquisa num espaço de negação da neutralidade científica e de indissociabilidade entre conhecimento e ação política.

Minha escolha em partir da história oral como metodologia ocorreu como lampejo, mesmo ainda não conhecendo profundamente o conteúdo social da memória no âmbito da pesquisa científica, mas sim por minha própria experiência social e enquanto indivíduo. Este tipo de vivência também narrada por Halbwachs (1990) consiste na constituição do pensamento atrelado a um tempo socialmente vivido e compartilhado pela memória em sua dimensão social. Ainda, fatos, pessoas e nossa própria ancestralidade podem permanecer vivos pela manutenção social da memória.

> Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 1990, p. 54).

Esta ideia de memória emprestada recai no esforço do autor em dimensionar socialmente a memória. Por esta via, Halbwachs (1990) defende a ideia de que a constituição social é mantida pela força da memória. Meus bisavós Isabel Clara Barbosa e Pedro Barbosa (figura 1) morreram antes mesmo de eu nascer. Todavia, suas presenças são evocadas de

tempos em tempos por meio de lembranças daqueles que os sucederam. Neste momento da escrita em meus pensamentos correm lembranças de minha avó sobre ambos: “Seu avô sofria na mão do pai dele, desde criança ia trabalhar na roça”, ou ainda: “Minha sogra ficou *delíriada* depois de velha, colocava *bombril* na panela de arroz”.

FIGURA 1 – ISABEL E PEDRO BARBOSA

Fonte: acervo pessoal de Benedicta Barbosa, 1958.

O caráter autobiográfico do conhecimento-emancipação, na perspectiva de Santos (2011) constitui-se como virada paradigmática. Este exemplo dado acima revela o trabalho da memória. E é a memória do trabalho no campo desta comunidade de destino que busco nesta pesquisa através da história oral como metodologia. É a partir desta particularidade da memória, elaborada na interface indivíduo-coletividade que evoco as lembranças, restituindo, recriando e elaborando a experiência no tempo. Vejo ainda, como pesquisador, meu papel enquanto canalizador de lembranças conforme a concepção de Halbwachs a seguir:

> Da mesma maneira que é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro desse conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças (HALBWACHS, 1990, p.28).

Diferentemente de um pesquisador que pisa pela primeira vez num campo e que pela primeira vez entra em contato com um grupo a ser envolvido em sua pesquisa num

instante de estranhamento, este trabalho tem sua peculiaridade. Aqueles que concederem as entrevistas viram-me como um conhecido, como um ente interessado em suas memórias. Um exercício de apreensão de suas experiências com uma medida propositada, ou seja, registrada, pois narrar a vida é algo que realizam como cotidianidade.

Nesta pesquisa, este exercício realizou-se na tentativa de abranger determinadas dimensões da vida dos sujeitos envolvidos. A princípio despertando as lembranças referentes aos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades. Construindo narrativas sobre bairros e sítios, narrativas de suas formações e organização socioespaciais, de seus espaços de vivência coletiva vinculados à religião, a escolaridade e a própria solidariedade envolvida na prática da agricultura. Seguindo, então, das memórias do trabalho no campo de um tempo de trabalho artesanal e manual ao tempo do trabalho mecanizado, concebendo as mutações da prática da agricultura através da memória.

1.5 A dimensão rural do município de Limeira em perspectiva

O propósito de inserção nas memórias destes sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades realiza-se como continuidade de estudos dos bairros rurais de Limeira, ainda que as pesquisas anteriores sejam tão escassas. Refiro-me a dois trabalhos acadêmicos realizados com o foco no bairro rural dos Pires, também localizado no município.

O primeiro consiste na pesquisa de mestrado em geografia de Liliana Laganá Fernandes (1971) intitulada como *O bairro rural dos Pires: estudo de geografia agrária.* Este estudo caracteriza-se como um trabalho monográfico preocupado em abarcar uma série de faces relacionadas ao bairro dos Pires. Há, neste estudo uma congregação entre a caracterização dos quadros naturais deste bairro, sua coesão social, a organização do espaço e seus sistemas de produção e organização econômica.

Neste trabalho a autora apresenta conceitos caros a esta pesquisa. Para além de ser um exemplo de estudo do meio rural de Limeira, esta obra organiza uma série de noções pertinentes aos estudos da face rural do Brasil, sobretudo para o interior de São Paulo, quando contorna a ideia de bairro rural como unidade territorial bastante difundida pelo estado. Sua obra pautou-se numa diversidade documental como o uso de registros, mapas e entrevistas. A intenção da autora em tornar sua pesquisa referência é vista no momento em que designa seu próprio intuito.

> É nosso objetivo, portanto, com a apresentação deste trabalho sobre o "bairro" rural dos Pires, ao mesmo tempo que nos propomos apresentar e discutir problemas da área em si, contribuir, com mais um exemplo, para aumentar o número de monografias específicas, que, repetimos, nos parece de fundamental importância para a geografia rural brasileira (FERNANDES, 1971, p. 9).

O segundo estudo realizado no bairro dos Pires intitula-se *Imigração, educação e religião: um estudo histórico-sociológico do bairro dos Pires de Limeira, uma comunidade rural de maioria teuto-brasileira* elaborado por Maria Cristina dos Santos Bezerra (2001). A autora conduziu sua análise com objetivos de construção da memória coletiva e criação de uma arquivo histórico do bairro. Partiu, também, da história oral como metodologia com a finalidade de revolver lembranças e direcioná-las como base para a construção de conhecimento.

O bairro rural dos Pires compreende uma comunidade formada por imigrantes alemães e seus descendentes vindos para o Brasil no contexto de substituição da força de trabalho escrava no século XIX. Para a autora, a história oral foi fundamental para a composição de sua obra, pois possibilitou o diálogo entre este tipo de fonte e fontes materiais como fotografias, cartas, livros de registros, entre outros (BEZERRA, 2001).

Ambos os estudos mencionados são referências as quais trazem experiências de pesquisa em bairro rural. Constroem e discutem conceitos e categorias analíticas suportes para este estudo como a concepção de sítio e sitiantes. Estudo o qual avança na face rural de Limeira, destacando outros dois bairros rurais do município.

1.6 Pesquisa de campo, entrevistas e formas de tratamento do material

A organização da pesquisa de campo deste trabalho pautou-se em princípios referenciais às etapas metodológicas da história oral. De acordo com Freitas (2006), um trabalho que envolve história oral deve partir da elaboração de um roteiro geral o qual pode ser modificado ou complementado após o primeiro contato com os depoentes ou até mesmo durante a entrevista.

O roteiro elaborado para este estudo (apêndice A) constituiu-se a partir de questões gerais envolvendo o tema e os objetivos do trabalho de forma a permitir a própria construção de narrativas dos sujeitos envolvidos. Neste sentido, de acordo com o andamento das entrevistas, questões foram adicionadas ou suprimidas, constituindo um roteiro vivo.

O número de pessoas selecionadas está associado à face qualitativa da pesquisa. Esta escolha ocorreu a partir de duas condicionantes. A primeira diz respeito à faixa etária. Foram convidados para participar da pesquisa aqueles mais velhos de ambos os bairros, bem com uma geração posterior para garantir à pesquisa teor comparativo entre temporalidades. A segunda refere-se à relação de cada um com a agricultura, ou seja, foram convidados aqueles os quais tiveram uma existência marcada pela vida nos bairros e com a agricultura como prática social.

Na visita inicial foi exposto o propósito da pesquisa, mencionando a necessidade de gravação de áudio, filmagem e registro fotográfico. Após os contatos iniciais, realizou-se o agendamento das entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada um deles. Assim, de acordo com a Tabela 1 abaixo, foram sescolhidos 15 moradores dos bairros.

TABELA 1 – INFORMAÇÕES SOBRE AS ENTREVISTAS

Depoente	Data de nascimento	Data da entrevista	Idade na data da entrevista	Duração da entrevista	Bairro
Benedicta Barbosa	29/08/1931	18/01/2018	86	01:17:31	Frades
Isabel Ramora Barbosa Delgado	13/04/1951	19/01/2018	66	00:48:47	Frades
Antonio Paes	06/09/1939	06/02/2018	78	00:46:18	Frades
Margarida Milk Paes	10/09/1940	06/02/2018	77	00:46:18	Frades
Francisco Delgado	21/09/1938	12/02/2018	79	00:36:23	Frades
Benedita Aparecida Barbosa Delgado	12/06/1945	12/02/2018	72	00:36:23	Frades
José Benedito Barbosa	24/07/1939	20/02/2018	78	01:08:02	Córrego Bonito Delgado
Ruth Barbosa	21/09/1940	20/02/2018	77	00:16:46	Córrego Bonito Delgado
Maria Magdalena Barbosa Pinto	12/04/1939	15/03/2018	78	00:28:39	Córrego Bonito Delgado
Maria Barbosa	30/07/1930	28/03/2018	87	00:35:58	Frades
João Pedro Barbosa	16/04/1957	03/04/2018	60	01:06:13	Frades
Idinei de Jesus Barbosa	16/12/1962	03/04/2018	55	00:34:21	Frades
João Batista Fisher	20/09/1952	09/04/2018	65	00:59:27	Frades
Silvio Benedito Delgado	11/04/1970	17/04/2018	47	00:31:41	Frades
Firmino Aparecido Pinto	28/01/1960	01/05/2018	58	01:24:40	Córrego Bonito Delgado

Elaboração: T. E. P., 23/01/2019.

As entrevistas com os casais Antônio Paes e Margarida Milk Paes e Francisco Delgado e Benedita Aparecida Barbosa Delgado foram realizadas em conjunto. Na figura abaixo (figura 2), estão as fotos de cada um dos entrevistados. Há as ligações consanguíneas mais próximas, considerando que a maior parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa possuem relação familiar. Esta relação é representada pela seta vermelha que indica o grau de parentesco.

FIGURA 2 – ENTREVISTADOS E LIGAÇÕES DE PARENTESCO

Elaboração: T. E. P., 20/07/2018.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo. Os depoentes autorizaram a divulgação de seus nomes e imagem para esta pesquisa de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice B). Este trabalho tramitou no comitê de ética da Universidade Estadual de Campinas por se tratar de pesquisa que necessita de autorização de uso de imagem e voz dos sujeitos envolvidos, Seu número de protocolo consta no apêndice B.

O procedimento pós-entrevista consistiu na transcrição com a finalidade de tratar as entrevistas recolhidas em campo para realização das análises propostas nesta pesquisa. As entrevistas passaram pelo processo de transcriação (quadro 1). Este processo consiste na reescrita da entrevista respeitando a mensagem dada, retirando reticências e ideias não concluídas. Trata-se também de uma adequação da linguagem oral para a escrita (ALBERTI, 2005).

QUADRO 1 – EXEMPLO DE TRANSCRIAÇÃO

Transcrição	Transcriação
E como era a colheita do algodão? B.: Apanhava, um balaio no jacá, que a gente fala. Enchia e depois trazia o fardo da onde vendia, dava quatro arrouba cada saco. Aqueles fardão de algodão. Ai enchia a carroça e levava. E.: Pra onde? B.: Pra Limeira, Artur Nogueira. E.: E vendia lá? B.: Vendia. De lá ia pra indústria né? Tinha os revendedor.	Para colher o algodão apanhava, colocava num balaio ou num jacá que a gente fala. Enchia e depois trazia o fardo de onde vendia, dava quatro arrobas cada saco, aquele fardão de algodão. Aí enchia o saco e levava pra Limeira, Artur Nogueira e vendia lá. De lá ia pra indústria, né! Tinha os revendedor.

Elaboração: T. E. P., 23/01/2019, com base em entrevista de Benedicta Barbosa.

A transcriação é uma das formas de tratamento de material recolhido em pesquisas que envolvem história oral. Segundo Caldas (1999), a transcriação é um processo interpretativo. Não há a preocupação em usar restritamente a fala original. Nesta metodologia o material é transcrito e interpretado, este é seu processo de textualização. Retiram-se, assim, as perguntas e constrói-se um corpo narrativo.

Para esta pesquisa, mantive algumas expressões e modos de fala que respeitam a cultura e o modo de vida dos sujeitos envolvidos. Os excertos utilizados neste texto, por vezes são densos, para garantir a criação de uma atmosfera do campo em estudo. A maior parte dos excertos está no formato de transcriação, dada a intenção de tornar as entrevistas uma narrativa corrente. Em algumas situações manteve-se o formato de entrevista. O trabalho de campo compreendeu material denso, muitas narrativas não estão presentes neste texto, contudo, ainda podem ser revisitadas.

CAPÍTULO 2

OS BAIRROS RURAIS CÓRREGO BONITO DELGADO E FRADES: LUGARES DE VIDA, SUAS FORMAÇÕES, INSTITUIÇÕES SOCIAIS E ESPAÇOS SIMBÓLICOS

Foto: acervo pessoal de Maria Magdalena Barbosa Pinto. Família de Firmino Pinto (Mino Frades) e Ana da Conceição Delgado Pinto e família de João de Oliveira Delgado e Querubina Fernandes Delgado, década de 1920.

Este capítulo abarca a dimensão espacial na qual os sujeitos da pesquisa estão inseridos. A proposta desta pesquisa de trabalhar com a memória como experiência no tempo não afasta a experiência no espaço. Há uma ligação intrínseca entre tempo e espaço no sentido de que toda experiência humana é temporal e espacial. De acordo com Halbwachs (1990), o lugar ocupado por um grupo não é secundário, ao contrário, recebe sua marca na mesma medida em que marca esta coletividade. Ainda que alguns lugares possam ser reconstituídos apenas pela memória, é nela que sua força simbólica resiste.

A referência ao espaço poderá ser observada nas próprias falas colocadas neste texto. Expressões como “pra cima”, “pra baixo”, “pra cá”, “pra lá”, “na cabeceira do rio”, entre outras, manifestam esta concatenação entre memória e espaço. As expressões colocadas acima, mesmo que descrevam estas referências espaciais, não revelam a gesticulação vista em campo. Observação que reforça as menções aos lugares presentes nestas narrativas e inclusive a relação entre corpo e memória.

Deste modo, situo aqui as memórias associadas aos lugares de vida desvelados pelos entrevistados. Inicialmente, coloco as memórias da casa onde nasceram e viveram seus primeiros anos de vida. O lugar é tomado de força, não é apenas um espaço alienado na vida, ele forma, transforma e é transformado pelo sujeito, pelo ser que o vive, é circustancialidade (MARANDOLA JR., 2014).

O lugar está sempre amalgamado às forças sociais que o influem. Os bairros rurais e sua dimensão social são lugares e unidades territoriais combinados. Assim, coloco em plano as narrativas sobre a origem das famílias, formação e dimensão dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades e os sítios como unidades de produção social.

E ainda, desvelo suas experiências relacionadas à alfabetização, à construção da escola em que estudaram, bem como as experiências com o sagrado, com a instituição da igreja São Francisco de Assis como comunidade religiosa que agrega os moradores de ambos os bairros. Além das relações entre campo e cidade e o papel da venda como espaço de comércio. Por fim, insiro as narrativas sobre as capelas presentes nos bairros chamadas de Santa Cruz, o que chamo de lugares de memória.

2.1 Nascer e habitar: narrativas sobre a vida.

A partir do propósito de compreender os espaços vividos por estes sujeitos envolvidos na pesquisa como lugares de vida, inicio a construção da memória que realizaram

acerca da casa onde nasceram e viveram suas primeiras experiências. Incluo a experiência do próprio nascimento no sentido de descrever como era em outros tempos a realização dos partos, da vinda ao mundo. Considerando, para tanto, que a experiência de vida entrelaça inevitavelmente memória e lugar por este ser o espaço onde o cotidiano acontece.

> Referindo-se à própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável, e, portanto, permanece como fundante da nossa experiência contemporânea, independente das transformações socioespaciais. Longe se ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva (MARANDOLA JR., 2014, p. 230).

Revelar seu próprio nascimento e as condições de sua casa naquele contexto é permitir a elaboração de um tempo. Para esta discussão, coloco em evidência as narrativas daqueles mais velhos que contribuíram com suas memórias para esta pesquisa. Abro esta dimensão de suas experiências respeitando este caráter cronológico o qual possui sentido quando contrastado com o tempo presente.

> Nasci no dia 24 de junho de 1939, chegando nos 79, né! Podem chamar de Zezinho, Barbosinha, tem uns vinte apelidos! Nasci a vinte metros do lugar que eu tô aqui, tô morando no mesmo lugar. Mudou a casa, mas não dá vinte metros de onde eu nasci. Todo esse tempo aqui, desde criança. A vida inteira no mesmo lugar. Nasci de parteira, sei até o nome dela. Chamava Candinha Prado, parteira de minha mãe. E quem foi buscar a parteira foi meu tio Benedito Delgado e outro Benedito Delgado que morava na Água Espraiada e que já faleceu. Os dois Beneditos que foi buscar ela a noite. Aquele tempo era uma dificuldade tremenda. Ela morava lá perto da casa da Luciana [Barbosa], no bairro do Pinhal, sabe? Tinha uma taperinha lá perto de onde morava os Stahl, pra baixo ali que ela morava (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Nesta fala de José, nota-se que a ligação com o lugar de vida possui uma dimensão relacionada a seu próprio nascimento. Nascimento que naquele contexto possuía um rito distinto. Nascer era engajar a família e os vizinhos para a vinda ao mundo. Ali próximo alguém também especializou-se no ofício do parto. Nascer na roça era vir para o trabalho pelo trabalho do parto. Morar a vinte metros de onde nasceu coloca José, assim como outros sitiantes, como medida humana deste próprio lugar. Abaixo está outra narrativa referente à esfera da moradia e também ao bairro e aos sítios, unidades territoriais e de produção que serão retomadas neste texto.

> Nasci no dia 29 de agosto de 1931, vou fazer 87 anos. Nasci em Limeira, sítio, bairro dos Frades. Minha mãe casou e foi morar com o pai dela e meu pai não quis. Aí morou num paiol forrado de tábua perto dum engenho grande que ele tinha, muito grande e encanado pra ele fazer garapa, melado, rapadura e açúcar. Depois meu pai mudou no outro sítio que era do pai dele, lá comecei a trabaiá. Era uma casa antiga, feita de tijolo. Depois meu pai alugou essa casinha pra punha o armazém. Aí ele fez uma casa de barro pra cima e eu mudei lá. Nóis mudamo lá e dinheiro pra

> comprar a cama não tinha, aí meu pai foi no mato, cortou aqueles gancho e fincou no chão. Fez a cama pra mim com colchão de paia. Com isso nóis vivemo. Fogão a lenha. Quatro cômodos de barro. Punhava o barrote de pau de coqueiro, depois ripava com um cipó. Um por dentro e outro por fora amarrando e depois um por dentro e outro por fora ia tacando barro. Depois fazia chão batido (BENEDICTA BARBOSA, 2018).

Esta narrativa que Benedicta constrói a respeito de seu primeiro lugar de vida permite a elaboração de um contexto no qual a experiência tinha um grau técnico e material distinto. Benedicta é testemunha de um tempo em que a construção da moradia podia ainda ser realizada com recursos dispostos a mão como o barro, a madeira e a palha. A descrição acima se relaciona com a narrativa de outro sujeito envolvido na pesquisa, Francisco Delgado, que descreveu sua data e lugar de nascimento e como era sua casa quando criança.

> Nasci em 21 de setembro de 1938, meu pai era Antonio Delgado, minha mãe era Sebastiana Maria das Dores. Nasci aqui no município de Artur Nogueira... município de Limeira. Não foi aqui, foi nos Paes, lá no bairro dos Paes, no Córrego Bonito. Quando era criança? Meus Deus do céu, era uma casa simples, sabe? Pequena e coberta de sapê, só isso. A parede era de barro, o chão era limpinho também, de terra (FRANCISCO DELGADO, 2018).

Assim como Benedicta, Francisco desdobra suas memórias acerca de seu primeiro lugar de vida e também desvela este nível material, evidenciando a simplicidade da vida naquele contexto. As narrativas colocadas aqui permitem uma reflexão acerca de determinadas condição de existência as quais estes relatos têm alusão, possibilitando a constituição de um tempo em que lugares de vida e de trabalho configuravam-se intrinsecamente.

Lugar de vida ressoa redundância, pois não há vida sem lugar. Este é fundação circunstancial, é o mundo humano lançado na Terra. Ainda que mundo e Terra sejam distintos, são inseparáveis, pois "o mundo funda-se na terra e a terra irrompe pelo mundo" (HEIDEGGER, 2012, p. 47). Lugar é onde o homem funda seu habitar, é o produto entre o tempo humano e a terra.

É nesta perspectiva que Marandola Jr. (2014) considera o lugar como circunstancialidade, ou seja, como eventualidade dotada de sentido, sentido relacional do ser com o mundo. O sentido da vida é o sentido do lugar, permanecer a vida toda no mesmo lugar reforça a cada dia o lugar em si. A materialidade circunstancial também integra o simbólico do mundo, o solo torna-se casa, a palha torna-se a cama e o sapê torna-se o telhado e é esta profundidade que é carregada com o ser. Os bairros, os sítios, o quintal, o mato próximo, o rio, a casa e as experiências que os envolvem constituem toda a força que torna o espaço do

cotidiano lugar. Diante do decorrer da vida, o lugar resiste na memória, o lugar é, assim, prerrogativa da memória.

2.2 Histórias que me contaram: origem das famílias

Aqui, o lugar como circunstancialidade está amalgamado a um sistema de unidade territorial e de produção, respectivamente o bairro rural e o sítio. Estes sistemas carregam consigo todo um processo de formação socioespacial, notadamente os bairros Córrego Bonito Delgado e Frades. Na fala de José abaixo verifica-se quatro famílias de maior presença nos bairros. Barbosa, Delgado, Pinto e Paes. Não há, até então, uma comprovação documental material da origem destas famílias, tampouco datas. O relato de José é quase mítico, no sentido de que as memórias mantidas vivas por seus ancestrais, por sua rede social, encontram em sua narrativa possibilidade de manifestação.

> Os Barbosa vieram de Jaú, Bauru, a família dos Barbosa mesmo foi nascida em Bauru, depois que vieram pra cá que nem a família Delgado. A família Delgado veio daqui pra cima, perto de Araraquara, tem uma cidade de que veio a família Delgado. Delgado é descendente de espanhor, né? E o Barbosa é português, daqueles português ainda bravo. Aquele tempo os mais abastardo aliavam-se com o governo. A família do João Delgado pegou do governo três mil alqueires de terra. Esses três mil alqueires de terra saía da Fazenda Velha aqui perto da Carandina [Cosmópolis] e chegava em Engenheiro Coelho, depois veio vindo, foi sendo passado pra outros, vendendo, essas coisas, né! Aqui era tudo mato das famílias. O maior herdeiro que foi por aqui foi a família Delgado. Os Pinto já vieram de Americana, de lá que vieram, tem a família Pinto lá. A família Paes foi o seguinte, o falecido José Paes, o pai dele era barão. Tinha cargueiro que viajava pra Santos, a família Paes ia pra lá com os burros carregados de café. Levava no porto de Santos, né! E lá pegaram um moleque e trouxeram pra cá, esse moleque não tinha nem pai nem mãe. Eles registraram como de família Paes que é o bisavô da família Paes. Isso é tudo que meus avós contavam, sabe? Eles vieram guardando tudo, né! Nasceram filhos e netos desse homem aí que foi registrado como família Paes, mas ninguém sabia quem era a descendência [ascendência] dele. Ele veio de Santos, ninguém sabia (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Este relato de José propicia uma organização do histórico da origem das famílias que hoje habitam ambos os bairros. De acordo com sua fala as famílias vieram de outras regiões do estado de São Paulo com a finalidade de apropriarem porções de terras no município de Limeira. Outro ponto que se verifica na fala de José é que estas terras apropriadas pelas famílias foram ao longo do tempo divididas por herança ou venda. Assim, famílias e sítios foram construindo laços os quais configuraram os bairros rurais Córrego Bonito Delgados e Frades.

2.3 A formação e dimensão dos bairros rurais

A denominação de bairro rural compreende uma forma de estruturação e organização de um espaço rural com uma dinâmica própria vinculada à agricultura. Muito difundido pelo estado de São Paulo, esta categoria espacial foi considerada por Queiroz (1973, p. 3) como "um grupo de vizinhança de 'habitat' disperso, mas de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhes pertencer".

Deste modo, o bairro rural compreende uma formação socioespacial relacionada à agricultura com redes familiares de vínculos consistentes de solidariedade. Esta mesma observação foi realizada por Fernandes (1971). A autora expõe a natureza de ligação coletiva desta formação socioespacial a partir de estudo do bairro rural dos Pires, em Limeira.

> O elemento permanente, enfim, seria constituído pela existência de certa unidade entre um grupo de vizinhos, resultado da soma de determinados elementos de coesão, fazendo com que se estabeleçam contactos e intensa vida de relações, dentro de uma determinada área, a que o povo denomina de 'bairro' (FERNANDES, 1971, p. 7).

Assim, estas elaborações conceituais a respeito do bairro rural corroboram para a discussão sobre a formação e dimensão dos bairros aqui tratados. O relato a seguir de José, morador do bairro Córrego Bonito Delgado, compreende as determinações dos nomes destes bairros, bem como de seus limites com outros bairros rurais no município de Limeira e com municípios vizinhos como Artur Nogueira e Cosmópolis.

> Esse bairro aqui antigamente era chamado Delgado, depois pela escritura veio diferente. Não sei o que acharam do rio que ficou Córrego Bonito. Ficou Córrego Bonito Delgado o nome do bairro aqui que faz divisa com Artur Nogueira e Cosmópolis aqui pra cima. Delgado por que a sede veia, antiga, que tinha esse paredão pra baixo de casa, era do meu bisavô, João Delgado. Foi o primeiro que morou aqui, nesse lugar aqui. Como o bairro que você mora, Barbosão, né? A descendência [ascendência] de minhas avós é tudo de lá. Então ficou Barbosão. O Córrego Bonito nasce aqui no Sebastião Cheneviz na cabeceira aqui em cima, pra adiante já é Barbosão. E corre até no bairro dos Dias lá em baixo e pega o ribeirão. É Córrego Bonito inteirinho aqui. O bairro dos Dias é o bairro que sai da venda ali onde mora o Benjamin, sabe? Até o sítio do Antônio Manuel. Ali é bairro dos Dias, a turma falava, sabe? Mas ali a turma falava que pertencia a Frades, mas não era Frades, tinha a porteira da igreja onde é Barbosão e Frades, mas era pra lá, não era do lado de cá, então era Córrego Bonito também pra dizer, né! O Barbosão pegava aqui em cima no Gordinho, o rio inteirinho, desde a cabeceira ali e chegava ali no ribeirão onde tá a casa do falecido Nardo [Leonardo Bertaglia] ali, ali acaba o rio e acabava o bairro do Barbosão. Barbosão por causa dos antigo falecidos que é da parte de minha mãe, que é parte do tio Pedro que era bisavô vosso. O primeiro a morar ali chamava José Barbosa e ali foi ficando seus descendentes. Depois alguns deles passaram pra Água Espraiada, onde mora ali os Barbosa. Os Frades pega ali, a turma falava primeiro da venda pra baixo, mas não era Frades, o Frades é do Antonio Manuel pra lá e pegava até pro bairro do Stein, Carlos Stein, e descia nos Pires, pra cá dos Pires. Até chegar na Carandina que é município de Cosmópolis, ali

> tudo era bairro dos Frades. E do lado de cá já é o bairro Nova Campinas, mas o bairro Nova Campinas ficou com esse nome depois que fundaram a capela de Bom Jesus de Nova Campinas, foi entre os anos de 1935 e 1940, daí começou o bairro nova Campinas, mas não era, era Fazenda Velha. O Nome Frades, que eu ouvi falar é que antigamente deu uma febre amarela. A febre amarela, sabe? É a coisa mais triste do mundo. Tinha até lugar que enterrava os mortos de febre amarela. E tinha dois frades fazendo missão de casa em casa. Esses frades morreram de febre amarela e foram enterrados esses dois frades. É católico, né? Foram enterrados numas igrejinhas que tem por aqui. Até antigamente falavam que é esse igrejinha que tem perto da sua casa na terra do Nino Gomes, ali. Aquela santa cruz ninguém contou o começo dela. Eu não sei quem foi que morreu ali. Até tinha uma Nossa Senhora, ainda tem até hoje, não tem? Olha lá pra você ver. Uns falaram que foi naquela capela que foi enterrado os dois frades, outros já fala que foi enterrado mais pra baixo, lá no Antônio Manuel, no lugar que tem uma igrejinha também. Mas essa capelinha era marcada, minha avó falava que foi antes dos meus avôs, *1700* lá. Isso aí que foi a febre amarela. Batizou o bairro de Frades por causa desses dois frades que faleceu de febre amarela e foi enterrado. Naquele tempo o lugar que morria tinha que enterrar, não tinha jeito de tirar por que era muito, né! Aqui nóis tinha um lugarzinho, um mato que nóis ranquemo ali pra cima, meu pai falava que ali foi sepurtura, no meio do mato aqueles montinhos de terra, tudo certinho, mas agora não sei mais o lugar (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

A narrativa de José permite analisarmos as estruturas histórico-sociais as quais consolidaram a formação dos bairros mencionados. Para este trabalho foram escolhidos os bairros Córrego Bonito Delgado e Frades devido a manutenção destes nomes como bairros institucionalizados pelo município de Limeira.

Nota-se que no contexto de sua formação, o entorno das propriedades levavam os nomes das famílias ocupantes. Fato que ocorreu com as áreas antigamente conhecidas como bairro dos Delgados, dos Dias e Barbosão, hoje inseridos dentro dos dois bairros estudados nesta pesquisa. Muitos nascidos no bairro dos Frades acabaram sendo apelidados pelo nome do bairro. É o caso do avô de Firmino Aparecido Pinto, chamado Firmino Pinto, mas que era conhecido como Mino Frades (figura 3). Ainda hoje há moradores dos bairros dos Frades conhecidos por este apelido, notadamente da família Pinto.

FIGURA 3 – MINO FRADES

Fonte: acervo pessoal de Maria Magdalena Barbosa Pinto, sem data.

As ocupações destas áreas e seus desdobramentos enquanto propriedades podem ser verificadas no relado abaixo de Firmino Aparecido Pinto. Firmino descreve a partir de sua experiência social e das histórias de seus ancestrais como foi a natureza destas ocupações e seus processos de parcelamento.

> Do lado da minha avó, Delgado, o avô dela foi posseiro aqui, foi posseado aqui porque aquele tempo era selvagem, era tudo mato. Eles vieram de outros lugares e montaram aqui a vida. Nós somos descendentes deles e tamos aqui até hoje. E depois foi legalizado, teve a divisão, a chamada divisão que minha avó falava. Quem tinha mais dinheiro pagava e ficava com o pedaço de terra legalizado, então foi isso que aconteceu. A escritura, essas coisas. E não faz muitos anos não, não faz muitos anos, não lembro, mas não faz muitos anos (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

As narrativas que José e Firmino constroem designam a formação socioespacial particular dos bairros Córrego Bonito Delgado e Frades. José é mantenedor das memórias da formação destes dois bairros, pois ambos possuem uma rede familiar estreita. Estas memórias de certo modo são mantidas e recriadas a todo momento que são evocadas. Memórias de um tempo que ambos não presenciaram, mas que continuam vivas pela sua força social.

José trata da posse destas áreas como apropriação ocorrida como política quando menciona que seus ancestrais aliaram-se ao governo naquele contexto com a finalidade de ocupação destas áreas. Todavia, Firmino considera que este processo ocorreu pela via de apossamento de terras as quais posteriormente foram legalizadas como propriedades.

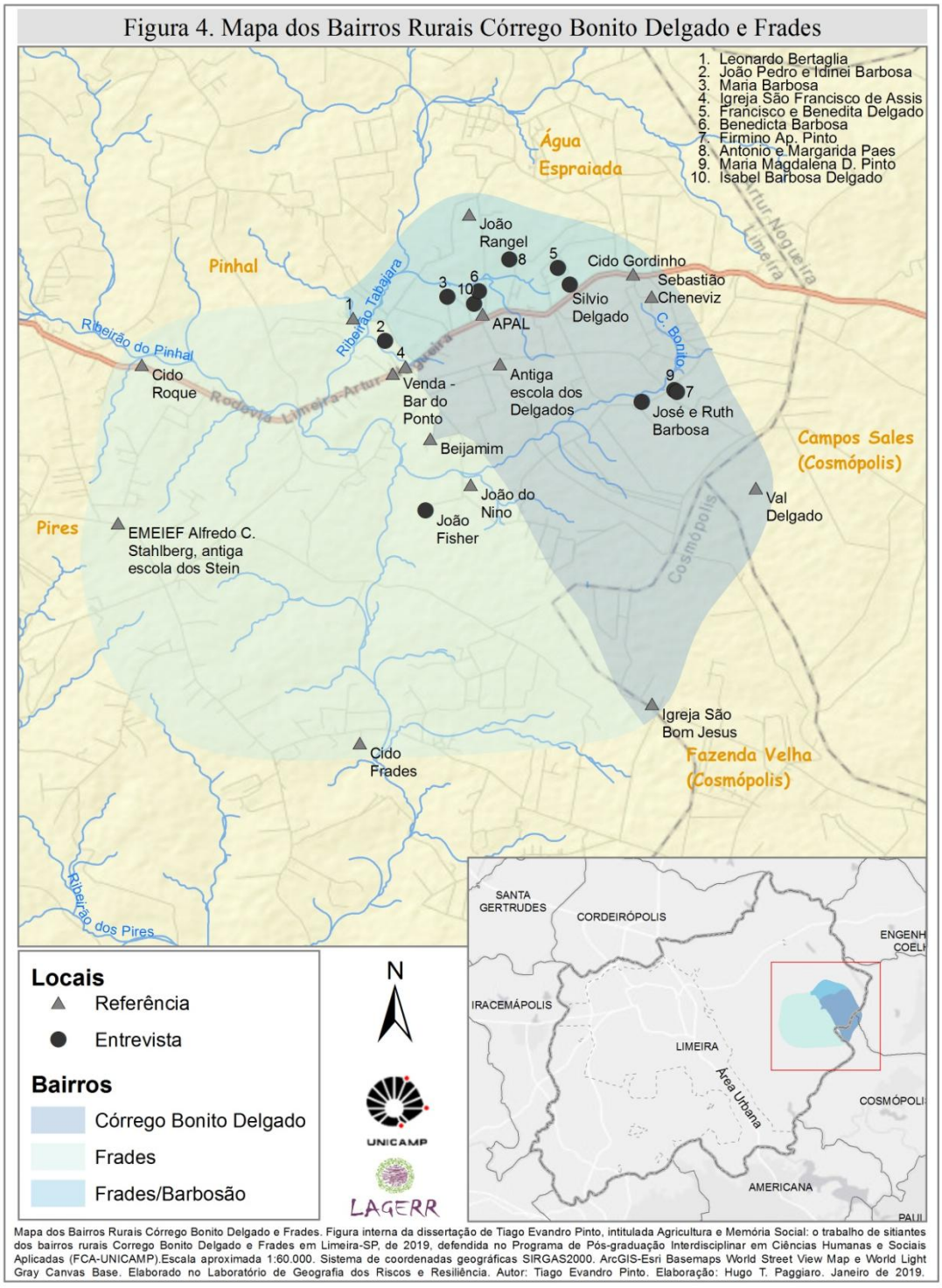
O relato de Firmino abre a discussão acerca dos desmembramentos das grandes áreas que foram divididas pelas famílias. Estas divisões continuaram ocorrendo de acordo com a dimensão hereditária destas terras. Terras as quais denominam e são institucionalmente determinadas como sítios, espaços de vida baseados na força de trabalho da própria família. Tema que será aprofundado no próximo capítulo.

Deste modo, bairro rural constitui uma base territorial determinada por relações entre famílias. Para Bombardi (2004), o bairro não é apenas uma justaposição de sítios e sim um espaço constituído de correspondência entre famílias e entre elas e instituições sociais que o integram como escola e comunidade religiosa. Bairro rural configura uma unidade geográfica construída através da lógica social camponesa.

Para este trabalho foi elaborado um mapa (figura 4) com o intuito de dimensionar espacialmente os bairros a partir das menções dadas pelos sitiantes. Trata-se de um mapa construído a partir dos lugares que consideram limites dos bairros, a partir de pontos de referência. Não é, desta maneira, uma mapa que respeita o quadro fundiário da zona rural de Limeira, mas sim, os limites marcados pela experiência, pela vivência nos bairros.

É importante destacar que a região que era conhecida como Barbosão é marcadamente denominada como pertencente ao bairro dos Frades. Esta parcela do bairro poderá ser vista na figura seguinte. Os topônimos e referências utilizados no mapa estão presentes na narrativa anterior de José Benedito quando descreve as dimensões dos bairros, bem como em outros relatos presentes no apêndice C.

Figura 4. Mapa dos Bairros Rurais Córrego Bonito Delgado e Frades



Mapa dos Bairros Rurais Córrego Bonito Delgado e Frades. Figura interna da dissertação de Tiago Evandro Pinto, intitulada Agricultura e Memória Social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Corrego Bonito Delgado e Frades em Limeira-SP, de 2019, defendida no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (FCA-UNICAMP).Escala aproximada 1:60.000. Sistema de coordenadas geográficas SIRGAS2000. ArcGIS-Esri Basemaps World Street View Map e World Light Gray Canvas Base. Elaborado no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência. Autor: Tiago Evandro Pinto. Elaboração: Hugo T. Paggiaro. Janeiro de 2019.

2.4 O sítio: unidade de produção social

O sítio constitui o espaço onde as famílias assentam e trabalham. Na experiência dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, sítio é a denominação deste espaço, desta unidade de produção. Segundo Woortmann (1983), sítio corresponde a um sistema de produção camponesa, é a base material na qual a família camponesa produz seus bens e desta maneira reproduz seu modo de produção social. O sítio é dotado de elementos que o simbolizam

enquanto tal como a casa, paiol, galinheiro, rancho e terreiro (figura 5), bem como o pasto, a roça, o quintal, a horta, o mangueiro e a tulha.

Conforme a descrição da formação dos bairros e da configuração das famílias os sítios são terras de herança. Contudo, apenas a transmissão hereditária destas terras não possibilita torná-las unidades de produção social. De acordo com Woortmann (1990, p. 43), "A transmissão da terra sem o saber não transformaria essa terra em *terra de trabalho* [grifo original], nem em patrimônio familiar". Esta singularidade do saber será abordada no capítulo seguinte. Desta forma, o sítio é um espaço ocupado e transformado mediante trabalho e significação social.

FIGURA 5 – ELEMENTOS DE UM SÍTIO

Fonte: T. E. P., 2018, a: Casa de José Benedito e Ruth Barbosa, b: Paiol e galinheiro do sítio de Firmino Aparecido Pinto, c: rancho presente no sítio de Francisco Delgado, d: terreiro no sítio de Isabel Ramona Barbosa Delgado.

Considerando as narrativas sobre a formação dos bairros rurais e as divisões das terras entre famílias, o sítio é a transformação do mato em unidade de produção. Era, como mencionou Firmino acima, um espaço "selvagem" que passou por um processo de apropriação, de derrubada da mata para dar espaço à roça.

2.5 O lápis em pequenas mãos calejadas: o processo de alfabetização e a origem da escola dos Delgados

Outra dimensão presente nas narrativas da vida dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa é a alfabetização e a escolaridade. Os mais velhos relatam um tempo em que ainda não existiam escolas e também a formação da primeira escola do bairro, denominada no contexto de sua extinção de Escola Estadual de Primeiro Grau Rural do Bairro dos Delgados.

A questão da alfabetização é enfatizada nos relatos abaixo a partir de três momentos. O primeiro na narração de Benedicta quando menciona que nas proximidades do sítio onde morava em sua infância não havia escola e a única alternativa foi realizar sua alfabetização pela passagem de um professor itinerante. José explana a fundação e formação da escola do bairro dos Delgados. Isabel e Margarida em seguida abordam as dificuldades e relações entre escola e trabalho enquanto crianças.

> Não tinha escola, era muito longe, muito longe. Meu pai não deixou eu ir, não tinha com quem ir. Eu era analfabeta, aí veio um lá meio professor e ensinou. Ele falou pra mim da qual eu queria aprender e eu falei "Eu quero aprender a ler pra depois fazer conta". E com isso ele ficou doente e eu não aprendi a fazer conta. Só aprendi a escrever. Eu leio muito bem jornal, bíblia, meu nome. Só letra de forma, leio tudo. O nome do professor era José de Camargo, Zelão. Veio de [...] falava Iracemápolis, Cachoeira. Ensinou tudo, e argum [...] ele ficou doente e não pode. Nem três mês de aula eu não tive. Fazia tudo de forma. Ele falou "Não, tem que fazer de mão" (BENEDICTA BARBOSA, 2018).

Este caráter dificultoso relacionado ao acesso à educação sofreu alterações a partir da fundação da escola do bairro dos Delgados em 1950. Esta escola desde a data de sua formação até seu fechamento em 1995 (figura 6) recebeu a maioria das crianças de seu entorno formando-os no primeiro grau, antiga denominação dos ciclos de formação. O relato a seguir restitui com detalhes a história desta escola, desde sua formação até os pormenores relacionados ao cotidiano da vida escolar.

> Fui na escola que tem aqui em cima, dos Delgados. Essa escolinha, eu entrei nela em 1950, sabe? E fiquei três anos na escola porque não tinha mais o quarto ano, não tinha nada, aí saímos. O Juvenil Delgado, o João, deu pra eles ir em Artur Nogueira fazer o quarto ano, mas só os dois aqui nesse bairro, o resto ninguém fez o quarto ano, a dificuldade que tinha. Quem construiu a escola foi o Pedrinho Delgado. Ele construiu a escola com a prefeitura. Em 50 ela foi inaugurada. Quem inaugurou a escola foi o prefeito José Marciliano da Costa Júnior, foi o prefeito de Limeira que veio. E o baile que teve quem tocou foi o Aril Pulz, até hoje tá vivo o Aril Pulz, ele que tocou, ele com o Nésio, sabe? Eu entrei em 50 mesmo, na primeira turma. Entremos em 30 quase 40. Esses dias fiz a conta, foi embora tudo, tem uns cinco, seis vivos, o resto partiu tudo. Que estão vivos é a comadre Maria do Manuel Pinto aqui, a Maria do Adão Paes, o Carte Milk e quem mais [...] Que eu tô lembrando é a comadre Maria. A Leonilda do Antônio Barbosa que morreu também. E a Antônia, a Antônia do Zé Barbosa tava também. E aqui de baixo a Leonice, irmã do Irton

> [Ilton] Delgado. A Leonice entrou menininha porque a professora pagava pensão na casa da Servina, mãe dela. Não faz tempo que ela morreu, eu fui na casa dela. Eu e o Irton ia levar ela pra subir no morro porque ela tinha uma coisa na perna. Então na escola nóis fazia briga e ela abafava, se brigava com nóis, nóis não trazia mais ela. As outras professoras não eram assim. O material era um caderninho, nóis no começo não tinha nem borsinha pra levar o material. Nóis levava o caderninho com a borracha e o lápis na mão e aquela terra roxa, vermelha! Chegava quase precisava lavar o papel. Tinha uma dificuldade. A Luiza também, a irmã da Dita também foi na escolinha, mas já entrou mais pro fim um poquinho, sabe? Agora da nossa turma tá restando um pouquinho. Quem ajudou a fazer a escola foi o Pedrinho Delgado, era da família do Chiquito Delgado, do Quinzinho Delgado, da Santina do Antônio Paes, sabe? Era ele quem doou o terreno pra escola. Ele que foi o doador, e quem fez foi o Frederico Schimidt, o pedreiro. As carteiras era carteira simples, cabia dois cada carteira. Tinha aquela coisinha de madeira e o coisinho de por tinta, em cima assim, uma coisinha de líquido que é pra colocar uma tinta ali. E tampava. Lá molhava a canetinha e ali mandava a tinta no papel (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

FIGURA 6 – ESCOLA DOS DELGADOS

Fonte: acervo pessoal de José Benedito Barbosa, a: julho de 1974, b: acervo pessoal do autor, 1995.

Há particularidades neste relato de José, principalmente em duas dimensões. A primeira diz respeito a demanda da construção da escola naquele contexto que contou com ações de moradores e do poder público. O baile de inauguração com a vinda do prefeito revela o sentido notável da construção da escola para os sitiantes. Segundo, quando narra sua experiência com a professora, José permitiu a retomada de um tempo em que, pelas dificuldades de transporte, as professoras moravam em casas de pais de alunos.

Por um tempo a escola oferecia apenas as três primeiras séries do então período primário. Em meados da década de 1960 passou a ser ofertado o quarto ano. Muitas crianças acabaram voltando à escola para concluir esta fase. As turmas funcionaram até seu fechamento em sistema misto, uma professora para os primeiro e segundo anos e outra para os

terceiro e quarto anos. A escola, naquele contexto, representava um espaço de aprendizagem e de sociabilidade muito valorizado por algumas destas crianças. Firmino relatou, como é possível notar a seguir, seu desejo e esforço em frequentá-la:

> Eu nunca fui de condução pra escola. Só fui a pé. A escola daqui até lá dá uns dois quilômetros. Eu não lembro que alguém tenha me levado na escola algum dia. Olha que a aula começava às oito da manhã. A aula começava cedo, precisava sair cedinho pra chegar lá. Porque ia a pé, né! Só uma curiosidade, eu queria ir na escola, tava com sete anos e meu pai não colocava eu. Um dia aí eu fiz uma greve aqui, um barulho aqui, dei uns chutes na porta. Aí ele chamou um primo meu, o seu tio Toninho [Antônio Firmino Pinto]. Falou pra ele esperar, ele ia indo pra escola fazer a quarta série... Só que ele já era mais velho, não tinha a quarta série. Quando entrou a quarta série ele já tinha saído da escola um tempo, na terceira série e ele entrou pra fazer a quarta série. Aí ele me levou. Me apresentou na escola lá... E foi quem me introduziu na escola no primeiro dia. Foi em 67 (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

FIGURA 7 – TURMA E FORMATURA DA ESCOLA DOS DELGADOS

Fonte: acervo pessoal de Firmino Aparecido Pinto, a: Firmino é o primeiro à esquerda, entre 1967 e 1968, b: Firmino recebendo diploma, final de 1970.

Todavia, este acesso à educação correu paralelamente ao início das crianças na vida do trabalho. Concomitantemente a frequência à escola as crianças também eram inseridas na prática da agricultura. A agricultura, o cuidado com o sítio, com a casa e com a família eram dimensões da vida concatenadas. Os filhos, sobretudo naquele contexto, integravam a força de trabalho no campo.

O sistema produtivo dos sítios contava com estas pequenas mãos as quais prematuramente já eram introduzidas no campo e concorriam, de certa maneira, com a escola. A narrativa de Margarida abaixo possibilita a compreensão deste tempo. Margarida estudou em outra escola, onde hoje está a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Rural Alfredo Cristiano Stahlberg, conhecida como escola dos Stein, ainda no bairro dos Frades próximo a seu limite com o bairro dos Pires.

> Eu fui na escola, aquela escolinha do Carlos Stein, no Stein lá. Fui dois anos só na escola, não cheguei a passar o segundo ano, mas aprendi bastante coisa até. E eu já trabalhava também antes de ir na escola. Entrava as oito horas e eu tirava leite de nove vacas pra ir na escola. Ia chorando ainda pra escola. Nossa! Descalça, não era fácil, mas trabalhei (MARGARIDA MILK PAES, 2018).

A necessidade da garantia da força de trabalho das crianças e jovens naquele contexto influenciava no absenteísmo no período escolar. As razões desta garantia relacionam-se com a questão técnica agrícola presente naquele tempo, além da significação social do trabalho. Os braços eram necessários como salvaguarda da vida no campo. Esta dimensão do trabalho e da técnica voltada ao campo será melhor discutida adiante.

2.6 Tempo sagrado e a instituição da Igreja São Francisco de Assis

A dimensão religiosa sempre se manteve presente em ambos os bairros. De tradição católica, os sitiantes praticavam os ritos religiosos nas casas das famílias. Esta tradição por vezes é retomada. No entanto, a constituição da igreja São Francisco de Assis permitiu a consolidação de um espaço de agregação e de comunidade. Em suas memórias, Benedicta relata o contexto em que a igreja foi construída.

> Não tinha igreja, só ia em missa quando falecia um. Arrumava um caminhão, enchia de gente e ia na missa lá na São Sebastião em Limeira, a única igreja. Rezava terço, fazia a semana santa em casa, fazia aquela oração da semana santa. A igreja São Francisco [...] a Terezinha [filha] nasceu em 53. Em 53 que teve essa igreja aí. Foi a Rita Pires que doou o terreno. Chamava Joaquim Paes, ele que adoou o São Francisco e teve uma procissão. O Alfredo Sal que morava na Água Espraiada pra lá disse que precisava ter uma igreja aqui nos Frades e que o santo precisava chamar São Francisco porque o bairro era Frades. A primeira igreja era essa aí mesmo. Depois foi emendando porque tem barracão, né? Mas não pode terminar! Todo mês tinha missa, às dez e meia, agora mudou pras dez horas. Tinha uma festa por ano, agora tem três e nem assim termina o barracão. Era quatro de outubro, dia de São Francisco. Tinha procissão, vinha até aqui em cima, quase um quilômetro. Tinha andor, três andor, São Francisco, Nossa Senhora Aparecida, São José e São Benedito, quatro, né? (BENEDICTA BARBOSA, 2018).

Para Queiroz (1973), as comunidades religiosas são tradicionalmente marcas de um bairro rural. Para a autora a festa do santo padroeiro em comunidades católicas constitui momentos de união das famílias. A igreja, assim, configura uma comunidade rural, um espaço religioso mantido pela dimensão social do bairro. José em sua narrativa a respeito da formação da igreja São Francisco de Assis acrescenta ao relato de Benedicta detalhes da formação desta comunidade.

> A igreja São Francisco foi inaugurada em 53. Em 53 foi rezada a primeira missa. O padre deu uma festinha, sabe? Foi rezar a primeira missa. As festas dos Frades toda vida foi em julho, mas chovia demais, daí passou pra outubro por causa disso e chovia mesma coisa. Quem doou o terreno foi o Benedito Gomes Barbosa, chamava ele de Dito Leitão. Ele e a Rita Pires. Esse terreno foi assim, o falecido Alfredo Sal que era do Sampaio vinha trocar farinha na dona Rita e o Alfredo falou pra dona Rita "Dona Rita, aqui é um bairro tão grande, não convém nóis fazer uma igreja aqui? Vamos fazer uma igreja aqui?" E a Rita Pires "Eu dou a terra!" A primeira coisa que falou "Eu dou a terra!" O Alfredo "Bão no Gamelão". Ali tratava de Gamelão, sabe? "Eu dou a terra, pode ser lá, pode por". O Alfredo "Mas a senhora doa a terra?" "É claro que dou! Eu dou a terra, com o Dito, nóis dá a terra". E o padroeiro, que santo? "São Francisco, São Francisco, São Francisco". Deu três murros na mesa, sabe? E colocou São Francisco mesmo pra ela. Até hoje tá ali, né? Então, ela que doou a terra ali e escolheu o santo também, o padroeiro. Pra construir, o primeiro donativo foi o Carlico Borges com o Alfredo Sal que passou falando dos donativos, sabe? Tijolo, areia, tudo. E quem colocou o primeiro tijolo no cantinho foi o Manuel Barbosa. Eu tava lá, eu vi. O Manuel passou barro no tijolo, dentro do alicerce e fez assim com o tijolo, mas não tinha uma máquina, um nada pra tirar fotografia pra lembrança. Depois ele abaixou o tijolo e colocou o primeiro tijolo, no cantinho de baixo do lado direito, eu sei até o lugar. Manuel que foi o primeiro (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Deste modo, a constituição da comunidade de São Francisco de Assis ocorreu pela aspiração de moradores do bairro. A doação do terreno por Dito Leitão (Benedito Gomes Barbosa) e por Rita Pires Barbosa (figura 8) para construção da igreja foi uma iniciativa que possibilitou a formação de um núcleo social.

FIGURA 8 – DITO LEITÃO, RITA PIRES BARBOSA E FAMÍLIA

Fonte: acervo pessoal de Idinei de Jesus Barbosa. Da esquerda para direita: José Francisco Barbosa, Gertrudes Barbosa, Lázaro Olivério (colo), Idinei de Jesus Barbosa, Rita Pires Barbosa, Benedito Gomes Barbosa (Dito Leitão), Maria Benedita Barbosa e Joaquim Olivério, meados da década de 1960.

A festa tradicional da comunidade ocorre sempre no mês de outubro nas proximidades do dia quatro, dia do padroeiro. A festa, a missa e a procissão constituem

marcações de um tempo sagrado (figura 9). Trata-se da manutenção e do reforço da lógica católica que atravessa o cotidiano da crença do sitiante. As manifestações religiosas, deste modo, são manifestações que fortificam a condução moral dos sitiantes pela religião.

FIGURA 9 – ANTIGAS PROCISSÕES DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Fonte: acervo pessoal de José Benedito Barbosa, a: 07/10/1973, b: sem data.

Como salienta Fernandes (1971), a igreja dentro de um bairro rural compreende um elemento de coesão social. A igreja é símbolo de uma comunidade rural, ou seja, é marca de um espírito coletivo envolto numa lógica religiosa, aqui católica. Para além de ser um espaço para manifestar a fé, a igreja possui sua função social, é, deste modo, socializadora.

A força da comunidade está envolta também no trabalho. As necessidades da comunidade passam por processos de deliberação a partir do qual os sitiantes debruçam tempo e força de trabalho. A exemplo, a reforma pela qual a igreja passou durante o ano de 1999 (figura 10). A comunidade possui um sistema de arrecadação de fundos via festas. De acordo com alguns sitiantes a reforma referida também foi possibilitada por uma doação.

FIGURA 10 – REFORMA DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Fonte: acervo pessoal de Firmino Aparecido Pinto, 1999.

Atualmente, além da festa do padroeiro em outubro (figura 11 e anexo A), há durante o ano mais duas festas. Nos meses de fevereiro a chamada Festa do Sorvete e nos meses de julho a Festa Julina. Estas festas e os eventos que ocorrem na comunidade são exemplos de tempos de agregação. A organização destes eventos ocorre mediante uma diretoria. Durante as festas os membros da comunidade dividem-se em afazeres relacionados aos arranjos necessários para suas realizações.

FIGURA 11 – PROCISSÃO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Fonte: T. E. P., 30/09/2018.

Especificamente para a festa do padroeiro há a prática de angariação de fundos realizada pela figura do festeiro. Este passa de casa em casa pedindo a "esmola" para o santo. Normalmente prendas e/ou dinheiro. Há também festeiros nas comunidades vizinhas. Nas adjacências da igreja São Francisco de Assis há outras comunidades religiosas que são regidas atualmente pela paróquia Coração de Maria localizada na cidade de Limeira. Por muitos anos, as igrejas rurais integravam a paróquia de São Sebastião localizada no bairro Bom Vista em Limeira.

As outras comunidades rurais próximas são: São José e Nossa Senhora das Vitórias, ambas no bairro do Pinhal e São João Batista no bairro Água Espraiada. O trabalho coletivo é comum em todas estas comunidades. Muitas vezes há o desprendimento de auxílio de uma para outra. É, como acentua Brandão (1995), a manifestação do mutirão, uma associação entre trabalho coletivo e convivência solidária.

2.7 Idas e vindas: entre os sítios e as cidades

O estabelecimento de núcleos rurais como descrito neste texto propiciou uma relação campo-cidade característica de grupos rurais. Os sitiantes forneciam insumos e alimentos para as cidades como forma de aquisição de renda e para adquirirem produtos não produzidos nos sítios. O fornecimento de madeira para lenha para as áreas urbanas foi prática comum entre alguns sitiantes, aqueles que realizavam esta atividade eram chamados de carreiros, como Manuel Pinto, pai de Firmino (figura 12).

> Como antigamente não era proibido cortar as árvores e tinha muito mato e pra produzir lenha precisava plantar em terra de mato, porque era terra nova, então cortava, derrubava as mata, tirava lenha e não sei... Eu acho que não existia gás porque abastecia a cidade com lenha, então havia vários sitiantes que no tempo da seca que não tem serviço na roça... Porque naquele tempo plantava só na época das águas. No tempo do meu pai fazia, fazia isso. Cortava mato, pegava lenha, levava na cidade, na cidade tinha as chamadas lenhadoras que eles distribuíram lenha lá. Então meu pai foi um desses. O irmão dele que é seu vô [Antônio Pinto] também foi um desses carreiro, né! Saia de madruga com a carreta cheia de lenha, com seis ou oito, até dez bois. Normalmente os boi levava... Ou a carretela que é de duas roda só ou o carroção que é de quatro roda e os carreiro ia a pé do lado dos bois. Depois aprendia, sabia de cor o caminho pra ir. Então fazia uma viagem por dia ou três vez por semana. Isso eles fazia no tempo da seca. Isso também pra ajudar um pouco no orçamento da família, né! Mas eles... Isso não é do meu tempo. Eu lembro dos bois [...]. E tinha fábrica de papelão, de levar a palha do arroz, também ele levava na cidade... Tudo era feito com boi... O transporte... E era isso... Isso que eu sei porque não é do meu tempo, mas eles foram chamados carreiro sim, de levantar madrugada, escuro, pisando na geada pra ir no pasto trazer os bois, pra colocar as cangas, formar aquelas fileira né, aquelas carreira de boi, engata na carroça, a carreta já tava carregada e levava pra cidade (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

FIGURA 12 – MANUEL PINTO E OUTROS CARREIROS

Fonte: acervo pessoal de Maria Magdalena Barbosa Pinto, sem data.

Os relatos abaixo de José e Margarida permitem a discussão acerca das funções dos espaços urbanos sobre o modo de vida mantido pelos sitiantes. Estes relatos são memórias evocadas e construídas referente a um tempo em que eram jovens, num contexto de veículos de transporte ainda movidos a tração animal.

> Toda semana precisava ir, e gozado que nóis ia fazer compra, os vizinhos, todo mundo encomendava. Dava paperzinho, fazia a compra e ia pagar dali seis mês, um ano. Não é igual agora, todo dia sobe, né? Trazia o açúcar, o sal. Óleo nunca comprava porque tinha porco na casa de sábado. Era tudo assim. Ia de charretinha, de trolinho passamo pra charretinha e tá até hoje aí. Era de rodinha de ferro, pusemo pneu, aí ficou mais invocado! (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

A memória elaborada por José traz a função da cidade enquanto espaço de troca. Os mantimentos essenciais não produzidos nos sítios como açúcar e sal eram elementos de valor de câmbio a partir de produtos levados do campo. Este movimento campo-cidade via charrete, naquele contexto, exprime um tempo lento no qual a ida à cidade representava um hábito da própria vida no campo.

> Eu ia com meu pai porque meu pai ia toda semana. Ele fazia manteiga pra vender, tirava o leite, uma quantia fazia manteiga, tirava mais de cem litros de leite. Ele ia todo sábado, ia de charrete naquela época. Bem depois, mais tarde, comprou o carro, comprou caminhonete. Antes ia de charrete pra cidade, toda semana ele ia, então eu ia junto também. Todo sábado ia fazer compra, ia pra Cosmópolis fazer compra lá, ia pra Limeira (MARGARIDA MILK PAES, 2018).

Este relato de Margarida também revela a função cambiante do espaço urbano para os sitiantes. A venda de produtos oriundos da força de trabalho das famílias do campo reforçava a manutenção de seu modo de vida. Outro ponto que pode ser observado é o tratamento da cidade a qual compreende também os bairros rurais. Chamá-la de Limeira como algo externo ecoa como consideração externa em certa medida. A área urbana de Limeira não era o único destino. As proximidades dos bairros com os municípios de Artur Nogueira e Cosmópolis os tornavam também destino de troca.

2.8 A venda, espaço de comércio na área rural

A venda é um espaço muito comum em bairros rurais. Historicamente ela correspondeu a um espaço de troca para os sitiantes. Aquele que o comandava comprava mantimentos produzidos no próprio bairro como arroz e milho para revender. Ainda, produzia com a família alimento embutidos. Alguns produtos industrializados eram comprados de vendedores itinerantes e, então, revendidos.

A venda (figura 13), tratada aqui foi conhecida como venda do Adão [Barbosa], filho de Benedito Barbosa e Rita Pires Barbosa e pai de Idinei de Jesus Barbosa. Hoje, a venda é mais conhecida como Bar do Ponto e está alugada. Não possui mais a função de armazém e sim de bar. Contudo, ainda pertence a mesma família.

> Então, como eles fizeram negócio eu não tenho certeza de quanto foi pago, essas coisas assim eu não sei, mas eu lembro que ele [seu pai Adão Barbosa] comprou do Alcides Fisher. A Laurinda [irmã] tinha 3 mês. Hoje a Laurinda tá com 44 anos. Então faz quase 44 anos. Em maio agora deste ano a Laurinda faz 45 e a Laurinda tinha 3 mês, eu lembro que ela tinha 3 mês quando o pai mudou pra lá. Era um armazém, né! Tinha bebida alcoólica, tinha refrigerante, fazia sorvete pra vender, vendia arroz, vendia feijão, tinha de tudo. Era no saco. Tudo no saco. Feijão no saco, arroz ... O pai limpava arroz, tinha máquina de limpar arroz, limpava, vendia. Falei procê lá, a bolacha não era empacotada, era numa lata bonita. Aí tinha a venda do Ditão Matheus[1] também, né! Era tudo assim. O feijão, comprava da turma por aqui e vendia. Ele vendia de tudo assim, parte de comida ele vendia de tudo, sabe? Tinha... Você podia ir lá que você comprava de tudo. O básico de uma casa você comprava. Daí outras coisas já comprava... Antigamente chamava de viajante, né! O cara vinha, fazia o pedido e trazia, mas o arroz, o feijão assim comprava da turma por aqui. Tinha uma balança de pesar... (IDINEI DE JESUS BARBOSA. 2018).

FIGURA 13 – VENDA E BALANÇA

Fonte: T. E. P., a: 11/01/2019, b: 03/04/2018.

2.9 O simbólico da Santa Cruz: lugares de memória

Nos bairros há construções denominadas pelos sitiantes de Santa Cruz e compreendem dimensões materiais e simbólicas da cultura do grupo. As capelas edificadas em espaços referenciais, em ambos os bairros, são produtos de uma experiência, de um

[1] A venda mencionada é próxima ao Bar do Ponto onde funcionou a venda do Adão, contudo hoje está desativada.

hábito. Chamo estas capelas de lugares de memória, pois sua dimensão simbólica permite a evocação de suas histórias quando são requisitadas. São marcas de um tempo. Abaixo segue narrativa referente a uma das diversas capelas presentes nos bairros.

> A santa cruz? Ali morreu nosso bisavô de repente, o João Delgado. Morreu o João Delgado ali, tava arando terra ali, caiu morto. E o irmão dele, o Manuel, morreu perto da casa do Inho [Manuel Delgado], sabe a casa do Inho? Não tem uma capelinha? Lá chamava Manuel, morreu também, mesma coisa, de repente. Morreu dois irmão de repente. Costumava construir santa cruz, era um respeito. Falecia uma gente naquele lugar, tinha uma cruz, colocava uma cruz, era um respeito pra família (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Estas edificações são referências de um tempo materializadas. O relato de José sobre a Santa Cruz construída em memória de seu bisavô (figura 14) relaciona-se com a descrição dentro da capela que revela que a ocupação ali é anterior ao final do século XIX, pois, como mostra a descrição, seu bisavô morreu em 20 de setembro de 1897. Data que expressa um tempo que esta área já era ocupada por seus ancestrais. As narrativas sobre outras santas cruzes dos bairros estão no apêndice D devido ao número delas. Neste trabalho não foram colocadas todas existentes nos bairros e sim as citadas pelos entrevistados.

FIGURA 14 – SANTA CRUZ DE JOÃO DE OLIVEIRA DELGADO

Fonte: T. E. P., 28/06/2018.

Algumas das Santas Cruzes dos bairros são também lugares de devoção, recebem por vezes manifestações como uma reza ou um terço como forma de manutenção de sua função, são lugares que simbolizam o tempo da fé. São cuidadas pelos sitiantes, algumas mais, outras menos. Recebem objetos de famílias, imagens de santos, fotografias, as vezes como cumprimento de uma promessa, de um pedido. Antes mesmo de ter a igreja no bairro, as missas ocorriam nas santas cruzes, havia toda uma organização logística para a locomoção de um padre mais próximo. É o que ocorria, por exemplo, na Santa Cruz instalada no sítio de Benedito Gomes Barbosa (Nino Gomes), conforme os primeiros relatos no apêndice D.

Todas estas camadas da vida nos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades a partir da construção de memórias exprimem suas singularidades. Também permitem constituir um tempo. A constituição dos bairros, suas instituições sociais como a escola dos Delgados e a igreja de São Francisco de Assis foram – e a igreja ainda é – núcleos de agregação constituídos como marcas de uma vida em comunidade, de solidariedade. São sinais de uma vida partilhada, sobretudo pelo trabalho mútuo presente tanto no tempo da vida social quanto no tempo da agricultura. A centralidade do trabalho no campo em suas próprias terras, seus sítios é fundamento deste grupo. Esta centralidade será desdobrada no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

O TRABALHO DA MEMÓRIA E A MEMÓRIA DO TRABALHO: A PRÁTICA DA AGRICULTURA E SUAS MUTAÇÕES NOS BAIRROS RURAIS CÓRREGO BONITO DELGADO E FRADES

Foto: acervo pessoal de Maria Magdalena Barbosa Pinto. Ensaque de algodão. Da direita para a esquerda: Firmino Aparecido Pinto, Silvio Barbosa e Eva Maria Pinto Vanço. Data: março de 1981.

A memória não constitui-se como ação de revelação de um passado puro. É, na verdade, uma ação de construção, de elaboração das marcas do passado. Portanto, a constituição da memória e a narratividade de uma experiência no tempo compreende um exercício. Como propõe Bosi (1994, p. 55), "memória não é sonho, é trabalho". Neste sentido, a composição da memória é um empreendimento sempre vivo quando requisitada.

O trabalho como ação humana, como engajamento para a produção, não escapa àqueles que se propõem a recompor seu passado. Para a autora, o trabalho funde-se com a própria substância da vida. Se por um lado o trabalho apresenta-se como dimensão de classe numa sociedade capitalista ou como lógica de reprodução social em sociedades camponesas, é também movimento que apresenta-se nas esferas do aprendizado e da significação, deste modo, possui dimensão subjetiva.

Para Dejours (2012b), o trabalho é vivo. É atividade produtiva e também é uma atividade que mobiliza a subjetividade, ou seja, o trabalho possibilita a ampliação da vida subjetiva a partir de determinadas condições sociais. Quem trabalha, além de produzir algo, forma-se e transforma-se. Aqui, as condições sociais e de vida estão inseridas no mundo camponês. É esta circunstancialidade que colocou os envolvidos na pesquisa como sujeitos no mundo, numa interrelação entre condição camponesa e construção subjetiva.

A natureza do trabalho analisado nesta pesquisa está associada ao exercício vital de sociedades camponesas. Considerando que os sujeitos envolvidos aqui compreendem-se como sitiantes, conceito que logo será abordado, há uma relação entre seu modo de organização social, dentro de suas especificidades, com aqueles que caracterizam o campesinato enquanto modo de produção social. Assim, neste capítulo a questão central é o trabalho destes sujeitos, suas dimensões técnicas e subjetivas inseridas em seus espaços de reprodução social.

É no sítio, unidade de produção camponesa, que a força de trabalho familiar manifesta sua centralidade enquanto suporte para a manutenção do modo de vida camponês (WOORTMANN, 1983). É o espaço que unifica materialmente as atividades do grupo, é onde estão os meios de sua produção social. E esta força de trabalho não se configura apenas como instrumentalidade, é, todavia, constituída num processo de transposição de um saber camponês, saber central para a continuidade da agricultura camponesa.

Assim, como discute Antonello (2001), há uma complexidade que envolve a vida camponesa nas dimensões da organização do trabalho, no enfrentamento cotidiano da prática da agricultura e no planejamento em relação aos destinos de seus cultivos como chave para a reprodução da unidade de produção, questão também discutida por Gemma (2008). E esta complexidade envolve todo um mecanismo de formação da família camponesa, da aprendizagem e da divisão social do trabalho. Há, assim, um comprometimento social e familiar para a continuidade do modo de vida dos sitiantes, comprometimento que também é dotado de fissuras e de relações de poder.

Ainda, há o debate acerca das dimensões técnicas do trabalho e suas transformações no intuito de compreender os efeitos da inserção da mecanização no campo pelo atravessamento e absorção do paradigma produtivo da agricultura modernizada. Modelo que se caracteriza pelo uso intensivo de insumos e agroquímicos para combate de pragas e doenças e que é fruto de um contexto da ciência moderna pautada na racionalização, tomada como instrumento de exploração e manipulação irrestrita da natureza (ALTIERI, 2002).

Este exercício da memória propiciou aos sujeitos a uma reflexão sobre o tempo presente. O contexto de enfraquecimento da força de trabalho familiar e os custos da produção, discutidos adiante, potencializaram os esforços para a manutenção do trabalho da terra. Associada a esta questão está a expansão da produção da cana-de-açúcar em ambos os bairros, produção que é alienada, pois ocorre pelo arrendamento da terra por usinas da região. Assim, aparece a questão da subordinação cada vez mais presente da renda da terra à agricultura capitalista centrada em interesses distintos da agricultura camponesa.

O ponto de chegada destes sitiantes depois de elaborar toda a simbolização de um tempo a partir da memória pode ser também um ponto de partida. Na discussão final deste capítulo está a percepção acerca da encruzilhada que a agricultura camponesa chegou e na possibilidade de sua recriação. Assim, entra a descrição a respeito do desenvolvimento da Associação de Produtores Agrícolas de Limeira – APAL, presente no bairro dos Frades e que tem se estruturado a partir de política pública, especificamente do Programa Microbacias[2].

[2] Este programa tem dimensão federal e estadual. No estado de São Paulo está na fase II. Pode-se verificar suas diretrizes em: São Paulo (Estado). Decreto nº 56.449 de 29 de novembro de 2010. Disponível em: http://www.cati.sp.gov.br/microbacias2/upload/base-legal/Decreto.

3.1 A roça como destino: a dimensão social do trabalho

As narrativas presentes nesta pesquisa permitem conceber que a experiência de vida dos sujeitos envolvidos tem no trabalho centralidade singular já aprofundada e discutida por muitos autores (ANTUNES, 1999; DEJOURS, 2012b; SZNELWAR, 2015). O trabalho dentro das sociedades camponesas é dotado de suas especificidades. Segundo Woortmann (1997), o trabalho camponês é consciente, ou seja, é atividade de manutenção da vida que integra conhecimento e força de trabalho. Ainda, nesta integração a apropriação territorial é ponto chave para a especificidade deste trabalho.

O camponês ou a camponesa dominam todo o processo produtivo dentro de suas unidades de reprodução social e detém todo o saber necessário para este processo. O trabalho no campo envolve principalmente planejamento, preparo do solo, plantio, colheita, pós-colheita, comercialização, processamento e estocagem (GEMMA, 2008). Está aí a distinção central deste trabalho comparado às forças de trabalho empregadas em contextos urbano-industriais. Neles, o trabalhador detém o conhecimento apenas de parcelas do processo produtivo e são separados dos meios de produção.

Como já mencionado, a unidade de produção e reprodução social destes trabalhadores é o sítio. É desta unidade que deriva o conceito de sitiante. As condições básicas para ser sitiante envolvem a propriedade da terra e o domínio das técnicas que permitem os processos de trabalho (WOORTMANN, 1997). Assim, sitiante é um sujeito camponês e é a denominação a qual os envolvidos nesta pesquisa se reconhecem.

Segundo Brandão (1995), o sitiante é o proprietário e o lavrador. É toda pessoa que se ocupa e que vive do trabalho da lavoura. O sitiante é aquele que desempenha o trabalho em sua unidade de produção, o sítio, inserido em bairros rurais. Desta maneira, é um modo de vida característico destes bairros enquanto unidades territoriais constituídas de grupos de vínculo sanguíneo e de trabalho coletivo.

A coletivização do trabalho dos sitiantes é questão central. Esta sociabilidade manifesta-se na esfera da família camponesa como grupo nuclear e também pelo trabalho mútuo entre sitiantes, muitas vezes parentes e vizinhos. A força de trabalho da família é a estratégia política dos sitiantes para a manutenção da unidade de produção. A família é o grupo social da ordem e da vida camponesa (BRANDÃO, 1995).

A família camponesa é a base do engajamento coletivo. Os mais velhos possuem o papel social de conduzir as novas gerações à condição camponesa, aqui, à sitiantes. Para Brandão (1995, p. 136), a família camponesa é "o lugar ambivalente desejado e imposto de trocas afetivas de parentesco e trabalho". A família é ao mesmo tempo lugar da servidão e lugar da segurança. A submissão aos mais velhos e ao trabalho na/da terra é a condição imposta para a permanência do/no grupo.

O processo de formação social e construção dos bairros e sítios como unidades territoriais de produção e reprodução social mencionados no capítulo anterior compreende a força circunstancial que condicionou os envolvidos nesta pesquisa à vida camponesa. Nas palavras de Woortmann (1997, p. 17), "para os sitiantes, trabalho, terra e família são indissociáveis e falar de um é falar dos outros". Assim, a tríade trabalho-terra-família é o conjunto que mobilizou e mobiliza a especificidade da condição de sitiante.

A autora ainda salienta o papel do pai como figura central da família camponesa, detentor do saber e organizador do trabalho em suas dimensões técnicas e de cultivo, ou seja, é aquele que sabe o quê e como plantar e colher. É o "pai-patrão" que conhece e governa todo o processo de trabalho. Assim, pode-se já inserir nessa discussão a experiência desses sitiantes envolvidos na pesquisa no campo da relação entre trabalho e família:

> Eu fazia de tudo, eu carpia. Naquele tempo o pai plantava mandioca. Chegava da escola e ia lá na roça, bardeava mandioca até tarde. Fazia um limpo assim redondo, a gente ponhava as mandiocas assim e a outra turma ficava dentro daquela roda despinicando e nóis bardeava aquela mandioca. Quando não era época de mandioca era de arroz, né! E eu bardeava arroz, despois cresci um pouquinho e aí eu cortava porque não deixavam eu por a mão no ferro de medo de eu cortar a perna. Daí quando cresci mais um pouco cortava arroz. Colhia o arroz com ferro, cê conhece o ferro? A gente fazia assim com a mão e passava o ferro por baixo. Isso aí, punhava tudo num montinho assim. Depois a turma vinha catando. Era vô, vó, às vezes uma irmandade nossa. Tudo em família (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018).

Nesta narrativa estão presentes elementos centrais do trabalho camponês. Como salientou Isabel, o cultivo era ordenado pelo seu pai e na roça havia todo um processo organizativo de colheita, de uso de técnica e de emprego da força de trabalho familiar. As gerações das famílias comungavam o espaço de trabalho. Avós e pais, filhos e netos permaneciam no mesmo espaço, da vida e do trabalho. As famílias, como a de Isabel (figura 15) eram em grande parte numerosas. Como ela mesma menciona, a irmandade, o conjunto de filhos, estava comprometida com o trabalho.

FIGURA 15 – FAMÍLIA DE ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO

Fonte: acervo pessoal de Benedicta Barbosa. Da esquerda para direita: Benedita Barbosa Rosa, Isabel Ramona Barbosa Delgado, Maria Barbosa, Aparecida Barbosa (mãe) João Pedro Barbosa, José Barbosa (pai), Antônio Barbosa e motorista, Pirapora de Bom Jesus, meados da década de 1960.

Contudo, o comprometimento com o trabalho, como já salientado, perpassava por um processo de inserção social. Por meio do trabalho, os sitiantes, famílias e vizinhos configuravam seu modo de vida. O "pai-patrão" como governador da unidade de produção e como detentor do saber tinha o papel de transpor aos filhos este saber num processo de coerção dolorida e necessária para o processo de reprodução social, portanto, um processo ideológico (WOORTMANN, 1997). Filhos e filhas de maneiras distintas estavam destinados a conhecer o processo de trabalho para quando crescidos serem detentores deste saber.

Este processo ideológico era operado por uma demonstração cotidiana do modo de vida dos sitiantes. Era na infância que o mundo do trabalho apresentava-se. Como menciona Brandão (1995, p. 133), "crescer como um sitiante é, em primeiro lugar, encontrar, conquistar e submeter-se a feixes e esferas de relações com/entre familiares". Deste modo, o aprendizado do trabalho revelava, pouco a pouco, o destino. E a submissão a este destino muitas vezes ocorria com base na força como ocorreu com o primogênito de Maria Barbosa, como relatou:

> O Né [José Francisco Barbosa- filho] era o mais grande que ajudava eu. O Né desde os dez anos trabaiava na roça, no trator. Se não trabaiasse apanhava, o Nino [Benedito Gomes Barbosa - esposo] enfiava a guasca. Ele era grande, né! Era gordo, grandão. Fazia trabaiá senão apanhava. Dispois era com o boi, ponhava o boi no picador assim e puxava. Naquele tempo o picador era com o boi, hoje não. O trator puxa, né! (MARIA BARBOSA, 2018).

Assim, quando bem realizado, esse processo ideológico formulava o valor do trabalho. A inserção nas relações sociais de trabalho possuía, para além do aprendizado para a reprodução do modo de vida camponês, uma forma de criação de valores morais. Para Brandão (1995), a educação do filho no campo possui dimensão que ultrapassa a simples ação física, a instrumentalidade.

Na verdade, a educação era promovida pelo trabalho num pacto coletivo para a criação do "amor pelo trabalho", ainda que este se mostrasse árduo. Os objetivos das gerações mais velhas estavam pautados na criação do valor do trabalho para a constituição moral do sujeito e como condição inevitável para a reprodução da vida. É neste contexto que Firmino Aparecido Pinto, sitiante, iniciou seu processo de aprendizagem do trabalho:

> A maioria das crianças chegava da escola e ia na roça, algum dia não, mas na maioria dos dias ia na roça. De brincadeira, era uma criança. Não me arrependo e não acho errado. Ia trabalhar, aprender as coisas o quanto antes. Não deixava ficar marmanjo porque senão não aprende e não tem vontade de fazer nada. Então eu acho que pra mim foi muito bom. Eu nunca deixei de trabalhar, até plantação eu fiz quando criança. Eu chegava da escola e ia cuidar da minha plantação. Arroz cheguei a plantar. Meu pai ajudou e depois eu cuidei, uma plantação minha, pra mim foi muito bom. E eu acho que devia voltar isso porque tem coisa que tem que meio que retroceder um pouco, mas é coisa que dá certo, porque o quê existe hoje não tá dando nada certo, pelo contrário, tá dando errado. A gente ia aprendendo na medida da força da gente. Ninguém explorava criança, a gente gostava. Chegava a hora de colher algodão era um gosto pra nós. Além de trabalhar, passava o tempo e nós ganhava um dinheirinho. Não é exploração de menor isso, nunca, exploração de menor é coisa inventada pra destruir a sociedade. Hoje em dia tá bem pior do que era. Mas assim, desde criança fazendo uma coisa na roça, ajudando um pouquinho, né! Com a limitação da criança, mas depois você vai aprendendo até aprender a fazer sozinho, né! (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Essa narrativa da experiência de Firmino apresenta o que Brandão (1995) caracterizou como processo de educação pelo trabalho. Ainda que Firmino já frequentasse a escola, a construção moral do amor pelo trabalho era elaborada no âmbito da família. A criança levada para a roça iniciava seu processo de familiarização com trabalho da terra. A apreensão do saber e da técnica começava como "brincadeira".

A crítica que Firmino realiza a respeito da exploração do trabalho infantil, todavia, deve ser contextualizada. Ainda que em muitos casos o processo de inserção no

mundo do trabalho fosse coercitivo, na experiência de Firmino este processo ocorreu de maneira cumulativa. Ao brincar de fazer sua roça de arroz, Firmino foi construindo e internalizando o saber e a técnica até então de apropriação de seu pai. A destruição da sociedade que Firmino menciona, causada por uma "suposta" exploração de menor, na verdade é uma "destruição" da força de trabalho familiar iniciada na infância, característica de sociedades camponesas. Firmino, ao final de sua entrevista, recitou um poema, uma música de sua autoria em que demonstra sua concepção acerca da vida na roça e do valor que atribui ao trabalho.

Caboclo do mato

Firmino Aparecido Pinto

Nasci no meio do mato, de verdade eu sou matuto.
Desde criança eu trabalho, eu gosto de serviço bruto.
Levanto de madrugada com silêncio absoluto,
só o cantar do meu galo é o som que eu escuto.
Bem antes do sol nascer eu deixo a minha paioça.
Eu ando sempre descalço,
o meu pé tem sola grossa.
Quando o serviço é bem longe, aí eu vou de carroça
Só depois que escurece que eu tô voltando da roça.
Essa vida que eu levo parece uma vida dura,
mas se Deus me desse outra, eu quero ver quem me segura.
Eu também gosto de caçar a noite, paca a noite, escura.
Carne de bicho do mato é o que me serve de mistura.
Eu não sou muito letrado, escrevo e leio malemá,
mas sou muito bom de conta na hora que precisar.
No negócio eu sou esperto,
é ruim de me enganar.
Eu não tenho muito dinheiro,
mas nunca chegou a faltar.
Eu sou um caboclo bruto,
não tenho delicadeza.
Mas eu sou trabalhador, não gosto de moleza.
Saúde eu tenho bastante, que é presente da natureza.
E eu quero morrer de velho aqui no mato com certeza.

Nos versos de *Caboclo do mato*, como Firmino chamou seu poema, nota-se que a força do lugar de vida e o valor do trabalho foram potências para sua própria constituição social e subjetiva. O trabalho do sitiante não é apenas uma ação ordinária. Todo o comprometimento moral embutido nele possui força que elabora o sitiante enquanto sujeito contextualizado socialmente.

E este trabalho apresenta-se pela coletivização da vida cotidiana. O sentido desta coletivização é a necessidade da força de trabalho que muitas vezes ultrapassa os membros da família. Brandão (1995) considera que a estrutura comunitária do trabalho camponês são espaços sociais de participação. No contexto de alguns dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, o trabalho de dimensão comunitária era condição essencial para a produção dos cultivares agrícolas de acordo com a natureza artesanal dos aparatos técnicos que tinham em mão.

O autor salienta que há três níveis de coletivização ou o que chama de unidades de afiliação pessoal nas sociedades camponesas. Em primeiro plano estão as unidades de produção e reprodução social. Os sítios e os bairros, desta maneira, compreendem o âmbito das relações locais de trabalho e convivência onde a família, parentes e vizinhos comungam o mesmo espaço social.

Em segundo plano estão os espaços sociais nos quais cada sitiante se integra de acordo com seus interesses, é o que o autor denomina como "partilha voluntária". E por fim, os espaços de trabalho coletivo determinados pela necessidade de força de trabalho. É a convivência associada à tarefa prático-produtiva, é a manifestação do trabalho mútuo que alarga a espessura dos laços sociais do trabalho camponês. Todos estes planos permitem a elaboração da unidade territorial que os sítios e os bairros rurais representam. É um todo intersubjetivo que atribui aos sitiantes a dimensão coletiva da vida. Ainda na experiência de Firmino, nota-se que o trabalho mútuo tinha sua centralidade no cotidiano dos sitiantes:

> Antigamente o povo era muito mais desapegado, era muito mais cooperador. Tá fugindo as palavras, mas se tivesse um serviço, um trabalho grande, os vizinhos não precisavam nem chamar, eles vinham ajudar. Era o mutirão que fazia antigamente. Então um ajudava o outro sempre que um via a deficiência, tinha dificuldade. Depois mudou. Quando ia fazer uma colheita uma família vinha ajudar a outra, então rendia e você ia ajudar as outras também, era gostoso, era muito bom (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Destaca-se, deste modo, a coletivização do trabalho. Acima está um exemplo do mutirão, nome dado à convergência da força de trabalho de família e vizinhos em momentos de necessidade. Conforme a quantidade de trabalho requisitada numa colheita, era comum este tipo de prática de troca de dias e de trabalho (figura 16). Esta prática, contudo, não emergia de uma relação instrumental entre sitiantes. De acordo com a fala de Firmino, os sitiantes em seu cotidiano viam as dificuldades enfrentadas pelo seu vizinho ou parente e ofereciam a força de trabalho de sua família num espírito de cooperação.

FIGURA 16 – ENSAQUE DE ALGODÃO

Fonte: acervo pessoal de Maria Magdalena Barbosa Pinto. Da esquerda para direita: Firmino Aparecido Pinto, Eva Maria Pinto Vanço (irmã), José Barbosa (tio materno), Silvio Barbosa (primo) e Ana Aparecida Pinto Delgado (irmã). Data: março de 1981.

Entre os membros da família comprometidos com o trabalho, era comum, e é algo que persiste, a associação ao grupo familiar, devido à demanda de trabalho, de trabalhadores sem vínculo sanguíneo e não proprietários de terra. Este sujeito, muitas vezes agregado à família sitiante consiste na figura do camarada. O camarada é o trabalhador individual. Este trabalhador normalmente vive com uma família e tem a função social de auxiliar, além dela, os sitiantes vizinhos. É nesta condição que aparece o trabalho em troca de pagamento no contexto camponês. Normalmente o camarada vive numa dimensão social inferior aos sitiantes. Como relatou Isabel (2018), “as vezes o pai pagava um pra ajudar nóis porque a gente não tinha condição de fazer tudo sozinho, não tinha, era muita coisa.”

A força de trabalho como um todo necessário é pensada e consolidada por uma lógica que define a divisão sexual do trabalho dentro do grupo familiar. Ao menino é transpassado todo o saber essencial para a prática da agricultura, para a produção. É este saber

que, segundo Woortmann (1997) permite a continuidade do sítio como terra de trabalho, além da propriedade da terra. Para a autora, o homem é a figura dona da terra e do saber dentro da hierarquia familiar.

Nesta divisão social do trabalho, a mulher-mãe e a mulher-filha têm seu papel já simbolicamente construído. O papel social da mulher e do homem desenvolve-se numa lógica simbólica que para Brandão (1995), antecede a razão prática, ou seja, a determinação qualitativa de cada gênero promoveu o direcionamento da mulher e do homem para seus papeis sociais e consequentemente para seus espaços. Assim, a casa é o espaço de cuidado da mulher, não necessariamente no topo da hierarquia social, enquanto a roça, a lavoura e a comercialização é domínio masculino. A mulher, como relatou Isabel, já na infância era direcionada a este papel. Muitas vezes sacrificava-se em detrimento do bem da família, dos pais, dos irmãos e do trabalho.

> Fui na escola com oito anos por que eu precisava oiá as crianças. Eu fartei muito na escola, repeti o primeiro ano. O pai queria tirar eu da escola, mas a mãe não deixou, daí eu fiquei mais um ano no primeiro e com nove anos eu saí da escola de novo. Saí da escola pra mim trabaiá, cuida da vida, cuida das crianças, isso aí foi a vida que a gente levou. Saí da escola pra trabaiá na roça (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018).

Isabel representa, a partir de sua experiência, o papel fundamental e complexo da mulher dentro da família de sitiantes. Seu papel expandia-se para além da força de trabalho. A mulher, mãe ou as filhas mais velhas, são a figura do cuidado da família. É quem cuida das crianças, como fez Isabel, e assim consolida seu papel social enquanto construção simbólica. A casa, a cozinha, a comida e os trabalhos domésticos ficam assim designados para a mulher.

> Depois dos sete anos trabalhei, cuidava das crianças, fazia de tudo em casa, fazia pão. A mãe amassava o pão, deixava no forno, deixava em cima da chapa. Onze horas eu vinha embora pra assar o pão e levar por volta do meio dia pra turma tomar café. Isso aí foi minha vida. E eu já ia na roça, por isso a gente tá um bagaço hoje, bota bagaço nisso, né! Eu lavava todas as roupas dos mais pequenos com sete anos. Depois fui crescendo, quando eu tinha doze anos fui lavar roupa no rio. Até meio dia na água lá de molho. Foi fácil não. Levava na bacia, levava um tacho pra ferver a água pra cozinhar a roupa pra limpar melhor. Tudo isso aconteceu. Cozinhava no fogão a lenha, não tinha fogão a gás. Primeiro meu pai fez quatro cômodos, fez um fogão, depois com o passar do tempo melhorou a situação e ele fez mais dois cômodos, mudou o fogão de lugar. E depois passou um tempo daí esticou aqui, daí fez o fogão aqui. Três fogão já passou, sempre melhorando. Daí não vai sair tão fácil também. A turma quer derrubar meu fogão, mas eu não deixo não. Eu cozinho nele, eu amo ele. Faço doce, eu cozinho feijão, cozinho mandioca, faço um monte de coisa. Por que eu vou destruir o fogão? Tem gente que nunca viu um fogão. Aqui tem um fogão pra turma ver. Tem gente que nunca viu um fogão desse aí de lenha (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018).

O papel social da mulher permitiu a associação da casa como espaço feminino. A cozinha, o fogão (figura 17), o cuidado com as roupas, ou seja, a alimentação e a limpeza são práticas essenciais para a manutenção da vida. Mesmo o homem direcionando o processo de produção no sítio e organizando a força de trabalho, a mulher tem no cuidado da casa seu papel social naturalizado que também necessita de um saber.

FIGURA 17– FOGÃO À LENHA DE ISABEL

Fonte: T. E. P.,19/01/2018.

Assim como a construção ideológica referente ao valor moral do trabalho é socialmente consolidada, a valorização do trabalho doméstico também estrutura-se, no caso de Isabel, papel que é realizado com gosto, com amor. Contudo, o espaço da mulher não é restrito à casa. Além do papel social doméstico, a mulher é força de trabalho e opera nestes dois polos.

> Então, meu pai tinha um cunhado dele lá e quando tinha arroiz pra colher, o milho não, mas o arroiz, ele vinha tudo com as crianças, tudo colher, pras criançadas bardear no maiador. Daí quando chegava de tarde e ia ficando a tarde as três horas em diante as muié ia embora, minha mãe, minha tia, fazer a janta, pra de noite tudo jantar junto. Terminava aquele lá e ia colher do outro. Fazia assim, era muito amigável, eu lembro daquele tempo lá, nossa como eu alembro! Tudo ajudava, não sei do tempo dele antes, só que depois que nóis casemo não tinha mais (MARGARIDA MILK PAES, 2018).

Assim, a mulher era a única que circulava em todos os espaços da unidade de produção carregando consigo saber e técnica. Do cuidado das crianças como continuadoras do modo de vida à roça. A mulher, ainda que não sendo a governadora do sítio via de regra, apresentava-se com peça chave para o trabalho coletivo. É nesta condição de trabalho árduo, coletivo e ao mesmo tempo hierarquizado que o trabalho dos sitiantes estruturou-se.

Ainda que o trabalho entre os sitiantes tivesse base num sistema de divisão social do trabalho hierarquizado, a autonomia apresentava-se como inerente à vida destes sujeitos. Toda a vida compreendia-se na apropriação material e de saber que promovia esta autonomia. Construir a própria casa e todas as edificações presentes nos sítios também integrava o processo de aprendizado para o trabalho e para a vida.

> A gente faz de tudo um pouco, né! Um pouco na construção, prestar serviço, o que precisar... Se tiver saúde a gente tá construindo umas casinha por aí. É, desde criança. Um pouco de vocação também, além da vocação da agricultura, a vocação também na construção. Aprendi na curiosidade. Sempre tinha pedreiro trabalhando aqui. Seu avô era pedreiro [Antônio Pinto]. Então a gente ficava de olho, né! (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Deste modo, a dimensão social do trabalho dos sitiantes configurou-se como força de trabalho de engajamento coletivo. Este engajamento operou-se pela via do trabalho mútuo em família e entre elas, mas também pelo exercício da valorização moral do trabalho. O sistema terra-trabalho-família, assim, executava-se dentro de uma divisão social do trabalho numa coexistência entre autonomia e hierarquia.

3.2 Plantar e colher: o saber camponês, trabalho e técnica

O que plantar, como colher? A base do modo de vida do sitiante está no cultivo de cultivares agrícolas, sustentação do sítio. Os bens cultivados possuíam marcadamente tripla função. Primeiramente, fornecer à família a subsistência alimentar, em segundo lugar, abastecer o sítio de produtos para o trato dos animais, também estocados para os períodos de seca e armazenamento de sementes para a plantação seguinte. Por fim, produtos para a troca por outros de valor de uso, muitas vezes associados a ciclos econômicos com a finalidade de permitir acesso à produtos não produzidos na unidade de produção como alguns tipos de alimentos, tecidos, roupas e implementos agrícolas.

É esta relação de produção, troca e uso que define a sociedade camponesa. A circulação das mercadorias ocorre de forma simples. Há o processo de conversão da mercadoria em dinheiro e do dinheiro em mercadoria, pela lógica, segundo Marx (2010),

mercadoria-dinheiro-mercadoria, M-D-M. A circulação dos bens começa com a venda de produtos originários da unidade de produção e termina com a compra de produtos de valor de uso. Contudo, o dinheiro também poderia ser poupado pelos sitiantes em algumas ocasiões como garantia para eventuais necessidades como a perda de uma roça, de um cultivo.

Esta relação entre produção e circulação de bens com suas funções determinadas integrava uma estratégia de sobrevivência. Para Brandão (1995), esta estratégia dentro das sociedades camponesas corresponde à lavoura de excedentes. Alguns itens cultivados, como mencionado acima, tinham a função central de gerar excedentes para a troca, itens que poderiam ser consumidos também pela família ou outros direcionados apenas a função específica da troca.

Nas experiências de João Pedro Barbosa e Benedicta Barbosa notou-se que os sitiantes tinham a cultura de produção de cultivos agrícolas variados que supriam suas necessidades alimentares num contexto de consumo distinto. Conforme já mencionado, uma das funções dos bens produzidos no sítio era de possibilitar a compra de produtos de valor de uso para a família.

> Naquela época plantava de tudo, plantava milho, plantava arroz, feijão, mandioca, milho, pipoca, amendoim, batata doce, porque naquele tempo não comprava quase nada. Criava porco, galinha, então o que comprava mesmo era muito pouquinho. Plantava melancia, plantava abóbora e hoje tem que comprar tudo. Naquele tempo o que comprava era um açúcar, um sal. Óleo, fritava com gordura de porco. Mistura, matava uma galinha, matava um porco. Dividia um pedacinho de porco pra cada um (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

> Eu debuiava mio pra vender pra fazer compra. Também batia, não tinha debuiador. Esperava a Geralda [filha] vim da escola, nem a roupa do uniforme não tirava, subia na carrocinha comigo e ia em Artur Nogueira vender mio pra fazer compra, pra trazer pra casa, pra comer. Eu levava dois saco de mio pra vender que dinheiro era difícil. Cada seis meis que vinha dinheiro (BENEDICTA BARBOSA, 2018).

A variedade de cultivos agrícolas está associada a um processo de transformação da natureza em cultura. É o que Candido (2017), definia como reação cultural às necessidades básicas das sociedades camponesas. Neste sentido, quando trata dos meios de subsistência no campo, o autor traça o caminho da socialização da natureza. Das necessidades e, acrescento, da circunstancialidade, o que é natural e presente passa a ser cultural. Assim, o que é natural passa a ser simbólico.

Deste modo, a divisão e organização social do trabalho na unidade de produção estão diretamente relacionadas a um saber que completa esta seara da vida dos sitiantes.

Plantar, colher e trocar compreende a ação que os move e apresenta-se num todo-complexo de saber. O saber destes camponeses é o conhecimento que surge da prática e da necessidade. É o conhecimento que para Leff (2001), emerge em cada diferente contexto geográfico, ecológico e social.

Nesta mesma discussão, Santos (2010, p. 153), considera que o "conhecimento tradicional é prático, coletivo". Assim, o saber que estes sitiantes desenvolveram, chave para a reprodução de seu modo de vida, consolidou-se como um sistema de apreensão da natureza a partir da percepção, do enfrentamento cotidiano do trabalho. Sistema que dá ao saber dimensão de poder. Como já discutido, o sitiante é aquele que dentro da coletividade do trabalho possui este saber socialmente transpassado. Trabalhar na terra não é uma prática fria. É prática que carrega um saber transgeracional, um saber de antepassados diretos. Contudo, esse saber não é necessariamente reconhecido socialmente.

O saber tradicional, para o autor, é situado. A este tipo de saber, Santos (1989) atribui valor de senso comum. Este senso comum não corresponde a um conjunto de saberes e concepções derivadas e corrompidas da ciência institucionalizada, é, ao contrário, conhecimento que edifica-se no mundo prático a partir da experiência da vida. Notadamente, "o senso comum é indisciplinar e não-metódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder quotidiano da vida" (SANTOS, 2011, p. 108).

O saber que estes sitiantes desenvolveram ao longo de suas experiências, passado através das gerações é, portanto, um saber que consolidou-se a partir das imbricações necessárias à própria vida. A reprodução da vida dos sitiantes, especificamente a prática da agricultura, compreende-se num processo de organização do trabalho em que o saber-fazer é construído, apropriado e partilhado.

A discussão sobre a instrumentalidade no trabalho inicia-se aqui a partir do contexto em que estes sujeitos detinham instrumentos de nível técnico diferenciado, artesanais. A organização do trabalho dos sitiantes foi e é dotada de complexidade (GEMMA; TERESO; ABRAHÃO, 2010). Esta organização compunha o preparo do solo, o plantio, os tratos culturais e com os animais, a colheita, a estocagem e a troca, práticas situadas naquele contexto tecnológico. Um dos bens principais deste processo é a semente, símbolo da dimensão cíclica da produção dos sitiantes, símbolo da apropriação dos meios de produção.

> As sementes de mio, nóis pegava a espiga de mio assim, nóis escoia aquelas espiga bonita assim, nóis tirava um tantinho assim do lado de cá e um tantinho do lado de cá e esse meio assim nóis aproveitava. Vamos supor a espiga de milho dava vinte centímetros. Tirava cinco pra cá e cinco pra cá. Que era aquele meinho mais redondinho. E usava aquele meio, esse pedaço do meio da espiga. Aquele lá nóis aproveitava, que era a semente boa (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

Nota-se que no caso do milho como cultivar agrícola, uma parcela da produção era estocada para a próxima plantação. Para alimentar os animais ou para servir como bem para troca, o milho era crucial para a manutenção da unidade de produção. E suas sementes ficavam armazenadas até o próximo período de plantação. Esta estrutura de plantio, colheita e armazenamento não era concebida desordenadamente. Este trabalho estava diretamente relacionado aos ciclos da natureza, portanto, ao tempo da natureza.

O saber situado dos sitiantes é um saber prático a partir da experiência destes sujeitos inseridos numa realidade social e ambiental. Esta dimensão ambiental diz respeito à influência dos ciclos da natureza na vida destes sitiantes. Alguns autores realizam esta discussão acerca das relações entre as temporalidades da natureza e humana. Os ciclos da natureza são, para Campos (1994), reguladores de atividades relacionadas ao cotidiano e à produção em sociedades em que o ritmo do trabalho e desta produção está diretamente associado ao ritmo da natureza. Nesta relação, emerge um saber a partir da observação e da percepção da natureza. O calendário da produção destes sitiantes, assim, regula-se diretamente com os processos ecológicos presentes em sua vida.

O calendário agrícola é uma medida do tempo. É a construção de um elo entre a temporalidade da natureza e a temporalidade humana. Compreender este elo, para Elias (1998) é entender a realidade humana incorporada à natureza. O tempo de plantar e o tempo de resguardo é uma medida simbólica do tempo que os grupos sociais definem a partir dos ciclos da natureza como referência.

Esta relação entre temporalidades é colocada por Evans-Pritchard (1978) como um sistema social dentro de um sistema ecológico. Assim, o princípio da sazonalidade determina o calendário da produção agrícola. Este fator não é diferente na experiência dos sitiantes envolvidos nesta pesquisa. O sistema ecológico no qual estão inseridos determinou seu ritmo de produção, sobretudo no contexto de níveis técnicos mais artesanais:

> É, hoje a turma não escolhe muito a época de plantar, mas naquele tempo era setembro, comecinho de outubro nóis tinha que plantar, tanto o arroz, o mio. E daí chegava na época do frio a turma falava que não produzia porque era tempo da seca, então plantava na época de setembro, outubro, que na época de janeiro, fevereiro é época de granar o milho, de granar o arroz, então precisava bastante chuva. Então era nessa época que plantava (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

O tempo da chuva e o tempo da seca definiam, assim, o tempo do plantio e o tempo do resguardo. Havia a preocupação de que no período de granar as sementes houvesse chuva suficiente. Estabelecia-se, deste modo, um cálculo de produção baseado no período da chuva e, sobretudo, o desejo de que esta chuva viesse no tempo e na quantidade necessários. No período da colheita, o ciclo lunar também era considerado. As fases da lua influenciavam na dinâmica da natureza, e assim, construiu-se todo um saber a respeito desta influência para os cultivos produzidos.

> Quebrar milho mesmo, quebrar milho muita gente escolhia a lua minguante, daí não carunchava também, que é aquele bichinho. Um bichinho preto. Então a turma colhia na nova se fosse só um pouquinho pra gastar logo, aí podia ser em qualquer lua, mas se fosse pra guardar que nem naquele tempo guardava pra safra inteira né! Então tinha pro ano inteiro, quer dizer, daí então colhia na minguante pra guardar bem. Senão chegava no meio do ano já apodrecia tudo, Mesmo pra vender ou pra tratar da criação não presta mais (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

Este prática de quebrar o milho tratava-se de colher o milho manualmente. Ainda hoje, mesmo o milho sendo colhido através de colheitadeiras onde já sai debulhado, muitos sitiantes separam um parte da produção para guardar para o trato dos animais e esta parte é ainda colhida manualmente. O plantio e a colheita manuais eram as práticas comuns no contexto em que o corpo era o aparato técnico presente que comandava, por exemplo, o arado ou a plantadeira de tração animal. No tempo de instrumentos técnicos escassos, o corpo detinha o poder e a árdua função de promover a produção.

> Pra plantar arroiz fazia risco com cavalo. E outro punhava os punhadinho, nas covinha e ia punhando e dispois o outro ia... A gente punhava e cobria com o pé. E dispois quando nascia, tava grandinho, passava gradinha. Dispois cachava, dava arroiz bão, tem vez que dava seca. Ai maiava no maiadô, fincava um pau no chão e fazia aquela esteira e maiava o arroiz. De cem saco de arroiz, fazia um monte (BENEDICTA BARBOSA, 2018).

A técnica, na experiência destes sitiantes, teve dois contextos. Num primeiro, condizia com uma instrumentalidade de nível tecnológico artesanal, num período em que a produção ocorria num "tempo lento", num tipo de relação de acordo e obediência com a natureza. Outro contexto diz respeito à inserção dos aparatos técnicos e produtivos da agricultura modernizada, aparatos que adiante terão seus efeitos discutidos.

O uso instrumental de objetos não deixa de compreender a técnica, mas é apenas algo derivado de sua essência. Esta essência, para Heidegger (2007) compreende um desocultamento, um desabrigar. Tendo em vista a perspectiva do autor, a essência e a verdade

são dimensões do mundo que surgem a partir da experiência. Assim, a técnica emerge da relação que o sujeito trava com o mundo e que permite seu desocultamento. Nada surge gratuitamente. A técnica, deste modo, é dotada de sentido.

O autor coloca como exemplo os antigos moinhos de vento. O desocultar da técnica nestes moinhos é um desocultar distinto da técnica moderna que extrai a energia da natureza, o desafio à natureza é sua intencionalidade. "O moinho de vento, entretanto, não retira a energia da corrente de ar para armazená-la" (HEIDEGGER, 2007, p. 381). Podemos associar este exemplo do autor com alguns instrumentos técnicos que eram presentes na indústria doméstica dos sitiantes.

> A farinha de milho era socada no monjolo, é um pilão com um saco e é tocado à água, né! Tinha a queda d`água que enche o cocho do monjolo, com o peso da água ele levanta e depois desce e soca. Passava a noite socando milho. O milho, pra tirar o coração, depois colocava na água pra... O processo da farinha é assim... Tem que deixar na água de molho, depois socava e depois ia passando numa peneira que chamava sururuca pra tirar o farelo do milho. Aí ia caindo só milho puro, aí virara um pó. Mesmo, mas milho úmido... Milho... Que ficava de molho no rio, deixava no rio o saco de milho, aí aquele pó quando tava bem fininho tava pronto. Aí é a hora de torrar a farinha nas máquinas. As máquinas distribui no forno certinho, né! Mas manualmente, era na mão, então tem que passar o pó de milho no forno fervendo. Tinha que jogar uma palha no forno pra acender, de tão quente que tava. O pó tinha que ficar embaixo da mão, não podia relar a mão no forno que queimava e não podia deixar muito grossa que a farinha ficava muito grossa. Então tinha que fazer certinho pra ficar aquela farinha fininha. É uma coisa muito artesanal, mas ficava muito boa (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018)

> Esse engenho que tá aí? Fazia melado, rapadura, meu sogro fazia. Igual meu avô. Igual. Só que esse aí é pequeno né! O engenho do meu avô que era João Franco de Campos, né! E, era engenho de ponha um fecho de cana pra dois burro puxar e era encanado, longe e lá longe caia a garapa acoada já, dois mil litro, é um, é um... Como que chama? Aquela coisa, de... Cobre... (BENEDICTA BARBOSA, 2018).

Nestes dois exemplos, a fabricação de farinha pelo monjolo e a produção de derivados da cana-de-açúcar como o melado e a rapadura pelo engenho (figura 18), podemos observar que a técnica apresenta-se numa espécie de engenhosidade artesanal. De fato, o monjolo movido à força da queda d`água e o engenho movido à força animal não são criações destes sitiantes, mas são técnicas que, desocultadas na trajetória da experiência humana, constituem também um saber-fazer passado através das gerações.

FIGURA 18 – ENGENHO

Fonte: T. E. P., 18/01/2018. Engenho presente no sítio de Benedicta Barbosa.

Pensemos, a partir da reflexão de Heidegger (2007), sobre a essência da técnica, sobre como no enfrentamento do trabalho os sitiantes elaboraram instrumentos para consolidar os processos produtivos em tempos em que a necessidade e a disponibilidade técnica faziam emergir instrumentos "artesanais". Como já mencionado, no cultivo do arroz os grãos eram retirados da planta pelo processo que denominaram como "malhar" o arroz. E neste processo, o instrumento, o malhador ou batedor, era construído pelos próprios sitiantes.

> Nóis fazia o batedor na roça, de fincar quatro pau. Fincava quatro pau e pegava pano de saco de açúcar, fazia aquele panão grande e punhava em volta. De quatro pau e deixava um lado aberto, punhava três lado e deixava a frente aberta. E forrava o chão com pano também. Hoje usa plástico. Naquele tempo era pano porque não tinha plástico. E nóis fazia um banco. Um banco era que nem uma mesa cheia de pauzinho redondo assim. Pra você por um metro e poquinho assim, por quase um metro também e enche de pauzinho redondo assim. Ou então tipo ripa, mas ripa era difícil, então pauzinho redondo, que nem pauzinho de vassora. Aí nóis cortava com ferro, bardiava nas costas, fazia o feche e trazia ali. Nóis chamava de batedor e daí nóis fazia o feche assim e batia, batia em cima daquele banco. O banco cheio de ripa assim. Cheio de pauzinho. Batia né! O arroz tava sequinho, né! O arroz caia e jogava palha e daí de tarde ensacava. De tarde ensacava e punhava na carroça de boi, na carroça de cavalo e levava embora. Difícil a pessoa que não tinha um terrero na porta da casa. Aí deixava pra secar, depois que colhia deixava secar e aí passava vassora em cima, tirava aqueles mais ruim pra deixar só o arroiz furinho (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

A ideia do desocultamento da técnica pode relacionar-se com a perspectiva de Dejours (2012b) sobre a dimensão real do trabalho. Para o autor, no enfrentamento do trabalho há todo um processo de e criação a partir de uma situação posta. O trabalho, assim, envolve toda uma mobilização do sujeito diante do que lhe está imposto. É um momento elaborativo que, então, faz aparecer a técnica.

A técnica que até então estamos tratando é uma técnica que por vezes é julgada como antiga, rústica e de baixa produtividade. Pelos exemplos dados acima, vemos que a

instrumentalidade para o trabalho está enquadrada como artesanal. Esta dimensão "artesanal" muitas vezes é classificada como atrasada no ponto de vista do "progresso" técnico. Contudo, esta técnica compreende um desocultar distinto do contexto moderno em que o desdobramento da técnica é racional e, sobretudo, exploratório.

O preparo do solo para o plantio, o manejo do solo e a colheita no contexto técnico diferenciado do mundo contemporâneo eram realizados a partir de uma instrumentalidade em que a força do corpo e a força do animal nos instrumentos de tração animal eram a fonte de energia. Neste contexto, havia uma integração entre fontes de energia e instrumento numa relação corpo-animal-técnica (figura 19). Todavia, esta integração nem sempre era harmônica ou simples, ela realizava-se em contextos de resistência do animal e do próprio sitiante.

FIGURA 19 – BENEDITO DELGADO COM ARADO DE TRAÇÃO ANIMAL

Fonte: acervo pessoal de José Benedito Barbosa. Benedito Delgado é tio materno de José, sem data.

O manejo do solo neste contexto técnico operava-se mediante uma instrumentalidade dependente da força do animal. Todo o processo passava pela aplicação de três principais técnicas. O arado tinha a função de tombar a terra, ou seja, revolvê-la para o plantio. A gradinha tinha a função de colocar terra mais próxima aos pés das plantas quando começassem a crescer, processo que denominam de "chegar a terra". Para diminuir o tamanho dos agregados de terra, o "terrão", ou melhor, para afinar a terra usava-se a grade. E o uso da

carpideira tinha o propósito principal de arrancar o mato que crescia junto às plantas (figura 20). Posteriormente surgiu também a plantadeira e a adubadeira de tração animal, processos até então realizados manualmente.

FIGURA 20 – INSTRUMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL: ARADO, GRADES E CARPIDEIRA

Fonte: T. E. P., 01/05/2018. Da esquerda para a direita: arado, gradinha, carpideira e grade triangular. Instrumentos pertencentes à família de Firmino Aparecido Pinto.

Cada cultivo tinha uma forma específica de colheita. Como vimos, o milho era "quebrado", colhido manualmente, amontoava-se as espigas que no final do dia de trabalho eram recolhidas para serem armazenadas. Trabalho coletivo, assim com a colheita do arroz. No tempo da colheita, os sitiantes organizavam-se entre famílias e vizinhos. O arroz era colhido manualmente, com um ferro (figura 21) e levado até o batedor, como já descrito.

FIGURA 21 – FERRO DE COLHER ARROZ

Fonte: T. E. P., 01/05/2018. Instrumentos pertencentes a Firmino Aparecido Pinto.

Na experiência destes sitiantes, alguns cultivos eram produzidos com base em ciclos econômicos. As narrativas revelaram dois ciclos econômicos que atravessaram suas vidas. Notadamente, o ciclo do algodão e da laranja. Cada um com suas especificidades técnicas de produção e de colheita. Atualmente, há expansão da cana-de-açúcar nos bairros onde estão presentes os sitiantes, no entanto, neste novo ciclo, ocorre um processo de alienação produtiva a partir do arrendamento das terras, ou seja, os sitiantes arrendam suas terras para usinas que realizam todo o trabalho, desde a preparação do solo até a colheita. Adiante, esta especificidade será discutida.

Retomando a questão dos ciclos econômicos, Brandão (1995) considera que em muitos casos camponeses se apropriam determinados cultivos agrícolas como forma de produção de excedentes. O autor parte do exemplo da expansão do café na região do vale do Paraíba do Sul, contexto em que as famílias camponesas separavam uma parcela de terra para a produção de cultivos de acordo com os ciclos econômicos do mercado regional. Para cada ciclo havia, assim, um rearranjo da força de trabalho familiar. Deste modo, os ciclos passavam, mas a as estratégicas de reprodução camponesa continuavam.

O ciclo do algodão compreendeu um contexto produtivo destes sitiantes em que a valorização do produto no mercado regional acabou direcionando-o como cultivo comum nos bairros. Este momento econômico, este ciclo, promoveu a formação de um saber-fazer específico. Assim, diante do algodão, de seu plantio e de seu crescimento, os sitiantes foram construindo este modo de fazer, o elaborando na experiência, no enfrentamento cotidiano do trabalho.

> Algodão plantava que nem planta arroiz e mio, na plantadeira. Depois quando crescia tinha que rarear [retirada de pés menores e mais fracos] tudo num tamainho assim. Não podia deixar muito porque depois encabeçava, né! Então tinha que enrarear, rua por rua, tinha que enrarerar tudo o algodão. Daí ele crescia mais forte, mais bonito, dava bola mais grande. Aí chegava a hora certa e a bola abria, abria na época das planta, aí vinha o mio, o arroiz, algodão, tudo junto. Pra colher o algodão arguns punhava jacá, outro punhava uma cesta bem grandona assim e tinha que levar duas ruas com as duas mãos e a gente ia enchendo o balaio. Era bonito aquele tempo. (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018).

Pensemos em como emergiu a concepção da necessidade do processo colocado por Isabel, notadamente a prática de “rarear”. Para o crescimento regular do pé de algodão os sitiantes tinham, então, a prática de retirada manual de pés de algodão menos desenvolvidos para não comprometerem os pés mais vigorosos. Quem os ensinou? Trata-se, assim, de um

tipo de técnica desenvolvida através da observação e percepção dos sitiantes nas situações de trabalho.

A demanda para a colheita do algodão passou a trazer para o contexto dos sitiantes outro tipo de organização do trabalho. Ainda que as famílias, os vizinhos e os camaradas constituíssem a força de trabalho, passou a ser comum o emprego de força de trabalho externa. Eram as chamadas turmas, trabalhadores da região, normalmente de áreas periféricas dos municípios vizinhos recrutados por um atravessador, o turmeiro. Este tipo de trabalho intensificou-se sobretudo no ciclo da laranja. Deste modo, o ciclo do algodão compreendeu um tempo de cultivo, um tempo de apropriação de um cultivar agrícola, sobretudo pelo crescimento do mercado regional.

> Plantação de algodão foi até 89, 90. Depois já não teve algodão mais. Já não produzia mais. A colheita era manual. Vinha turma de fora da cidade pra colher algodão, mas era tudo na mão, não existia máquina. Vendia pra Teka e pra Caio de Artur Nogueira. Inclusive a Teka trabalha até hoje, né! A Caio fechou, não trabalha mais (SILVIO BENEDITO DELGADO, 2018).

A técnica não resume-se à instrumentalidade. Na prática destes sitiantes, também havia um saber-fazer voltado às formas de cultivo, de conhecimento de plantas, um conhecimento ecológico (GEMMA, 2010). É algo que Woortmann (1997) chamou de consorciamento, um tipo de associação entre plantas, uma cooperação entre plantas que ocorre para além das necessidades do sitiante. É um processo do tempo e do espaço da produção na qual era indispensável observar e construir um saber acerca das melhores relações entre as plantas.

> Plantava arroz, milho. Enquanto fui crescendo compramo uma plantadeira, nóis riscava. Mas antes era tudo no enxadão. Pra baixo desse mato aqui meu pai plantava junto com os Delgado, concheava com o enxadão, ponhava a semente e o milho crescia. Quando o milho tava amarelando você ia carpir debaixo e plantava feijão da seca. Lidava com feijão em baixo do milho porque pra ajudar tinha sombra, né! Colhia um feijão que era joia. Plantava na sombra do milho, um feijão mulatinho (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

No contexto do ciclo da laranja, os sitiantes foram se apropriando e elaborando saberes e técnicas a partir das necessidades emergidas no cotidiano do trabalho. Alguns deles cultivavam as próprias mudas (figura 22), conhecendo as especificidades deste cultivo a partir da experiência e da familiarização com a planta, com suas exigências, temporalidades e qualidades.

FIGURA 22 – PREPARAÇÃO DE MUDAS DE LARANJA

Fonte: acervo pessoal de José Benedito Barbosa. Na foto: seu filho Marco Antônio Barbosa, sem data.

A formação das mudas de laranja exigia um engajamento diferenciado pelos sitiantes. Quando um modo de fazer advém externamente, passa por um processo de apropriação. A transmissão descritiva do trabalho e de uma técnica não é suficiente para seu aprendizado. É indispensável que esta prática seja experimentada. A formação das mudas envolve um processo, um ciclo, desde a semeadura, até o momento certo do enxerto:

> Eu formei muda. Tirava semente do limão sabe, semeava um canteiro de limão e depois mudava em fileira. Depois enxertava, deixava com três galho, formava, pegava e plantava, né! Todo mundo fazia isso só que não usava mais nada de veneno, né! Depois foi começando a aparecer a praga, aí foi acabando o viveiro, acabou tudo, aí não teve mais, né! Depois passou pra estufa. Quem vendia as borbulha tinha que ter registrado o pomar dele pra cortar. O Toninho Borges tinha, o pomar dele era registrado pela casa de agricultura, então todo mundo pegava borbulha dele pra enxertar por que já tava aparecendo praga, né! Borbulha é aquela coisinha da folha, você corta o galho assim... Corta o galinho assim, tira as folha e faz com o canivete. Primeiro nóis enxertava, tirava só a casquinha, era difícil, sabe. E com a ráfia [plástico para manter o corte feito no caule da muda fechado], depois veio um negócio de você tirar com madeira e passava uma ráfia inteirinha, tampava tudo, sabe? Passava quinze, vinte dias, você cortava já tava tudo pegado. Cê cortava, sabe? Ficou muito mais fácil (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Assim, a organização do trabalho integrava um saber-fazer indispensável para a continuidade do sítio enquanto unidade de produção, um saber-fazer construído e praticado diante das necessidades e diante das especificidades de cada cultivar agrícola. Um conhecimento para além de ser uma construção cognitiva, além dela, é um saber incorporado.

3.3 O corpo que sabe, o corpo que sofre: trabalho e sublimação

Todo o processo de saber-fazer, de uso e elaboração da técnica e de conhecimento das dinâmicas da natureza compreende um comprometimento dos sitiantes diante de suas condições, diante das circunstâncias. Como argumenta Antonello (2001, p. 39) "a energia física e mental de cada membro que compõe o grupo familiar é direcionada a um projeto em comum da reprodução da família camponesa", ou seja, o rendimento familiar. Esta energia física e psíquica (termo que permite abordar a dimensão afetiva, mais que "mental") anima o processo de trabalho dos sitiantes. Este trabalho, além de ser socialmente organizado, consolida-se também na incorporação do saber, para Dejours (2012b), na corpopriação.

Apoiado na perspectiva da psicodinâmica do trabalho o autor o considera a partir de suas implicações, da ação do trabalho: "gestos, os saber-fazer, o engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir a diferentes situações, é o poder de sentir, de inventar, etc" (DEJOURS, 2012b, p. 24). O trabalho, assim, é ação no mundo que configura uma ação interna do sujeito. O trabalho tem este duplo efeito, ao produzir algo, quem trabalha forma-se. Podemos partir do próprio aprendizado do trabalho como forma de produção e formação do sujeito.

> Na verdade trabalhar mesmo, quando vinha da escola já ia levar alguma coisa pro pai comer, eu já ia pra ajudar a olhar as criança mais pequena, então já ia na roça, ia fazendo alguma coisinha. Começou assim, já logo quando tava no quarto ano, por exemplo, ou antes até, daí eu já ia na roça, pra olhar as criança por que trabalhava pertinho, né! Trabalhava aqui em baixo na Dita, minha irmã. Então ajudava a olhar as crianças. E ali foi começando, aprendendo. Não é que trabalhava, tava aprendendo. E alguma coisinha, se o pai e a mãe tivesse com sede, buscar um garrafão de água, um litro de água. Um litro de água já ajuda, né! Então, ali tinha café, então a mãe com o pai ponhava nóis pra catar café, varria e depois ainda sobrava café embaixo do pé, naquela época dizia que não podia deixar que dava praga, derrubava algum caroço de café do pé, catava do chão, essas coisinhas ia fazendo, né! (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

Deste modo, no contexto destes sitiantes, o que ocorria era o processo de aprendizagem sócio-subjetivo. A aquisição do saber constituía-se pela familiarização com o trabalho já na infância. No cotidiano do trabalho, na partilha da vida com a família, ocorria a construção de um mundo próprio. Este mundo, contudo, era uma versão interna, subjetiva, da condição de sitiante.

Para Dejours (2012a), a edificação da inteligência, do saber-fazer, do saber-comunicar e do saber-pensar não realiza-se apenas na esfera subjetiva do sujeito. Na

subjetivação do trabalho ocorre também uma encarnação, a subjetividade é experimentada pelo corpo. Desta maneira, há uma dimensão de corporeidade inerente ao aprendizado.

O autor retoma a mitologia grega e compara a deusa Métis à inteligência do corpo. No mito, Zeus apaixona-se pela deusa detentora da astúcia e do saber. Ao saber que Métis esperava um filho, Zeus a engole para conservar em si a inteligência da deusa e para impedir que nascesse um filho dotado da inteligência dos pais. Zeus, assim, guardou toda esta inteligência em seu corpo, inteligência advinda das suas víceras.

Esta metáfora é base para Dejours (2012a) consolidar a ideia de que a experiência afetiva do corpo é a forma pela qual consolidam-se as habilidades, a sensibilidade, a sagacidade e a obstinação no cotidiano do trabalho. Assim, ocorre o processo de corpopriação, o corpo passa a saber. O corpo sente e sofre e o sujeito mobiliza-se para vencer o sofrimento.

Podemos tomar como exemplo as experiências de aprendizado e de corpopriação vivenciadas pelos sitiantes. Cada contexto da organização social do trabalho, cada contexto técnico e econômico trouxe a eles formas singulares de subjetivação. A corporeidade destes sujeitos formou-se a partir do mundo em que lhes foram dados e neste processo cada um consolidou seu mundo.

> Eu tinha treze anos quando ensinaram eu a arar terra. O arado entra na terra, cê torce pra cá as direita, ele sai, ele quer sair, torna até que ele pega a direção. O boi chegava, acostumava, parava ali e virava sozinho. Era burro, cavalo. Eu com minha prima Antônia, é uma irmã aquela uma lá, aquela é uma irmã, minha prima Antônia. E nóis trocava o dia com ela. Ela arava pra nóis e dispois nóis ia arar pra ela (BENEDITCTA BARBOSA, 2018).

Na narrativa de Benedita observa-se que os sentidos do corpo eram aprimorados na medida em que o trabalho era realizado. No contexto de uso de instrumentos artesanais os quais o corpo era a fonte central de energia e direção, este mesmo corpo sentia e media esta força até dosá-la na intensidade necessária. É um sistema corpo-técnica que é também um sistema corpo-técnica-animal. O animal também é um corpo que aprende, mesmo não tendo a consciência do trabalho. No trato do solo com os instrumentos de tração animal há toda uma complexidade. Além de equiparar o animal com o arado ou outro implemento agrícola, quem o conduz mede a necessidade de força necessária dependendo da ductilidade do solo e está atento ao animal.

> Depois que apareceu a plantadeira, daí riscava com o burro, com riscadorzinho e você ia atrás com a plantadeira, sabe, a plantadeira dupla. Então ponhava o adubo, ponhava a semente, já aliviou, sabe, já ficou muito mais fácil, sabe? E tem que tolerar o animal. É pior do que dirigir um trator automático. Puxar arado de burro já viu, né? Só que o burro aprendia, o burro e o boi aprendia certinho, né? Aquele burro preto que nóis tinha pegava e ia em cima certinho, nem no pé da planta não pisava, o burro é mais inteligente que nóis, né! (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

As habilidades são desenvolvidas através de um processo de subjetivação da técnica, dos objetos de trabalho. O corpo, para Dejours (2012b) é um corpo situado no mundo, é um corpo que é sujeito, que é comprometido. O corpo reage pela ação. É apropriado socialmente, contudo, também se apropria do mundo. E assim, o trabalho passa a habitar o corpo.

O trabalho realiza-se pela simbiose entre corpo e técnica. Simbiose que forma uma subjetivação. Para cada situação, para cada instrumento e tipo de trabalho, há um saber consolidado que também se transforma na medida em que encontra novas dificuldades e desafios. Com o aparecimento do trator outra simbiose consolidou-se, neste contexto, os braços passaram a guiar outro tipo de instrumento, mobilizando uma nova percepção.

> O primeiro tratorzinho que o tio Firmino comprou ele nunca dirigiu. O tio Mané [Manuel Barbosa] ensinou eu a andar de trator, dirigir um pouco. Então, o tio Firmino comprou esse tratorzinho novo 50 x zero. Então eu trabalhava pra ele. Não é que eu sabia né... Ali também fui aprendendo, por que isso aí quanto mais você trabalha mais você aprender, né! É igual criança quando vai na escola, quando mais vai mais aprende e assim fui aprendendo (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

Ingold (2015) também realiza uma discussão a respeito das relações entre objeto e habilidade técnica. Ao refletir sobre a ação de serrar uma prancha de madeira num sistema corpo-serra-prancha, o autor analisa todo o engajamento do corpo, da intencionalidade da força a ser aplicada, da melhor posição para a ação, dos olhos e ouvidos atentos ao processo. Há um ritmo, há uma sintonia.

É o que chama de acoplamento entre percepção e ação. É um empreendimento multissensorial que o sujeito aplica e desenvolve. E nesta medida o corpo guarda o saber, o corpo lembra-se a cada nova ação desta intencionalidade. O trabalho não é, deste modo, uma ação apenas racional. O saber-fazer revela-se quando o sujeito encarna o processo de trabalho, quando o conhecimento transcende seu espaço cognitivo, quando o corpo sabe.

Pensemos nas experiências de trabalho até então mencionadas. A incorporação do trabalho pelos sitiantes compreende um sistema social e de corpopriação distintos. Na colheita do arroz, cada sujeito segurava uma quantidade correta de pés para cortá-los com o ferro, não

muitos para não comprometer o corte, forte e certeiro, nem pouco para não prolongar demais o trabalho. No momento de malhar o arroz, quanto de força era necessária para que os grãos saíssem dos pés em maior quantidade? Na colheita do algodão, qual a forma melhor de puxá-lo do pé sem deixar resquícios, sem arranhar-se?

Estas são questões que só poderiam ser respondidas diante da situação de trabalho, cada sitiante subjetivou seu modo de ação a partir das diferentes demandas impostas pelo cotidiano do trabalho. Estas respostas estão alocadas em seus corpos. Para além da intencionalidade da força, os sentidos do corpo estavam todos comprometidos com a vida e com o trabalho. Por exemplo, na percepção do ponto exato para a estocagem do arroz após a secagem:

> A função do terreiro era secar o arroz. Todo cereal se não secar a umidade embolora, perde, então tem que secar. E depois usava o terreiro pra fazer a colheita, trazia o arroz no pé ainda. Todo terreiro tem uma tulha do lado já, acoplada, porque aí já chegava a noite ou não dava tempo ou podia formar chuva, já guardava o arroz, no outro dia colocava de volta e deixava secar até ficar no ponto e eu aprendi também. Meu pai testava se o arroz tava bom ou se tava no ponto seco no dente. Quando ele mordia e quebrava ou estralava... Se não tivesse duro tava bom, esse é o ponto do arroz. Aí ficava estocado (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Todavia, há uma dimensão do trabalho que esteve presente nas falas dos sitiantes: o sofrimento. O trabalho na roça exigia um enfrentamento das intempéries. Permanecer debaixo do sol ou tomar chuva eram submissões comuns para além das demandas físicas e psíquicas. Em tempos em que o corpo era a fonte principal de energia, o sofrimento estava diretamente relacionado à exaustão.

> Arrancar o mato era na unha. Metade perdia a plantação no mato, né! Depois começou aparecer o capim marmelada e aquele outro. Daí ninguém segurou mais o mato, terra boa, apareceu, se não carpisse logo... E aquele tempo chovia um mês as vezes sem parar. Era uma dificuldade medonha. Tudo as coisa era difícil viu, tudo as coisas era difícil. Não sei como o povo aguentou aquele tempo, a saúde que tinha, né! Era pinga, o remédio que tinha era pinga! (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

> Era difícil, difícil mesmo. Cê não alembra, não é do vosso tempo, mais é difícil, meu Deus do céu. O avô vosso [Firmino Barbosa] contava essa, né? Quantas vez ele trabaiava aqui em cima na terra vermeia aqui em cima, levava quase [...] demorava uma semana pra ele arar um alqueire de terra. Quando tava bom de arar, rendia, mas quando tava ruim de arar, pastava. Andava um pedaço e limpava, parava o boi. Ai, trabaiou bastante. Tudo nóis era assim, não era só ele, era tudo nóis nessa base (FRANCISCO DELGADO, 2018).

A questão que surge, assim, remonta às forças internas de cada sujeito em superar as dificuldades do trabalho e em como tornar o sofrimento um afeto ativo. Há em todo

trabalho coletivo, segundo Dejours (2012b), uma mobilização de cada sujeito. Para além da necessidade material e econômica do trabalho, há uma dimensão simbólica, ou seja, a espera de um reconhecimento diante dos quadros morais do grupo.

A tradição cristã e católica dos sitiantes tem papel fundamental diante dos valores morais cultivados pelo grupo em relação ao trabalho. O corpo entendido como transitório, encontra no trabalho árduo o livramento do pecado. Para Brandão (1995), a moral católica sobre o corpo o considera como um momento da alma na terra, normalmente momento de dor e sofrimento a espera da redenção.

> Eu levantava às quatro horas. Cá lamparina de querosene. Tinha, o calipá aqui pra cima. Campiando vaca pra tocar pra trazer na mangueira pra tirar leite. Amansava a vaca. Eu pegava cavalo, montava e ia campear gado que escapava. Era cavaleira de primeira ainda, porque eu cuidava de cavalo pro meu pai. Meu pai tinha cavalo de corrida. Cortava grama, lavava, escovava, trabaiei pro meu pai que nem uma escrava. Não recebi nada da herança dele e tô vivendo até hoje com a graça de Deus (BENEDICTA BARBOSA, 2018).

Ainda que a espera pela redenção tivesse uma força divina, na vida cotidiana dos sitiantes também se apresentavam elementos com dimensão de justificativa divina ou terrena para o esforço do trabalho. O sofrimento muitas vezes pode ser elevado como caminho para a grandeza. O trabalho ordinário e a vida no campo, na roça, também podem ter sua beleza.

> Eu ia na roça também, tempo de carpina, se tinha, a gente ajudava bastante, né! Carpia arroz, carpia feijão. Era difícil, mas a gente era acostumado, né! Era até gostoso, a gente tinha bastante saúde, né! As vezes vinha em casa almoçar, as vezes levava comida. Se fosse mais longe levava, quando era mais perto vinha, assim era... (BENEDITA APARECIDA BARBOSA DELGADO, 2018).

> Toda vida nóis teve horta, até o tempo que, acho que faz um 55, 58 anos nóis tinha horta no rio. Olha a cabeça do repolho! Três cabeça ocê não trazia embora. Alho? Quando nós plantava alho no rio nóis trazia de jacá. Olha hoje! Pra plantar aqui na horta, a horta pequena não dá, tem que ser horta grande. Era uma fartura né? E quando começava a trançar o alho então? Enchia a cerca de... Era até bonito de ver. Plantava na beira do rio por causa da água. O pai fez um poço dentro da horta, então tinha tanta água que não precisava nem tirar água, cê enfiava o regador lá no poço e tirava água, né? Ai que beleza, né? Maravilha de Deus, né? (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018)

O cotidiano do trabalho tinha suas dores, mas também suas gratificações. Prezava-se e rogava-se muito uma boa saúde para continuar o trabalho e muitas vezes ela era deixada nas mãos divinas. A fartura e a roça vingada resultado do trabalho podem também ser a sublimação presente na vida dos sitiantes, na qual o sacrifício do corpo diante de uma necessidade coletiva é, enfim, recompensado.

3.4 O tempo da modernização: o trabalho diante da agricultura racionalizada nos ciclos do algodão e da laranja

O tempo da modernização diz respeito ao período de consolidação de um projeto político-científico ocidental, notadamente, um modelo de racionalização dos meios de vida o qual foi tomando corpo a partir das revoluções das ciências no século XVI (SANTOS, 2011). Este projeto constituiu-se pelo engajamento de uma classe político-científica que teve como propósito apropriar-se minuciosamente da natureza, dando a ela papel de objeto separado da sociedade.

De acordo com Santos (1989), desde os últimos séculos até os dias de hoje a ciência tem promovido um regime de pensamento linear, de "progresso", subjulgando formas de saber práticos e tradicionais em nome de uma legitimidade institucionalizada. A ciência moderna exata e da natureza tem criado um paradigma epistemológico, ou seja, um pensamento hegemônico.

O autor salienta que esta ciência não está mais preocupada com os fatores que a mobilizam e sim com o desdobramento tecnológico que pode promover. A virtude da ciência, assim, é a sua capacidade em viabilizar a técnica. Técnica a qual tem seu destino no mundo produtivo. As demandas do capitalismo têm atravessado a ciência. Na perspectiva de Leff (2000), a expansão do modo de produção capitalista conduziu a articulação entre ciência e acumulação. Diante da necessidade de racionalização e de extração da mais-valia relativa, tem ocorrido a cientifização dos processos produtivos.

Na perspectiva de Heidegger (2007), o desocultar, o desabrigar da técnica moderna é o desafiar. A sociedade moderna tem solapado as relações de sentido com as coisas e criando-as como meros objetos instrumentais para a exploração da natureza, dando a ela valor de disponibilidade, restituindo-a como bem para a manutenção da vida e tornando-a recurso para exploração e criando mecanismos para a intensificação desta exploração, manipulando-a com o objetivo de torná-la cada vez mais instrumentalizada.

No campo da agricultura a modernização ocorreu com o desenvolvimento e adesão do pacote tecnológico da "revolução verde". Este pacote correspondeu à mecanização da produção agrícola e adoção de insumos e agroquímicos para a correção de solo e controle de pragas e de sementes manipuladas. O modelo de agricultura da "revolução verde"

constituiu-se pela cultura intensiva individual de culturas agrícolas de forte dependência de matéria-prima externa, notadamente produtos químicos (SHIVA, 2003).

Este modelo passou a ser difundido a partir da segunda metade do século XX. No Brasil o Estado, sobretudo na década de 1960, teve papel fundamental para a entrada e disseminação deste pacote tecnológico. Para Delgado (2001), a política desenvolvimentista brasileira neste contexto promoveu um processo de modernização conservadora no campo da agricultura, mantendo as estruturas sociais de dominação e incorporando a elas e junto delas o paradigma produtivo da "revolução verde".

Na esfera da vida e da experiência dos sitiantes as técnicas da modernização foram sendo incorporadas gradativamente, trazendo mudanças significativas em seu modo de produção. A disponibilidade de recursos técnicos expandiu-se e incentivos financeiros passaram a possibilitar a adequação da agricultura em diferentes escalas, ao novo modelo produtivo.

> Lembro. Acho que foi em 68, 69 por aí ou antes um pouquinho. Meu pai comprou um tratorzinho a gasolina, um Ford, fordinho. O ano do trator era 55, era novo quase, por que tava com pouco mais de dez anos, né? Hoje tem aí trator com mais de 40 anos com quase 50 anos. Então, esse foi um trator nosso, mas seu avô [Antônio Pinto] já tinha um desde 1961. Já era óleo diesel, trator maior, importado, David Brown. Então teve uns sitiantes maiores que tiveram trator antes, mas nóis ainda tava utilizando boi, búfalo e cavalo. Compramo mais tarde um pouco. depois em 1973 o BCN, o banco BCN abriu um crediário facilitando a compra de máquinas agrícolas, cinco anos, com juros bem baixos. Ai todo mundo comprou um trator novo, inclusive nóis. Compramos um Massey 73 e temo até hoje. Massey Ferguson 73. Tinha até mais antigo, né! Desde os anos 50 tinha Massey Ferguson, mas nos compramos o 73.165 e ainda tem ele até hoje. Aí facilitou, ampliou também as áreas que a gente cultivava porque a gente tinha... A minha avó tinha um sítio aqui, mas era tudo pasto, como que ia mexer? (...). Meu pai já tinha já tinha comprado um pedacinho de terra também. Mas aí quando chegou o trator, daí facilitou mais, né! Daí o próprio manejo... A preparação ficou melhor, então facilitou bem mais. Daí já teve a expansão da laranja, ai melhorou, né! Entrava recurso, foi muito bom, o trator foi a salvação da lavoura (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

A incorporação do trator na vida dos sitiantes constitui-se simbolicamente como o novo motor para o trabalho (figura 23). O trator possibilitou principalmente a expansão das áreas de cultivo anteriormente limitadas devido a disponibilidade técnica. Também, determinou o avanço sobre a dependência da natureza para o manejo da terra como, por exemplo, a necessidade de esperar a chuva para arar a terra.

FIGURA 23 – TRATOR MASSEY FERGUSON

Fonte: T. E. P., 01/05/2018. Trator mencionado por Firmino Aparecido Pinto, Massey Fergusson, 1973.

Deste modo, os tratores e os implementos agrícolas (figura 24) passaram a integrar o sistema produtivo dos sitiantes os quais foram se adequando a uma nova forma de trabalho. O controle do animal para arar a terra passou a ser o controle do trator. As áreas de difícil acesso passaram a integrar os espaços de cultivo, a produtividade da terra aumentou e a relação temporal entre trabalho e produtividade acelerou-se.

FIGURA 24 – TRATOR MASSEY FERGUSSON (50) E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

Fonte: T. E.P. (2018). Imagem a: trator Massey Fergusson 50 pertencente à José Benedito Barbosa, trator conhecido como cinquentinha. Imagem b e c: arado e grade pertencente a Francisco Delgado e imagem d: pulverizadeira de Silvio Benedito Delgado.

A mecanização aliada ao controle químico das produções acabou modificando a natureza coletiva do trabalho dos sitiantes. Agora, no controle do trator, a prática tornou-se mais solitária. O engajamento coletivo foi sendo substituído gradativamente pelo motor do trator, símbolo de um "novo" tempo para a agricultura. A individualização foi um dos efeitos da mecanização do trabalho de acordo com Firmino: "O trabalho que a gente fazia junto não faz mais por que depois veio o trator, né! Essas coisas, assim, que pouca gente tinha, mas agora todo mundo conseguiu comprar máquinas, aí individualizou, né! Ninguém fazia nada pros outros mais, né!" (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Além da mecanização, no pacote da agricultura racionalizada também estavam os insumos químicos, ou seja, os adubos e os agrotóxicos. A prática da agricultura, assim, passou a ser centrada no uso de produtos químicos como forma de controle de pragas. Os agrotóxicos começaram a ser conhecidos pelos sitiantes já na cultura do algodão (figura 25).

FIGURA 25 – PULVERIZAÇÃO DO ALGODÃO

Fonte: acervo pessoal de José Benedito Barbosa. Seus filhos pulverizando plantação de algodão, junho de 1983.

Assim, os agrotóxicos, mais conhecidos como venenos pelos sitiantes, passaram a integrar o cotidiano do trabalho. Na imagem acima observa-se que o corpo está voltado para o controle do trabalho, um controle químico, para além de ser fonte de energia, muitas vezes sem reconhecer os riscos graves de contaminação dos indivíduos e da natureza. A enxada e a

capinagem foram sendo substituídas por produtos químicos despejados nas plantas e no solo. Para José Benedito:

> O que mais pulverizava no algodão era por causa do bicudo. O bicudo começou a aparecer na maça do algodão e caia tudo no chão. Aí tinha que pulverizar duas ou três pulverização, tudo pro bicudo não atacar. Do bicudo chamava o nome de praga. Era que nem uma vaquinha mesmo que ia certinho na maça do algodão, ele entrava dentro da flor, a flor já caia e o algodão ia acabando (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Desta maneira, observa-se a incorporação do modelo produtivo pautado no uso de agrotóxicos em geral como meio de controle de pragas. A praga que José menciona, o bicudo, acabou sendo o agente causador do fim deste cultivo pelos sitiantes dos bairros. O algodão tornou-se cultivo comum nos bairros, principalmente por demandas de indústrias de processamento do produto em municípios vizinhos, até seu momento de declínio. O algodão cultivado desta maneira compreendeu uma monoculturalização. A monocultura facilita o desenvolvimento de doenças e pragas e assim o seu próprio declínio. O algodão foi substituído pela laranja, outra monocultura, sem questionamento deste modelo da "revolução verde".

Paralelamente a esta crise, a laranja passou a ser a principal produção na região. Em Limeira passou-se a instalar empresas de processamento de laranja como a Citrosuco e a Cutrale, de acordo com os sitiantes. Estas indústrias tinham a produção voltada para o suco concentrado e detinham o monopólio da circulação do produto (OLIVEIRA, 1986). O crescimento deste setor foi, assim, responsável pela expansão da cultura da laranja no estado de São Paulo. A produção de citros acabou sendo incorporada pelos sitiantes como meio de produção de renda, abrindo um novo ciclo econômico que trouxe consigo a necessidade de incorporação de um modelo produtivo específico, conforme narraram Margarida e Antônio.

> Pesquisador: Quando começou aparecer a laranja? Por que antes não tinha, né? Quando vocês eram crianças não tinha laranja?
>
> Margarida: Não.
>
> Pesquisador: Ela foi aparecendo aos poucos?
>
> Margarida: Eu falo pra eles sempre do tempo que eu era criança mesmo, tinha dez anos, quinze anos, até vinte anos, né? Tinha uma árvore de laranja lá que dava até trinta caixa de laranja. Tudo amarelinha, não tinha pinta preta, não tinha doença, não tinha nada, não pulverizava, não fazia nada. A árvore era enorme, do tamanho daquela árvore que tem ali na frente quase. Mas tinha muito pouca laranja.
>
> Antônio: Quando nóis casamo [23/07/1960] mesmo tinha um pomarzinho de laranja Bahia em cima, lembra? Dai que nóis formemo aqui em vorta de casa, lembra? Plantemo quatrocentos pés, né?

> Entrevistador: Tinha que comprar mudas?
>
> Margarida: Comprava muda, nóis fazia também, era muda plantada no chão mesmo. Tem lembrado isso? Que era plantada no chão mesmo. Enxertava lá, arrancava e plantava. Quando era novo a laranja, era pomarzinho novo, plantava mio, arroz dentro, né? Depois que formava não plantava mais nada.
>
> Pesquisador: A laranja quando começou já tinha que pulverizar?
>
> Margarida: Desde novinho, desde novinho precisava pulverizar já.
>
> Pesquisador: E vocês lembram que veneno usava naquela época?
>
> Antônio: Enxofre.
>
> Margarida: Dithani na muda.
>
> Antônio: Quando nóis comecemo era enxofre e dithani, né? Depois foi mudando outros venenos que eu nem sei falar o nome.
>
> Margarida: Torque, pra que quê é isso?
>
> Antônio: Ah, é. Isso, torque, verdade sim.
>
> Pesquisador: E manipulava com cuidado esse veneno ou não?
>
> Antônio: Tinha que ser com cuidado, só que gente era meio [...] Porque hoje em dia eles tem um aparelho lá, mas já viu o povo, né? Ninguém usava isso. Ia pulverizar de qualquer jeito.
>
> Pesquisador: Não tinha proteção?
>
> Antônio: Nada, nada, nada. Ah, fazia mal. Os moleque [filhos] ia pulverizar e ficava vermeiando!

A produção de laranja para os sitiantes dos bairros, bem como no próprio município de Limeira acabou tornando-se monocultura de produção intensificada. O cuidado com os pomares realizava-se pelo controle de pragas através de agrotóxicos, produto que aos poucos foi adentrando na cultura dos sitiantes, muitas vezes provocando contaminação e intoxicação aguda e crônica. Na colheita, as famílias já não davam conta devido a demanda de trabalho e esta atividade passou a ser realizada por trabalhadores externos, as denominadas turmas como já mencionado.

A ascensão da produção de citros ocorreu, sobretudo, devido a valorização deste produto no mercado naquele contexto, como relata José abaixo. Por um período, o preço da laranja determinou a expansão de sua produção pelos sitiantes dos bairros. Tornaram-se assim, especialistas, citricultores.

> A laranja foi o ouro pra nóis. Foi de 80 a 90, né!? Esses dez anos foi o ano da laranja, sabe? Tudo que você plantava de laranja você vendia pro suco, recebia uma entrada, barbaridade, depois vinha o resto. A laranja foi pra nóis a melhor coisa que teve aqui no nosso estado (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Muitos sitiantes, para além de fornecerem laranjas para as indústrias, também colocaram suas produções no mercado chamado “de mesa”, ou seja, vendiam em mercados centrais como os Centros Estaduais de Abastecimento, os CEASA’s. Para este mercado alguns sitiantes construíram os chamados “Barracões de embalagem”, onde o fruto passava por um processo de separação, lavagem e embalagem para serem entregues nas CEASA’s. José Benedito e seus filhos tinham um barracão, hoje desativado (figura 26).

FIGURA 26 – EMBALAGEM DE LARANJA

Fonte: acervo pessoal de José Benedito Barbosa. Na foto, seu filho João Roberto Barbosa, out. 1990.

A produção da laranja acabou entrando em declínio por duas questões: uma econômica e outra produtiva. Segundo os sitiantes que forneciam toda a produção para as indústrias, o mercado internacional passou a interferir no preço e na demanda pelo produto. As grandes indústrias como a Citrosuco e a Cutrale, detentoras da circulação da mercadoria da região passaram a ter fazendas próprias, promovendo uma marginalização da produção dos sitiantes. Ainda, esta produção acabou tornando-se cada vez mais insustentável. Aos poucos as doenças foram se intensificando, apareceu o greening, uma doença que para muitos simbolizou a queda final da citricultura.

> A crise da laranja é que os Estados Unidos começou a produzir muita laranja e a crise mundial... Esses grande país que comprava a laranja, o suco, dava valor pro suco, né? Não pega mais, não pega. Agora acabou, não tem mais. A turma pensa pra comprar, sabe? Pode ser que endireita ainda, mas e a praga? Depois começou a dar uma amarelinha na laranja. Cair tudo, já começou a dar ferrugem. Começou a aparecer essas pragas aí que acabou com tudo. Esse tal de greening, né? Greening. Essa foi a derrota da laranja, ninguém aguentou. Ainda tem lugar que a turma tratou bem, não deu. Mas agora este ano vai largar porque não compensa mais o veneno.

> Você passa o veneno, dali quinze dias volta tá ali a praga outra vez. É o descontrole que fala, né? Mataram os bicho bão que devoravam os outros, é assim, né? (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Os baixos preços e a dificuldade de acesso ao mercado para a laranja passaram a ser uma barreira para a continuidade de sua produção. Esta produção acabou tornando-se cada vez mais dependentes de adubos químicos e agrotóxicos, insumos de alto custo cada vez mais necessários para manter os pomares. Para Firmino, como posto abaixo, este quadro permitiu reflexões a cerca da conjuntura que lhes estava sendo posta.

> O comércio e as grandes indústrias aproveitaram do povo. Tão simples que é o nosso povo brasileiro, um povo que tá começando a acordar e eu acho que tem muito pra acordar ainda. Eu acho que tá praticamente dormindo. Mas socaram goela abaixo, né! Ao invés de ter outros meios, um orgânico, alguma coisa devia ter feito. No começo que não tinha muita praga eu acho que tinha jeito de ter consertado, mais com a oferta, né! Como o povo tinha recurso e a praga parecia mesmo. Não sei como que essa praga veio. Mas eu acho que o desgaste né... O desgaste do solo... Tudo é assim, né! Quando começa a produzir uma coisa só no lugar aparece o inimigo, né! Em tudo existe isso. Você começou a fazer uma coisa boa aparece o inimigo. Então na cultura também não é diferente, então eu acho que foi isso. No começo não tinha aquela cultura, então não tinha a praga também, depois que começou... Degradou muito a terra... Os produtos químicos. Hoje tá difícil até de produzir, qualquer cultura tá difícil de produzir hoje. Tá aparecendo praga em tudo. Coisa que não tinha até pouco tempo atrás. Na mandioca, por exemplo, no milho, nunca ouvi de precisar, hoje tá precisando pulverizar o milho. Então tá cada vez mais difícil. Eu acho que é por causa do desgaste, né! Vamos dizer assim, é um lugar velho. Antigamente era um lugar novo. Então é diferente, né! Cê vai desbravar um lugar novo não tem tanta praga, vai aparecer, mais não tem. É mais ou menos isso... É uma coisa natural, né? Mas o agrotóxico eu acho que foi um pouco imposição das grandes indústrias, assim como faz com remédio, né! Hoje em dia as fábricas de remédio faz isso, faz os médicos e taca remédio no povo. Por quê? a questão é econômica das grandes multinacionais que estão aí produzindo. Então o agrotóxico é mais ou menos parecido com isso (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Nota-se que houve um processo de subordinação do trabalho dos sitiantes, de sua energia enquanto força produtora e da renda da terra, de seus sítios, aos ditames do capital comercial e industrial e de uma agricultura inserida ao modo capitalista de produção. De acordo com Oliveira (2007), a renda da terra consiste no lucro oriundo da apropriação das riquezas produzidas na terra e pelo trabalho da terra.

De um lado, as indústrias de suco passaram a se apropriar dos cultivos dos sitiantes como matéria-prima para, assim, lançar e comandar a circulação deste produto no mercado, obtendo um lucro sobre o lucro, um sobrelucro. Este mecanismo também foi utilizado pelas fábricas de insumos químicos ao obterem lucro a partir do uso de seus

produtos para a produção agrícola nas terras dos sitiantes. Um claro processo de acumulação capitalista a partir da renda da terra pela subjugação do trabalho e da terra camponesas.

As indústrias de suco de laranja ao volatilizaram os preços do produto tolheram sua produção como forma de obtenção de renda pelos sitiantes e esta volatização se intensificou a partir do momento em que as indústrias de suco passaram a ter suas fazendas, um processo de subordinação absoluta da renda da terra. Paralelamente, a dependência de insumos industrializados de alto custo também inviabilizou sua produção.

Conjuntamente a esta questão, está todo o desequilíbrio ecológico promovido pelo atravessamento deste modelo de agricultura. O uso e o contato intensivo com produtos químicos acabaram reverberando no enquadramento destes sitiantes aos riscos oriundos da modernidade. Riscos que para Beck (2011) são cada vez mais ampliados para além da dimensão socioeconômica. Na modernidade tardia, como define o autor, há uma distribuição dos riscos científica e tecnologicamente produzidos.

O contato com produtos intoxicantes como os agrotóxicos, a contaminação do solo e da água por insumos químicos, o desequilíbrio ecológico e a diminuição da diversidade agrícola são fatores desencadeados pela hegemonização do projeto político-econômico-científico da modernidade. Na esfera da vida destes sitiantes, verifica-se que a extração da renda da terra via setores comerciais e industriais está acompanhada por uma crescente vulnerabilidade socioambiental. A lógica das externalidades, assim, passou a comandar o modo de vida destes sujeitos.

3.5 A expansão da cana-de-açúcar nos bairros rurais e a questão do trabalho e da renda da terra

A dificuldade de produção pelos sitiantes de cultivos comuns em suas unidades de produção como o milho, além da laranja, tem feito com que muitos deles arrendem suas terras para a produção de cana-de-açúcar. Em relação ao milho, as queixam enquadram-se nos custos das sementes muitas vezes superiores ao valor do mercado na hora da venda. A mandioca, por exemplo, muito comum na região, por vezes é um cultivo alternativo, mas a sua produção tem enfrentado problemas de acesso ao mercado.

De acordo com os sitiantes, o arrendamento é realizado pela empresa Grupo Bom Retiro sediada em Artur Nogueira, município vizinho. Esta empresa é produtora de cana-de-açúcar e também fornecedora da matéria-prima para a Usina Açucareira Ester S. A. de

Cosmópolis, município também vizinho, destino da maior parte da produção realizada na região. Ainda que a cana tenha sido a alternativa para a obtenção de renda pelos sitiantes, não há um consenso sobre sua viabilidade.

> Planta mandioca não vende, né? Quando muitas vezes planta, aí na época de colheita abaixa o preço. Ainda a turma quer plantar mandioca porque não gasta tanto, mas o milho tem muito gasto, tem muito gasto. Então não planta mais, caríssimo a semente de mio. Então tomei uma decisão que o Osni [filho] queixa muito de dor no braço, tem que cuidar lá no sítio dele lá com a sogra dele, lá tem gado, tem tudo. Ele não podia ficar trabaiano, né? Carregar saco de adubo pra punha na plantadeira, isso e aquilo. Então nóis tomemo uma decisão de arrendar pra cana. Mais não me arrependo nada, melhor coisa que nóis [...] Aqui nóis pegamo ainda pra arrendar pra cana agora que a cana deu uma alta muito grande, né? Esse ano que passou (MARGARIDA MILK PAES, 2018).

> Não tenho um pingo de vontade de arrendar pra cana. Eu acho que é tudo ilusório. Cê pega, por exemplo, se você tivesse cem alqueire de terra e arrendasse por quatro cinco mil reais o alqueire que é mais ou menos o que corre aí, cê pegava 400 mil real por ano, beleza, podia parar tudo, vendia trator, mas cê tem o quê, mixaria, cinco, seis alqueire, cê vai arrendar por 4 conto, é 24, vai dois conto por mês. Cê faz o que? Vai passar fome. Com dois conto por mês passa fome. Só se for embora, mas arrumar um serviço? Com 65 anos arrumar serviço? Aposentadoria não da nem pra pagar energia e comida. Então não sei o que quê vai acontecer, né! (JOÃO BATISTA FISHER, 2018).

Há outros fatores que influenciam na decisão pelos sitiantes em arrendar suas terras como, segundo João, o tamanho da propriedade (figura 27). Alguns deles separam uma parcela de seus sítios para esta atividade e deixam outras parcelas para plantarem milho para alimentar seu gado e até mesmo para cultivarem a mandioca como alternativa.

FIGURA 27 – PLANTAÇÃO DE CANA NO SÍTIO DE ANTÔNIO E MARGARIDA PAES

Fonte: T. E. P., a: 06/02/2018, b: 08/05/2018.

As questões que se apresentam neste quadro da expansão da cana nos bairros relacionam-se com a apropriação da renda da terra num novo contexto referente ao trabalho dos sitiantes. Na citricultura o processo de apropriação da renda da terra pelas indústrias de suco ocorria também pelo trabalho. Os sitiantes construíram todo um saber-fazer acerca da produção de laranja e eram quem plantavam e cuidavam dos pomares, assim, trabalhavam na terra.

Na cultura da cana todo o trabalho é externo. O sitiante arrenda suas terras e todo o processo de preparo do solo, do plantio e da colheita da cana fica nas mãos daqueles que arrendaram suas terras. Plantam a cana e depois voltam com as colheitadeiras. Os sitiantes que arrendaram todo o sítio já não trabalham mais integralmente na própria terra.

3.6 Narrativas da história do presente: aonde chegamos?

Muitos dos sitiantes têm substituído quase por completo seus cultivos pela cana. Além das dificuldades de mercado, a questão da força de trabalho também tem pesado como justificativa para esta substituição de cultura. Esta questão diz respeito à falta de força de trabalho para a manutenção da unidade de produção, ao envelhecimento dos sitiantes e a baixas perspectivas pelos mais jovens em relação à vida nos sítios, como descreveu João Pedro:

> E hoje procê plantar uma muda de laranja leva, vamos supor, quatro anos pra começar a produzir. Só tem gasto e o dinheiro meio curto, então eles prefere arrendar pra cana e as pessoa de idade já estão de idade, né! E as pessoas mais novas não quer, vamos dizer, as vez trabaiá no sitio, eles quer um emprego, né! Daí tem que arrumar emprego, tem décimo terceiro, tem folga, tem feriado, tem tudo. E nóis no sitio... Ah... Se tem uma laranja pra pulverizar, nem que seja um domingo tem que pulverizar, um dia de feriado, sempre tem uma vaca pra correr atrás, um porco, essas coisera. Então, e a pessoa tando trabalhando, arrenda. Chega o dia, a usina paga ele e ele não tem... Não precisa gastar óleo diesel, não precisa arrumar trator, não precisa. Não tem esse serviço, né! O dinheiro dele é garantido (JOÃO PEDRO BARBOSA, 2018).

Este quadro, contudo, ainda não levou a uma entrega total das terras dos sitiantes à cana nem desmantelou o espírito coletivo. Há a construção no bairro dos Frades da Associação dos Produtores Agrícolas de Limeira, a APAL (figura 28). Trata-se de uma associação que recebeu e tem recebido recursos do Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas (PEMH), derivado do Programa Nacional de Microbacias Hidrográficas (PNBH).

A associação foi em 2005, a gente fez um curso no Sebrae, umas 25 pessoas fez o curso ali na prefeitura, num ponto da prefeitura e esse grupo quis montar uma associação e vender produto direto pra merenda escolar, coisa assim e tal. Só que foi tudo ilusório. Promessas do prefeito, não saía do papel. Ficava com promessa, nóis ia fazer um entreposto lá na incubadora que tinha lá em Limeira, não sei se você conheceu a incubadora que tinha lá no Nossa Senhora das Dores. Tinha lá, arrumamos um lugar pra ficar, aí a prefeitura tinha que fazer a adequação. Mas não saia do papel, só promessa, promessa de vinte e poucos sócios venho pra 14, 15. Aí passou anos, o escritório que a gente trabalhava ele cobrava até um pouco exagerado na época e o pessoal não pagava a mensalidade, dez real por mês que a gente pedia pra pagar esses custos e não saía do papel, o pessoal foi saindo, aí teve uns problemas sérios, o escritório me ligou, por que eu era vice-presidente, e acho que era do setor financeiro e ele falou olha seu João a partir de agora a gente não vai ser mais seu contador, que tá difícil, tá três mês sem pagar e tal. Aí eu pedi pra ele aguardar que eu tava viajando, voltei, fui lá conversar com eles. Acertei com eles, continuaram trabalhando pra gente, paguei a conta, 400 e pouco reais que tava devendo lá e ficou aquele grupinho muito pequeno. Só que tem um amigo, o Celso da Copercitrus que faz mais de, faz mais de dez anos que ele faz uma palestra, agora esse ano ele parou por que ele mudou o serviço dele, não tá mais em Limeira, tá fazendo a região de Aparecida, e ele fazia palestra lá na igreja são Francisco e eu cheguei pro pessoal, pessoal que está aí, o Valdir, o Joaquim, o Adriano, o Cidinho, uns oito, dez e o Celso deu aquela reforçada e consegui mais. Acho que voltou mais oito sócio, se não me engano, aí foi pra 14, 15 de novo. Aí a gente colocou tudo em ordem, quando foi em 2012, 2013 acho que 2014, não lembro certinho, o pessoal da CATI [Coordenadoria de Assistência Técnica Integrada] nos procurou a respeito dessa verba do governo do estado de são Paulo que é a Microbacia pra associações e cooperativas, se nóis queria se adequar, se adaptar. Fizemos, tinha que ter no mínimo dezesseis sócios com DAP [Declaração de Aptidão ao Pronaf], nos já tava com uns 25 sócios, acho que nóis tava, foi aumentando. Fizemos projeto com a prefeitura, tivemos que pagar o projeto, perdemos o primeiro projeto, um pessoal de Araras ou de Leme fez, mas não aprovou, aí fizemos o segundo, inclusive o pessoal da Unicamp que fez, como que chama lá? Integra, conhece? Eles fizeram pra conseguir aprovar o primeiro projeto, 200 e tanto mil reais, aí fomos procurando, foi difícil achar um espaço pra fazer, mas o seu Aparecido Donizetti Pinto cedeu aquele espaço lá, ai agente conseguiu e ai fizemos um outro pedido, Microbacias II, por que era muito baixo o valor que nóis pedimos, chegamos a 800 mil pro governo repassar pra gente e outros 30% que nóis vai pagar, pagamos. Pagamos e estamos pagando ainda os maquinários. Agora tá pronto o galpão, tá pronto o cercado tudinho. As maquinas da compra dia 23, 24 [de abril] agora deve vir as maquinas que nos compramos lá em Ribeirão Preto, máquinas de higienizar, certificar, cortar, britadeira, aquelas coisas tudo. E agora, no meu pensamento é o maior problema... Maior problema não, um grande problema é a questão da produção. Ta todo mundo desatualizado, não sabe fazer esse tipo de plantio, por exemplo verdura, legumes. Tem mandioca, um pouco de laranja, um pouco de frutas, mas o que a gente precisa muito é legumes e verduras, né! Por que provavelmente a gente vai entrar com um... Entregar nas merendas escolar tudo em Limeira, como na região, bem certificado pra fazer tudo isso aí. Temos agora, a CATI também tá dando uns cursos, teve agora quinta-feira passada, pra fazer com que a gente mude de... Transição que chama. Mude da citricultura e passe ser... Só que o pessoal não tem vontade de ir, cê vê, ninguém quer ir no curso. Tivemos um curso lá perto da Saíra lá em cima, no Santa Helena [bairro rural de Limeira] e ficamos depois do almoço, da 13 hora até de tarde fazendo sistema de, eu sou meio contra, sistema de orgânicos, acho meio difícil mas... Com o tempo a gente pode até se encaixar, mas por enquanto é difícil [...] (JOÃO BATISTA FISHER, 2018).

FIGURA 28 – ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS DE LIMEIRA

Fonte: T. E. P., 31/01/2019.

De acordo com Neves Neto (2016), o Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas compreende uma política pública que vem sendo estruturada desde a década de 1980. Esta política visa fomentar via participação direta de pequenos agricultores a produção agrícola que promova também preservação ambiental e manejo adequado de recursos naturais como o solo e água. Trata-se de uma política que congrega a dimensão ambiental e econômica.

A adoção por um grupo de sitiantes a este programa revela a tentativa de superação das dificuldades de produção via acesso à política pública. A alternativa compreende acessar mercados regionais e institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Contudo, como mencionou João Batista, a questão que se mostra é a dificuldade enfrentada pelos associados em produzir cultivos requisitados pelos mercados institucionais ou mesmo pelo mercado regional. O esforço está em fugir do modelo da monocultura da laranja que ficaram amarrados e produzir – ou voltar a produzir – maior diversidade agrícola.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos sitiantes, a vontade de permanecer no lugar onde nasceram e viveram a vida toda apresenta-se como uma força de resistência. Permanecer não significa apenas um enfrentamento às questões de renda, às questões econômicas, permanecer é lutar pelas raízes. Trata-se de caminhar na contramão.

> Não teria coragem de largar esse lugar. Nem penso nisso, mas a não ser que exista uma necessidade enorme né... O tempo passa, a idade chega, os filhos já não interessa muito, né! Mas eu não tenho coragem e não vou fazer. Não vou fazer isso [...] A gente não tem como explicar porque a gente não experimenta outros espaços sabe... É um lugar gostoso, né! A gente fala... Eu falo pra família, pros filhos que a gente tem que cultivar isso, cultivar a amizade dos vizinhos, né! Tem gente que dá valor pra aquilo que tá longe e não é assim... Tem que dá valor pra aquilo que tá perto. É claro que tem... As vezes tem divergência porque tá perto, né! Mas aí cê tem que... Vai ter divergência com quem tá longe? A gente tem que conviver com quem tá perto, né? Então eu passo... Eu prego isso... Por mais que seja difícil nóis temos que preservar as nossas relações em volta, né! Por isso que a gente ainda mantém as tradições da parte religiosa... Então... Nesse sentido, né! É pra manter, além da vivência da área rural, de dentro da mato... É como uma vivência que eu tinha antigamente, da amizade, de vez em quanto um encontro... Tá bem mais raro, bem mais raro, mas a gente tem que preservar tudo isso (FIRMINO APARECIDO PINTO, 2018).

Ainda que não sejam todos os sitiantes de ambos os bairros que estejam engajados na edificação da associação, o grupo que tem se dedicado a sua consolidação vê nela uma maneira de manter seus laços sociais e a agricultura como forma de manutenção da vida. Trata-se de uma geração que preserva os valores do trabalho na roça e do trabalho coletivo. Os afetos diante do lugar em que vivem, as redes solidárias e o ideal de comunidade persistem nesta geração e podem ser, então, potências para resistirem às adversidades das questões que a agricultura camponesa tem enfrentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de realizar uma pesquisa envolvida em memórias ressalta uma forma peculiar de conceber temporalidades e de conceber marcas e trajetórias a partir do vivido pela construção de narrativas da vida. As memórias aqui colocadas e mesmo aquelas que não couberam nesta pesquisa agora encontraram uma canalização, um registro e um sentido. Memórias que também são minhas. A construção narrativa empreendida aqui permitiu chegar a um ponto da trajetória dos camponeses de ambos os bairros, dos sitiantes.

Como discutido no segundo capítulo, os símbolos de uma vida partilhada ainda resistem. A formação remota dos bairros rurais, a sedimentação das famílias e a transformação destes espaços em unidades territoriais dotadas de seus sítios consolidaram um modo de ser social. A escola dos Delgados mesmo hoje desativada está marcada como símbolo de um tempo. A igreja São Francisco de Assis tem seus alicerces profundos. A vida numa comunidade religiosa rural não carrega em si o peso da homogeneidade. Como disse Firmino na última narrativa posta neste texto, "a gente tem que conviver com quem tá perto, né?" Superar as dificuldades da convivência é um exercício cotidiano quando há um propósito de partilhar a vida.

Os sitiantes envolvidos nesta pesquisa formam gerações que marcaram em suas memórias e em seus corpos o sentido da vida enquanto camponeses. Ser-sitiante é mais que debruçar na terra sua força de trabalho, é uma forma de ser-no-mundo. A terra é para o trabalho e o trabalho é engajar-se para si, para a família e para a comunidade. Contudo, vimos que este engajamento é fruto de uma condição, é reverberação do valor moral do trabalho. Trabalho que passou por mutações significativas ao longo da história destes sitiantes e que pode ser tanto fonte de prazer quanto de sofrimento.

Revolver a terra e esperar a planta crescer não foi e não é para estes sitiantes uma ação ordinária. É ação fruto de um empenho transgeracional de construir um saber-fazer, de conhecer o tempo certo da planta e de desenvolver a melhor técnica para o trabalho. Vimos que a questão da técnica e suas transformações repercutiram em mudanças significativas para o trabalho.

A técnica que ora apresentava-se de maneira artesanal realizava-se como um vir-a-ser da experiência. No entanto, gradativamente a técnica construída para potencializar a produtividade no campo foi adentrando na vida destes sitiantes. O trator permitiu expandir as

áreas de cultivo. De certo modo, a "dependência" do tempo da natureza foi sendo vencida. O mato, as doenças e as pragas foram sendo derrotados pelo veneno. A dependência agora passou a ser dos insumos e agroquímicos externos cada vez mais custosos e necessários dentro do modelo de agricultura da modernização.

O ciclo da laranja é uma marca profunda da adoção deste modelo e de um processo de subordinação do trabalho, da produção e da terra dos sitiantes. Em seu princípio, os sitiantes tiveram um retorno favorável em relação à renda propiciada pela citricultura, desenvolvendo técnicas e um saber-fazer específico. Todavia, as grandes indústrias de suco da região passaram a desvalorizar suas produções até que os custos da citricultura ficaram insustentáveis para o retorno que obtinham.

Estes custos de produção, os valores das sementes, dos insumos e dos agrotóxicos acabaram depreciando o trabalho destes sitiantes. As gerações mais novas como relatou João Pedro não querem mais trabalhar no sítio, "eles quer um emprego, né!". Paralelamente a este desinteresse, as gerações mais velhas diante das dificuldades de produção e do empenho da força de trabalho familiar – famílias que hoje são reduzidas em número – estão arrendando suas terras para o setor de produção de cana-de-açúcar. Estão sendo alienados do trabalho da própria terra enquanto os arrendatários determinam os valores do arrendamento e enviam toda a produção para a usina mais próxima, a Usina Açucareira Ester S. A. em Cosmópolis.

Os relatos de João Batista Fisher sobre o projeto da associação – APAL – e de Firmino no último item abrem a reflexão sobre a força que suas gerações mantêm. Lembro-me uma vez João Batista dizendo que para ele a associação era a última chance para a turma do sítio. Esta geração guarda a força do ser-sitiante e o espírito do trabalho coletivo. Talvez esta força e este espírito possam ser potencializados a partir desta pesquisa repercutida entre eles como forma de olharem seus passos. Se esta pesquisa pode ter um viés emancipatório conforme a virada paradigmática proposta por Boaventura de Sousa Santos (2011), pode ser por sua reverberação entre os sitiantes como instrumento político e de autoconhecimento.

> Óh, em primeiro lugar eu peço a Deus que dê muita saúde pra todo mundo que trabalha no sítio, que Deus abençoe e que vá pra frente, que não falte nada. Esse é o maior desejo que tenho pra mim dar pras pessoas, certo! Pra mim, procê, pra todo mundo. Deus que abençoe todo mundo, Deus que dê muita força, muita coragem, muita garra, porque nóis tá precisando disso, certo?
>
> Isabel Ramona Barbosa Delgado, 2018.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba, RS: Agropecuária, 2002.

ANTONELLO, Ideni Terezinha. **A Metamorfose do trabalho e a mutação camponesa**. Aracaju: NPGEO/UFS, 2001.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco:** rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2011.

BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. **Imigração, educação e religião: um estudo histórico-sociológico do Bairro dos Pires de Limeira, uma comunidade rural de maioria teuto-brasileira**. 2001. 302 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253398>. Acesso em: 4 jul. 2018

BOMBARDI, Larissa Mies. **O bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa.** São Paulo: Annablume, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida.** São Paulo: Geic/Cabral Editora, 1995.

CALDAS, Alberto Lins. Transcriação em História Oral. **Neho-História: Revista do Núcleo de Estudos em História Oral,** São Paulo, n. 1, p.71-79, nov. 1999.

CAMPOS, Marcio D`Olne. Fazer o Tempo e o 'Fazer do Tempo': ritmos em concorrência entre o ser humano e a natureza. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria/Ed. UFSM: Ijuí/Ed, v. 8, p. 7-33, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 12. ed. São Paulo: EdUsp, 2017.

DELGADO, Guilherme. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v.15, n.43, p.157-172,set./dez.2001. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9829> Acesso em: 25 abril 2017.

DEJOURS, Chistophe. **Trabalho Vivo:** Sexualidade e trabalho. Vol.1. Brasília: Paralelo 15, 2012. (a).

DEJOURS, Cristophe. **Trabalho Vivo:** Trabalho e emancipação. Vol. 2. Brasília: Paralelo 15, 2012. (b).

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In.: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Vertice, 1990.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Coautoria de Michael Schroter. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Os nuer:** uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo, SP: Perspectiva, 1978.

FERNANDES, Liliana Laganá. **O bairro rural dos Pires**: estudo de geografia agrária. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo/Instituto de Geografia, 1971. 90p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In**.: Entre-vistas:** abordagens e usos da historia oral. Coautoria de Marieta de Moraes Ferreira, Alzira Alves de Abreu. Rio de Janeiro, RJ: Editora da FGV, 1994. 172 p.

FREITAS, Sonia Maria de. **Historia oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo, SP: Humanitas/FFCH: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2006. 141 p.

GEMMA, Sandra Francisca Bezerra. Complexidade e agricultura: organização e analise ergonomica do trabalho na agricultura organica. 2008. 280p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agricola, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/257052>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GEMMA, Sandra Francisca Bezerra; TERESO, Mauro José Andrade ; ABRAHÃO, Roberto Funes . Ergonomia e complexidade: o trabalho do gestor na agricultura orgânica na região de Campinas - SP. **Ciência Rural** (UFSM. Impresso), p. 1-8, 2010.

GULBENKIAN, Comissão. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo, SP: Ed. Cortez, 1996. 151.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Vértice, 1990. 189p.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, v. 5, n. 3, p. 375-398, 1 set. 2007. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11117>. Acesso em: 30 ago 2018.

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In.: HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta**. Trad. Irene Duarte. Lisboa: Instituto Gulbenkian, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder, Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental.** Tradução de Sandra Valenzuela. São Paulo, SP: Cortez, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 7. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 499 p.

LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circustancialidade. In.: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. 27. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2010.

NEVES NETO, Carlos de Castro. Avaliação dos resultados da primeira edição do Programa Microbacias Hidrográficas no estado de São Paulo (2000 – 2008). In.: NEVES NETO, C de C; HESPANHOL, A. N; HESPANHOL, R. A. de M. (org.). **Políticas públicas & desenvolvimento rural no Brasil: os mercados institucionais de alimentos e os programas de microbacias.** Curitiba: CRV, 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas**: dinâmica das relações bairro rural-cidade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A apropriação da renda da terra pelo capital na citricultura paulista. **Terra Livre.** São Paulo, n. 1, 1986.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária.** 1ª. ed. São Paulo: FFLCH/LABUR EDIÇÕES, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011. 415 p. (Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, v.1).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1989.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SZNELWAR, Laerte. **Quando trabalhar é ser protagonista e o protagonismo no trabalho**. São Paulo: Bluche, 2015.

VARGAS, Eduardo Viana; LATOUR, Bruno; KARSENTI, Bruno; AIT-TOUATI, Frédérique; SALMON, Louise. O Debate entre Tarde e Durkheim. **Teoria & Sociedade** (UFMG), v. Espec, p. 28-61, 2015.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. O sítio camponês, **Anuário Antropológico,** 81. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 165-203.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **O trabalho da terra:** a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UnB, 1997.

WOORTMANN, Klaas. Com parente não se neguceia. O campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico,** 87. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Tempo brasileiro, 1990.

Entrevistados

BARBOSA, Benedicta. Depoimento [jan. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

BARBOSA, Idinei de Jesus. Depoimento [abr. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

BARBOSA, Maria. Depoimento [mar. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

BARBOSA, João Pedro. Depoimento [abr. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

BARBOSA, José Benedito. Depoimento [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro Córrego Bonito Delgado ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

BARBOSA, Ruth. Depoimento [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro Córrego Bonito Delgado ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

DELGADO, Benedita Aparecida Barbosa. Depoimento [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

DELGADO, Francisco. Depoimento [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

DELGADO, Isabel Ramona Barbosa [jan. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

DELGADO, Silvio Benedito [abr. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

FISHER, João Batista [abr. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP".

PAES, Antonio [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao

Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

PAES, Margarida Milk [fev. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro dos Frades ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

PINTO, Firmino Aparecido [maio. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro Córrego Bonito Delgado ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

PINTO, Maria Magdalena Barbosa [mar. 2018] Entrevistador: Tiago Evandro Pinto. Limeira, SP, 2018. 1 gravador digital de voz e 1 câmera filmadora. Entrevista concedida no bairro Córrego Bonito Delgado ao Projeto de Pesquisa “Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira – SP”.

APÊNDICE A – ROTEIRO

Programa: Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA – UNICAMP, campus: Limeira-SP

Roteiro para entrevistas referente à pesquisa de mestrado intitulada "Agricultura e memória social: o trabalho de sitiantes dos bairros rurais Córrego Bonito Delgado e Frades em Limeira-SP"

Este roteiro é composto por questões abertas que funcionarão como perguntas disparadoras as quais permitirão acessar os temas que a pesquisa aborda.

1) Qual seu nome, idade e local de nascimento? Qual a origem e dimensão de seu bairro?

2) Quando começou a trabalhar na agricultura?

3) Foi à escola? Fale sobre a formação desta escola?

4) O que o senhor (a) costumava cultivar em sua juventude?

5) Como era este cultivo em relação às técnicas?

6) Qual era o destino dos produtos cultivados?

7) Quando apareceu a mecanização no campo em seu contexto, ou seja, o uso de tratores e máquinas? Como estes instrumentos modificaram o trabalho?

8) Quando apareceu em seu contexto o uso de insumos e defensivos químicos? Quais foram seus principais impactos?

9) Quais as mudanças que vem ocorrendo na agricultura de base familiar o senhor (a) destacaria?

10) Por que razão, em sua perspectiva, vem ocorrendo o avanço da monocultura canavieira em seu bairro?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Agricultura e memória social: experiências do trabalho no campo no bairro rural Frades em Limeira-SP

Pesquisador responsável: Tiago Evandro Pinto

Número do CAAE: 80761817.5.0000.54.04

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Este estudo tem como objetivo resgatar a organização social camponesa e recriar o sentido do trabalho no campo através da memória de moradores do bairro rural Frades em Limeira, São Paulo. Discutir e analisar as transformações no campo no contexto da expansão da modernização da agricultura. Deste modo, a ideia central parte da face social da memória aprendida pela metodologia da história oral. Assim, as mudanças nas dimensões produtivas e socioeconômicas sofridas no âmbito da mecanização e dos paradigmas produtivos da agricultura convencional serão verificados de acordo com a experiência do grupo envolvido na pesquisa.

Procedimentos:

Neste estudo, o pesquisador irá ao seu domicílio para uma visita inicial para explicação do propósito da pesquisa. A partir da sua aceitação em participar deste estudo será marcado o horário e dia para a entrevista de acordo com sua disponibilidade. A entrevista se constituirá em questões abertas e será gravada em áudio. A entrevista será realizada uma vez com duração de 30 minutos a duas horas, dependendo da dinâmica do diálogo. Após a transcrição da entrevista o pesquisador fará um retorno com a intenção de conferência pelo entrevistado e possíveis acréscimos de memórias afloradas após a visita. Será pedido pelo pesquisador a disponibilização, se houver, de fotografias que pertençam ao entrevistado as quais possam contribuir para o estudo. Posteriormente à realização da pesquisa os arquivos de áudio serão armazenados em plataforma digital, notadamente CD-ROM, sob responsabilidade do pesquisador, por 5 (cinco) anos.

( ) Concordo em participar do presente estudo, porém NÃO AUTORIZO o armazenamento da gravação da minha entrevista, devendo a mesma ser descartada após o final desta pesquisa.

( ) Concordo em participar do presente estudo e AUTORIZO o armazenamento da gravação da minha entrevista, sendo necessário meu consentimento a cada nova pesquisa, que deverá ser aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) institucional.

( ) CONCEDO fotografias de meu acervo pessoal para uso nesta pesquisa.

( ) NÃO CONCEDO fotografias de meu acervo pessoal para uso nesta pesquisa.

_____ _____

Rubrica do pesquisador Rubrica do participante

Desconfortos e riscos:

Você **não** deve participar deste estudo caso se sinta desconfortável ao falar sobre suas memórias. Considerando que o ato da lembrança, independente de que nesta pesquisa seja voltado para suas experiências com a agricultura, possibilita o afloramento de passagens da vida que possam nos trazer emoções. Também **não** deve participar caso não haja o desejo de abertura de sua entrevista para pesquisa científica.

Benefícios:

Este estudo traz como benefício a valorização das memórias e da própria experiência do grupo a ser estudado. Esta pesquisa contribuirá para a elucidação das questões principais que envolvem as mudanças no trabalho no campo e suas dificuldades, possibilitando a elaboração de um diagnóstico que possa auxiliar em mudanças entre os camponeses no âmbito de sua prática enquanto agricultores na dimensão de práticas agrícolas distintas ou mescladas ao modelo convencional que possam trazer novas perspectivas produtivas. Diagnóstico que será apresentado aos envolvidos após a finalização da pesquisa sob forma de sugestão por meio de visita e apresentação do trabalho final. E também em possíveis implementações que envolvam o aprimoramento de políticas públicas voltadas ara a agricultura de base familiar por via de apresentação de relatório de pesquisa a instituições envolvidas com a agricultura no município, sobretudo a Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente e a Coordenadoria de Assistência Técnica e Integral – CATI Limeira.

Acompanhamento e assistência:

Após a realização da entrevista haverá a transcrição do material e retorno para eventuais alterações, retirada ou acréscimo de conteúdo de acordo com o desejo do entrevistado. O tratamento do material será devidamente realizado conforme a metodologia proposta na pesquisa e você poderá ter acesso a este material em qualquer fase do estudo. Você será adequadamente assistido durante o processo em caso de dúvidas que surjam ao longo da pesquisa e após sua finalização.

Sigilo e privacidade:

Considerando que a pesquisa tem grau qualitativo e biográfico, sua identificação poderá ocorrer. Todavia, se for seu desejo, terá a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na realização e divulgação dos resultados deste estudo, seu nome e idade poderão ou não ser citados de acordo com sua autorização. Há também a possibilidade de seu nome e idade serem mencionados em outros trabalhos acadêmicos que venham a utilizar esta pesquisa como fonte bibliográfica.

( ) AUTORIZO a divulgação de meu nome e idade para a realização e divulgação deste estudo.

( ) NÃO AUTORIZO a divulgação de meu nome e idade para a realização e divulgação deste estudo.

Ressarcimento e Indenização:

A participação neste estudo é voluntária, sem custo ao participante e não poderá ser obrigatória. Todavia, despesas relacionadas à pesquisa pelo participante como alimentação e transporte devido a eventuais mudanças de local de entrevista em que necessite se deslocar via transporte próprio serão ressarcidas integralmente. Bem como para eventuais acompanhantes caso houver necessidade de sua participação ou presença. No caso de deslocamento do pesquisador ao domicílio do participante, não haverá nenhum tipo de ressarcimento. Você terá a garantia de indenização a eventuais danos decorrentes deste estudo, considerando sua pertinência e análise do

responsável da pesquisa. Os resultados desta pesquisa serão apresentados no texto de redação de mestrado do pesquisador, bem como na divulgação posterior à finalização em formato de apresentação de trabalho, artigo científico ou capítulo de livro.

Em caso de falecimento ou condição incapacitante, os direitos sobre o material armazenado deverão ser dados a:_____.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com Tiago Evandro Pinto, aluno do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. No Laboratório de Ergonomia, Saúde e Trabalho (ERGOLAB), na sala UL 100, Faculdade de Ciências Aplicadas, FCA/UNICAMP: Rua Pedro Zaccaria, 1300, Caixa Postal 1068, CEP 13484-350, Limeira, SP. Tel.: (19) 3701-6674; Celular: (19) 97162-8878. E-mail: tiagoevand@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP das 08:30hs às 11:30hs e das 13:00hs as 17:00hs na Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP's) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Contato telefônico: _____

_____ Data: ____/_____/_____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/_____/_____.

Tiago Evandro Pinto

APÊNDICE C – NARRATIVAS PARA ELABORAÇÃO DO MAPA

João Pedro Barbosa, 2018.

Onde nasci é bairro dos Frades. Lá é Frades, aqui onde moro é Frades. Os Frades é bastante grande né!? Lá no **João Rangel** é Água Espraiada, né?! Acho que de um pouquinho pra cá do João Rangel e pra cá, lá onde o **Cido Manuel [Cido Frades]** mora, lá é Frades ainda. Lá onde é o **Cido Roque** é Frades ainda, né?! Até ali no **João do Nino Gomes** ainda é Frades, ali no João Fisher, é tudo Frades. Aqui acho que a divisa é o rio, do rio pra lá é Pinhal e do rio pra cá é os Frades.

Firmino Aparecido Pinto, 2018.

É bairro Córrego Bonito aqui e como é do lado do bairro que tem maior nome que é o bairro dos Frades as vezes a gente coloca no documento como bairro dos Frades pra identificação , localização melhor pras pessoas, né! Por que a maioria nunca ouviu falar em Córrego Bonito, só que aqui é o nome original mesmo, desde o começo. Não sei por que tem esse nome, o córrego não é muito bonito não, tem um riozinho, um riacho que passa aqui embaixo. O bairro é pequeninho. Desde o **rio [Córrego Bonito],** pega desde a nascente e vai até os Frades que tá próximo ali, entendeu? É pequeninho.

João Batista Fisher, 2018.

Eu nasci no bairro do Pinhal, lá próximo do recanto dos Laranjais. Com quatro anos, cinco anos eu passei a morar aqui perto do Centro Rural e fiquei até 1972 quando casei. Aqui tô desde 1972, aqui é bairro dos Frades. Eu sei que vai até aqui em cima na Nova Campinas e eu sei que pra trás aqui, lá em cima perto do **Stein** dá uns cinco quilômetros e ainda é Frades. Daqui pra cima tem um lugar que chama Barbosão e a divisa não sei muito bem onde é. Aí tem Água Espraiada lá em baixo e tem Pinhal. Frades é um bairro super grande.

Silvio Delgado, 2018.

Aqui é bairro dos Frades. Conhecido como Barbosão, mas fala na prefeitura que é Frades, é grande. Os Frades faz divisa com o bairro **Água Espraiada**, com o **Pinhal** e com os **Pires**. Depois ele confronta com as divisas de Cosmópolis, né! Lá de Cosmópolis não sei que bairro que é, mas aqui é Pires, Pinhal, Água Espraiada e Córrego Bonito. Pro lado de Artur Nogueira é o Muniz. Lá no Muniz é bairro das Palmeiras, já é Artur Nogueira, depois ali na casa do **Val[Norival Delgado] é Campos Sales**, divisa com Cosmópolis. Inclusive ali é Cosmópolis.

APÊNCICE D – NARRATIVAS SOBRE AS SANTAS CRUZES

Santa Cruz – Sítio de Benedito Gomes Barbosa (Nino Gomes)

Bem antigo. Então, sabe o que quê era? Não sei quem é que morava lá não sei onde aí pra baixo, morreu de doença braba. Nem no cemitério podia enterrar. Diz que andaram por meio do agarra-diabo, mas andaram, andaram, picano nos agarra-diabo assim com o homem morto num lençol. Enfiaram um pau no meio lá, naquele tempo, né! Pra achar um buraco, pra achar um vago pra enterrar o homem. Depois que limparam a terra, pertico do Chico Barbosa! Morreu de doença braba, não podia levar no cemitério, pegava nos outros. Parece que andaram, andaram, andaram e ficou ali mesmo. Como que pode, né? No meio do mato cê anda, anda e não sai do lugar (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018).

Enterraram gente lá. Era cemitério, enterrou gente ali, por isso[...]. Tinha a tia do meu pai que enterraram lá. O homem chamava Prudêncio e a mulher chamava Benta, o Prudêncio com a Benta. Rezava missa pra ela ali. O padre vinha de Artur Nogueira, buscava ele e rezava missa ali, por que aquele tempo não tinha a igreja aí pra baixo. Rezava aí. Vinha o padre, todo mês ele rezava missa aí. Ia buscar de charrete (MARIA BARBOSA, 2018).

Fonte: T. E. P., 11/04/2018.

Santa Cruz – Dito Mathias

Ali o Dito Matias que morreu. Ele bebia muito, né! Daí ele foi na venda. Todo dia de tarde ele ia na venda beber pinga. E deram, no lugar de dar pinga pra ele, deram álcool com sar. Daí não aguentou chegar na casa dele. Queimou tudo por dentro, aí ele deitou no pé de laranja, era laranja ali, né! Ele deitou debaixo da laranja, ficou um dia, uma noite e um dia. Ele morreu cozido né? Morreu cozido (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018).

Fonte: T. E. P., 11/01/2019.

Santa Cruz – Neno Leitão

O Neno Leitão. Também foi assim também, bebeu demais. Montou no trator pra vir embora, tava bêbado e caiu, o irmão dele passou por cima. O irmão dele era o Quito Leitão. Não sei... Fizeram de tudo pra abafar. Não conseguiram, né! Acho que quis sair... De cima de terra tudo é esclarecido, ou mais cedo ou mais tarde, não é verdade? Ninguém fica encoberto. Eles fica encoberto um tempo, mas quando esclarecer tudo, não adianta esconder as coisas dos outros. Aparece tudo (ISABEL RAMONA BARBOSA DELGADO, 2018).

Fonte: T. E. P., 30/09/2018.

Santa Cruz – sem identificação

Aí morreu um homem, é muito antiga essa santa cruz aí, e depois passou um tempo... A santa cruz era por causa de um homem, passaram e acharam um homem morto, um andante que andava, deitou, ali morreu dois nessa santa cruz (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Fonte: T. E. P., 29/06/2018.

Santa Cruz – Luís Delgado

Aquela mais de baixo é do Luís, meu primo, que morreu de raio, aquela de baixo lá. Tudo tem a essa... É... O lugar aqui que ficou lembrado... Ah o lugar que aconteceu. Né! Nossa, colega meu! O Luís era meu primo. A noite que morreu pousou aqui, foi embora cedo que o pai dele precisava levai um milho pra Artur Nogueira, depois foi roçar... E era um mês de fevereiro, dia 26 agora faz... Foi em 53. Tava uma seca... Tava acabando. Depois formou uma chuvinha ali pro lado de Engenheiro ali sabe, e ele foi roça cá irmã dele, cá Nirda e o Sebastião, onde tá a cruzinha lá, e deu um raio, um raio, pá! Matou ele no lugar, sabe? E o tio Pedro, o seu bisavô, tio Pedro [Pedro Barbosa] que veio socorrer, ele ouviu o grito na Nirda que veio gritando "acuda, acuda", veio pra baixo, o tio Pedro veio atrás, deixou o Luís morto, depois voltaram, o Dito Delgado com o Zé que (...) voltou também, né? Chegou o Luís tava em baixo da árvore, tiraram da árvore e ponharam de lado. Dai eu cheguei também com o Ditinho Delgado, mas tava morto, sabe? O rosto queimado de um lado, assim né? Tudo... Escuro né... Ia fazer dezoito anos (JOSÉ BENEDITO BARBOSA, 2018).

Fonte: T.E. P., 29/06/2018.

ANEXO A – CARTAZ DA FESTA EM LOUVOR A SÃO FRANCISCO DE ASSIS